REVISTA DA SEMANA

NESTE NÚMERO:



UM RAJÁ NO BRASIL

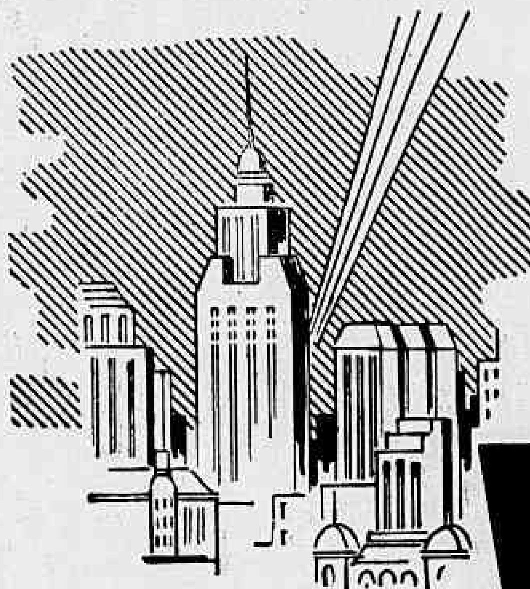
CHEGARAM OS PASTORES GREGOS





RECIFE
MACEIÓ
ARACAJÚ
SALVADOR

diretamente ligadas ao Rio



Realize esplêndidas viagens ao Norte, pelos novos aviões DC-3 mistos da NACIONAL. Descontos de 25%. Magnífico tratamento à bordo e periodo mínimo de tempo.

através da maior rêde aérea do interior

Aracajú	*Campanha*	*Itabuna*	*Pirapora*
Araxá	*Campinas*	*Itajubá*	*Pires do Rio*
Aimorés	*Campo Grande*	*Ituiutaba*	*Piumhi*
Alfenas	*Caratinga*	*Januária*	*Poconê*
Almenara	*Carinharha*	*Jataí*	*Ponta Porã*
Anápolis	*Caxambú*	*Jequitinhonha*	*Ponte Nova*
Araçuaí	*Conquista*	*Joazeiro*	*Pouso Alegre*
Aragarças	*Coromandel*	*Juiz de Fora*	*Poxoréu*
Arc guari	*Corumbá*	*Lapa*	*Re f e*
Assunção	*Coxim*	*Lavras*	*Remanso*
Balisa	*Cuiabá*	*Maceió*	*Rio Verde*
Barra	*Curvelo*	*Machado*	*S. J. Del Rei*
Barreiras	*Diamantina*	*Manhuassú*	*S. Lourenço*
Barretos	*Dourados*	*Monte Carmelo*	*Salvador*
Bela Vista	*Goiânia*	*Montes Claros*	*Teófilo Otoni*
Belo Horizonte	*G. Valadares*	*Morrinhos*	*Tupaciguara*
Bocaiuva	*Guaxupê*	*Passos*	*Ubá*
Buriti Alegre	*Guiratinga*	*Patos*	*Uberaba*
Cáceres	*Ilhéus*	*Patrocínio*	*Uberlândia*
Caiapônia	*Ipameri*	*Pedra Azul*	*Vitória*
Cambuquira	*Iporá*	*Petrolina*	*Xique Xique*

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

Agência de Passagem — Rua Santa Luzia, 685-B — Tel. 32-6119 e 32-7399
Agência de Carga — Avenida Beira Mar, 514 — Tel. 42-9850 e 32-9455

Uma fotografia rara de Sônia, que não gostava de se apresentar de maiô; a linda atriz teve morte trágica na manhã de domingo passado, perecendo no Canal do Mangue. Em baixo: Sônia Ketter — Miss Objetiva 1952 — no dia em que foi solenemente coroada Rainha dos Fotógrafos do Rio de Janeiro. Sônia pertencia ao "cast" da TV-Tupi.





O TRÁGICO MERGULHO DE SONIA KETTER

O TRÁGICO MERGULHO DE SONIA KETTER



Um aspecto do "Cadillac", completamente destroçado, logo que foi içado do Mangue. Por aí podemos imaginar a brutalidade da tragédia de conseqüências tão tristes.



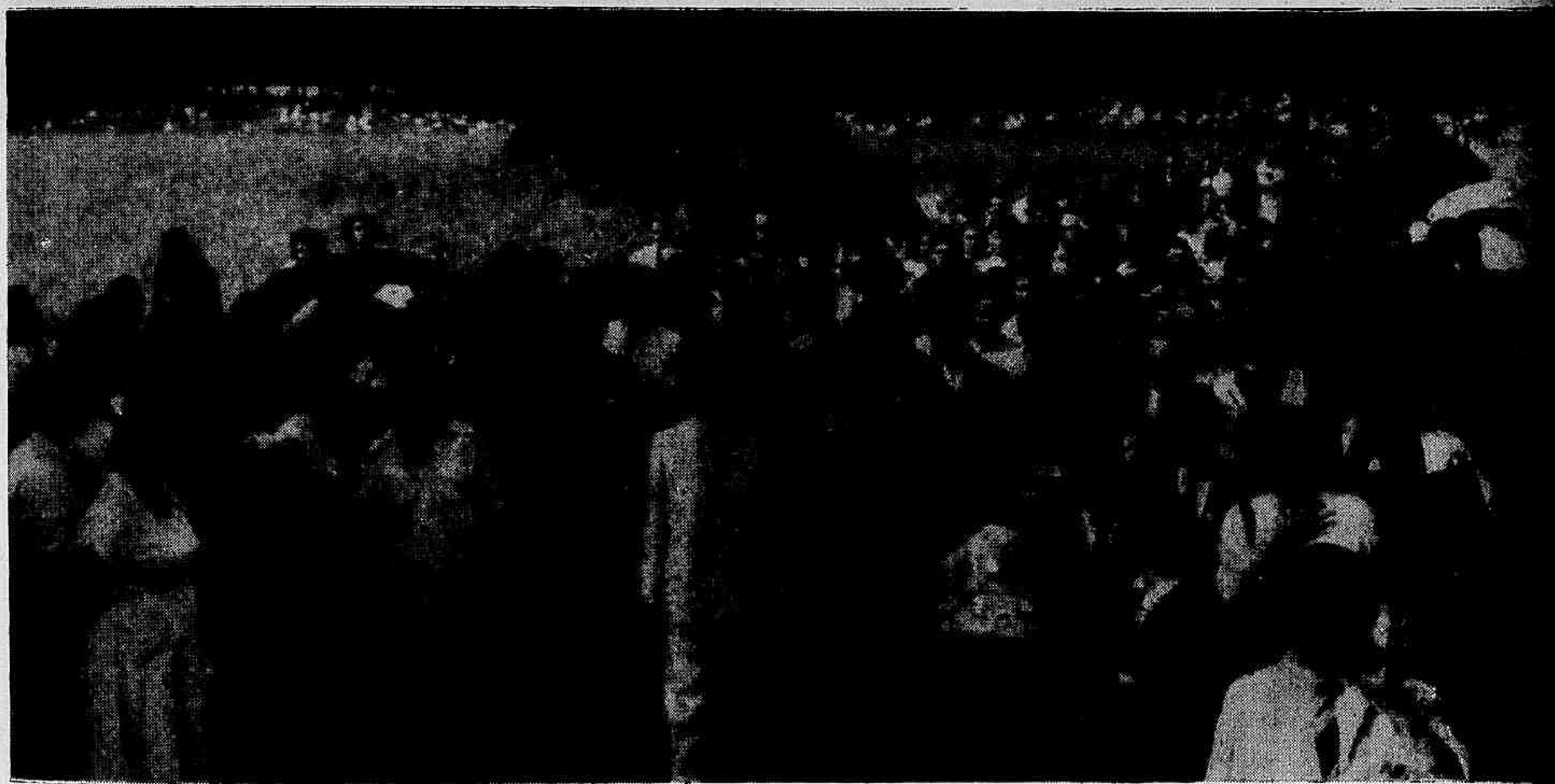
Outra foto do "Cadillac" quando era içado. Os seus inditosos ocupantes ficaram imprensados na sua carroçaria. O veículo partiu a amurada da ponte, caindo no canal do Mangue.

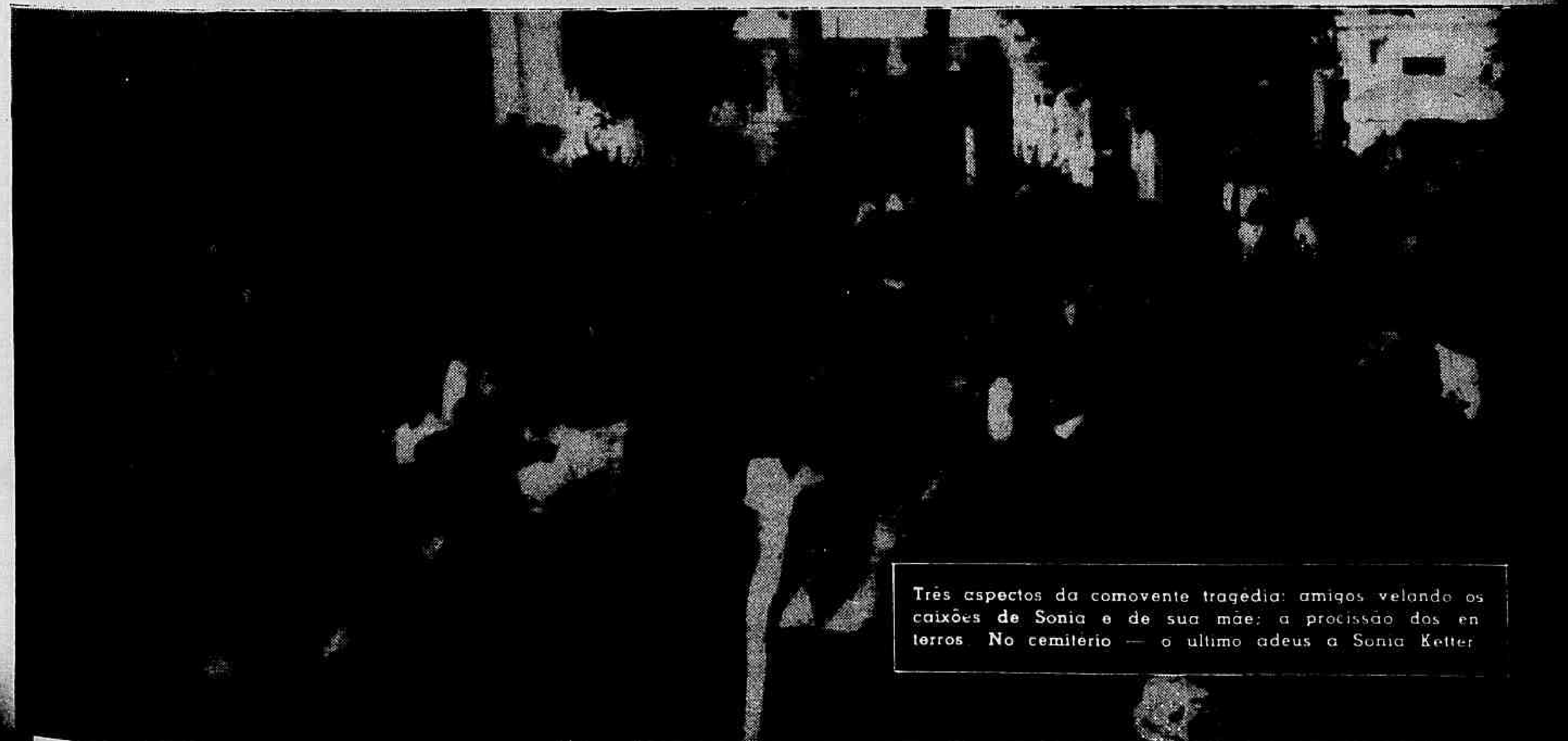


Populares, no local do desastre, assistem à remoção dos cadáveres de Sônia, de sua genitora, d. Milda, e do advogado Haroldo Aguinaga, vítimas de uma cruel fatalidade.

SÃO incompreensíveis os desígnios desta vida. Hoje cinge a fronte com as flores do triunfo, para talvez amanhã orná-la com as flores roxas da grinalda. Assim foi a sua vida **Luísa Sônia Ketter.** Uma curta existência de vinte e um anos, entre as flores da vitória e as mortalhas da tragédia. Deu-lhe a natureza os dons da graça e da formosura e em pouco tempo de vida tinha sôbre a fronte de adolescente sonhadora uma coroa de rainha. Rainha desta beleza que seduz e encanta, era a da "Miss Objetiva" que sabia ser estimada pelos seus dotes de bondade pessoal. Há poucos meses vencia êsse talento novo a sua primeira prova difícil e se firmava na admiração dos que sabem idolatrar a beleza peregrina da feminilidde. Foram flores a lhe juncar a estrada da vida... Sua alma experimentou a sensação da alegria. E Sônia parecia, desde então, fadada a maiores triunfos! Nos meios radiofônicos onde se radicara, como atriz da Televisão-Tupi, brilhava sua estrêla de primeira grandeza. Sônia tinha os seus admiradores, os admiradores de sua arte simples, espontânea e comunicativa. A rainha dos fotógrafos do seu trono de beldade irradiava estima e afeição a uma vassalagem digna de sua realeza espiritual. Mas o destino de Sônia era negro tão negro como a lama negra do Canal do Mangue. Naquela madrugada de 2 de junho espreitava-lhe a morte à passagem da ponte. **Depois de**







Três aspectos da comovente tragédia: amigos velando os caixões de Sonia e de sua mãe; a procissão dos enterros. No cemitério — o ultimo adeus a Sonia Ketter

O TRÁGICO MERGULHO DE SONIA KETTER



Aspecto colhido durante o banquete oferecido a Sônia na Argentina, depois de sua vitória e coroação no Brasil. Na foto: Sônia e sua genitora. À esquerda, em segundo plano, o sr. Aguinaga.



*Sônia aparece na foto entregando o emblema da Associação dos Repórteres Fotográficos do Rio de Janeiro ao sr. Manuel Damiano, presidente da Associação dos Repórteres da Argentina.

instantes vividos numa "boite" onde a vida entorna a taça do prazer, viria a tragédia. Sônia vinha ao volante e com ela viajava a sua genitora D. Milda Ketter e o advogado, pilôto civil e diretor da companhia nacional de transportes aéreos, Sr. Haroldo Aguinaga. Ao atingir a ponte, desgovernou-se o Cadillac, precipitando-se no lamaçal do Mangue. Não houve possibilidade de socorro. Mais tarde eram içados os três cadáveres. Cena pungente seguiu-se logo após. Todos queriam ver na laje do necrotério a linda Sônia morta. Queriam render a última homenagem à desditosa rainha tràgicamente desaparecida. E ela ali estava, imóvel, no seu leito de morte. Seus lábios emudecidos, sua fisionomia rígida transfiguravam ainda naquela palidez funerária uma simpatia irresistível de pesar. Eram as flores roxas que cingiam a fronte da rainha morta no seu derradeiro instante sôbre a terra. Hoje no cemitério de São Francisco Xavier, jaz para sempre aquela que em vida chegou a triunfar... Foi um ligeiro meteoro que resplandeceu para se afundar no abismo de trevas da morte. A saudade de seu nome ficou na lembrança de seus amigos e de todos que lhe coroaram a fronte de rosas ou lhe engrinaldaram o féretro no seu último adeus à vida!...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 24 ★ 14-6-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Reserva moral e moral na reserva (Fernando de Mendonça) 7
O mergulho trágico de Sônia Ketter 3/6
O drama da caravana na tragédia do "President" (Domingos De Lucca Jr.) .. 10/14
Chegaram os pastôres gregos (por Cleo Navarro) 17/21
Um Rajá no Brasil (por Leonel C. Ferreira) 27/33
Presidência do Jockey (por Luiz Moreno) . 55/58

LITERATURA

O pequeno conto (Geo William) 8
Domingo de lua-de-mel (por Carlos Lion) . 35
A Semana Literária (por Edmundo Lys) .. 48/49
Quaresma do meu sertão (Afonso Celso de Oliveira) 26

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/9
A personagem da semana 9
Puxe pelo cérebro 42
Passatempo (Renato Cartaxo) 43
Correio da Revista 54
A Revista há 50 anos 39
Tudo isto aconteceu 52/53

ROMANCE

A Insatisfeita (por Irene Temple-Bailey) .. 22/23

FOLHETINS

Uma aposta temerária 24/25
Amor e ódio 38

FEMININAS

Elegantes (por Ramon) 36/37
Para a presente estação 40/41
O condão partido (Isolete) 42
Para quem tem pele sêca 43
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ... 50
À luz da psicanálise(pelo dr. Luiz Fraga) . 51

CARICATURA

Êste mundo e o outro (por Darcy) 16

NA CAPA:

Janet Leigh (Foto M.G.M.)

RESERVA MORAL E MORAL NA RESERVA

NÃO há nenhum ceticismo em se dizer que uma das temeridades mais brasileiras e substancialmente republicanas, é se declarar, em letra de fôrma, para que todos sintam, leiam e guardem, que se venera um homem público.

Pouco importa que, amanhã, a irreverência coletiva, impiedosa como sempre, descarregue o seu motejo sôbre quem, cheio de boa fé, se tornou, expontâneamente, arauto de um ídolo que tinha os pés de barro. Isto, afinal, incomoda, mas não machuca a intimidade de consciência, que a gente quer que esteja à prova de críticas merecidas. O que apavora, é, mais uma vez, ter-se incorrido num equívoco de tais proporções, a mais dolorosa das descrenças, que é a dos valores morais da terra-mater. E' uma atitude difícil de assumir, essa de um homem responsável perante si próprio, afirmar que o seu compatriota Fulano de Tal, é uma expressão plutarqueana, sem medo e sem mácula, e capaz, de, numa hora aziaga, tornar-se pai da pátria.

Não deixa de ser verdade axiomática aquêle provérbio criado pela alma das massas, de que "uma andorinha só não faz verão". Entretanto, se nos deixassemos influenciar por semelhante filosofia, tombaríamos, vencidos, antes de se esboçar, não uma batalha, mas uma briga de beco.

De modo que, vale a pena arcar com o risco de novos enganos, colocando em redomas de imortalidade, aquêles que, até à data da proclamação de suas virtudes, souberam manter a impecabilidade das atitudes cívicas. Já é inestimável consôlo. Decerto que não estamos a nos referir aos chamados "reservas morais", os que preferem a moita, os caramujos, as penumbras, os silêncios. Sim, o retraimento, a indiferença, a frieza, por parte de certo homens, tudo quanto importe em alheiamento ao que acontece na terra comum, desde os crimes contra o povo até mesmo às realizações salvadoras, é suspeito, é inconfessável, é, em síntese, feio.

Não há diferença alguma entre a conduta esquiva e negativa, que revela egolatria e inércia, e a atividade inconoclasta dos que, por técnica, porfiam em destruir a tradição, que é a súmula da cultura.

Se há diferença, é no sentido de ser preferível enfrentar os elementos destruidores, que têm uma guerra declarada, justa ou injusta, a suportar, freqüentando a sala e a cozinha das nossas confidenciais e dos nossos princípios, aquêles abúlicos, que passam por muito bonsinhos, mas que não querem fazer fôrça, muitas vêzes esquecidos de que não se pertencem, e que, portanto, perderam o direito à uma existência individualista e sovina. Não, não é a êstes a que nos referimos, como alvo destas considerações, muito puros, sim senhor, mas que guardam as suas virtudes como uzurários, ou um dêsses afortunados que vão à Casa de Orações e porque presentearam com uma oblata, mesmo custosa, ficam certos da salvação.

Mas àqueles outros que, quase sempre órfãos de pecunias e pletóricos de talento, podendo enclausurar-se em tôrres de marfim, vez por outra, surgem no cenário nacional e erguem a sua voz autorisada contra o êrro, contra o crime, contra o excesso, contra tudo que possa ferir. Há beleza, encantamento e sublimidade nesses corações inquietos, a serviço das instituições, com a vocação da posteridade, e diante dos quais todos como que sentem o irresistível impulso de se lhes beijar as mãos, como fêz Ruy Barbosa, certa vez, no recinto do Supremo Tribunal da República com o Ministro Piza. Sim o único de quem a história e as gerações se recordam, porque os outros "o vento levou..."

FERNANDO DE MENDONÇA

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230.00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estádos Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tôda correspondência deve ser enderecada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Este número tem 60 páginas.

O PEQUENO CONTO

O PRÊMIO

GEO WILLIAM



JIM HARRIS era um dêsses bandidos que nascem tal. Aliás desde sua adolescência demonstrara pendores para o mal. No bairro onde residia com os pais, em breve tornou-se o pesadelo de todo o mundo, tais e tantas, êle engendrava e levava avante.

Já homem passou a fazer parte de "gangs". Pistoleiro emérito, despido de qualquer sentimentalismo, era empreitado amiúde para abater alguém. Fazia-o sem o menor constrangimento e embolava calmamente o preço estipulado, como se no lugar de ter morto um semelhante, tivesse sangrado um cabrito ou matado um frango.

Alma retorcida, desapiedado ao máximo, gostava de torturar. Tôdas as vêzes que se lhe anteolhavam essa possibilidade, não perdia a oportunidade.

Certa vez resolveu roubar uma residência. Tinha conhecimento de que os moradores guardavam jóias e dinheiro num pequeno cofre embutido. Mas não conhecia bem a localização do ambiente e passou a matutar a forma com que, dentro dos menores riscos, poderia surripiar os haveres alheios.

Soube que o pequeno Bill realizava trabalhos caseiros na mansão e tanto fêz que se tornou amigo do petiz. Aos poucos foi industriando-o prometendo-lhe boa recompensa.

— Dar-te-ei uma moeda de ouro dêste tamanho! — dizia-lhe frequentemente.

— De ouro mesmo?

— Ouro quente meu bem! Ouro do melhor e tão bom, que até a marca deixará em tua mão!

Bill, que era menino inteligente, trouxe, aos poucos, tôdas as indicações esperadas. E fêz mais: industriou-se para apanhar o segrêdo do cofre, anotando-o mentalmente e transferindo-o, na véspera do golpe, a Jim Harris.

— Você pràticamente já ganhou a sua moeda de ouro — disse êste.

E agiu. Agiu com rapidez, com absoluta impunidade, movimentando-se no interior da residência, como se fôra a sua casa, de tal forma o menino tinha correspondido até nas minudências.

De posse dos haveres e conforme tinha sido combinado, os dois estranhos parceiros encontraram-se, logo mais, no quarto habitado pelo "gangster".

— Quero a minha moeda de ouro — pediu o menino.

Foi à cozinha, acendeu um "Primus" e sôbre a chama violenta, colocou, não a moeda prometida, mas sim um dólar de prata. Quando êste encandesceu, apanhou-o com duas dedeiras de amianto que preparara e com a maior naturalidade, regressando ao quarto, estendeu-o ao menino, cuja mão se projetou para receber a compensação.

— Toma a tua moeda de ouro menino!

Um chiar, um grito agônico e o cheiro de carne tostada. O dólar esquentado ao rubro entrara pela palma da mão do menino, escavando um furo!

— Agora vá contar à polícia que eu direi que o castiguei por ser malandro e querer que eu roubasse...

E riu-se de gôzo sádico, vendo o menino, pálido e desfeito em lágrimas, despencar pelas escadas abaixo... (IPA).

A Semana

MORALIZANDO O TÁXI



NUMA cidade como esta, de imensas distâncias e transporte precário, o serviço público de táxi é verdadeiramente "uma mão na roda". Mas sucede que, com algumas exceções dignas de elogios, os choferes de táxis não gostam de servir ao público, e sim, a determinado público. Já temos registrado, nestes mesmos tópicos, casos dolorosos, de senhoras idosas, doentes, que vão a estacionamentos e não conseguem um táxi para levá-las às suas residências ou a um hospital onde teriam que visitar pessoas da família. Uma crueldade. Mas agora há uma autoridade, o Dr. Péricles Machado de Castro, do 8º Distrito, que tomou a peito coibir os abusos dos motoristas que estão usando e abusando dêsses processos condenáveis. O delegado em aprêço já preparou o seu plano e o está pondo em evidência. Seu interêsse é moralizar o serviço de táxi, pelo menos em sua jurisdição. Seria do maior interêsse que os demais colegas se reunissem e organizassem uma campanha uniforme, metódica, em tôda a extensão do Distrito Federal, para que o trabalho do Dr. Machado de Castro não ficasse isolado, como exceção. Há um Código de Trânsito que prevê tôdas as transgressões dos motoristas perante o povo e as autoridades. Não se trata de violência nem de perseguição. O que se quer é moralizar um serviço de imensa utilidade numa capital como a nossa. Mas uma andorinha só não faz verão.

★

O DIA DO SEGURO

PASSOU a 14 de maio o Dia Continental do Seguro. Dentre as várias comemorações, destacou-se uma solenidade no auditório do Sindicato das Emprêsas de Seguros Privados e Capitalização, tendo pronunciado uma conferência alusiva à instituição, o Sr. Pedro Calmon, Reitor da Universidade do Brasil e membro da Academia Brasileira de Letras. Estiveram presentes ao ato, o Almirante Jorge Dodsworth Martins, Presidente do Rotary Club; o Sr. Odilon Beauclair, Presidente do Sindicato promotor dos festejos; Major Euclides da Silva Boia, pelo Prefeito do Distrito Federal; Sr. Lourival de Azevedo Soares, Diretor Geral do Departamento Nacional de Seguros Privados e Capitalização, e o Sr. Paulo Câmara, Presidente do Instituto de Resseguros do Brasil. Seria da maior utilidade que, em tais eventos, houvesse alguém que esclarecesse aos presentes, às autoridades, ao govêrno, ao povo, aos interessados na matéria, o quanto estamos ainda atrasados em matéria de seguros. Deixando de lado os chamados ramos elementares (incêndio, transportes, etc.) fixemos nossa atenção para o mais importante de todos: o Seguro sôbre a vida humana e sôbre todos os atributos de que ela é o estelo. Estamos ainda no mais deplorável primitivismo. E [illegible] o que há é a tarifa elevada em virtude do sistema de usura em que vive o seguro no país.



Em Revista

AUMENTOU TAMBÉM

FAZ poucos anos, custava uma engraxadela de sapatos, um cruzado, isto é, quarenta centavos, ou ainda: quatrocentos réis. Depois, passou a quinhentos. Subiu a seiscentos. Chegou a oitocentos e, num pulinho de tico-tico no fubá, atingiu mil réis, um cruzeiro. Mas os engraxates acompanham a ascensão de todos os preços e de um cruzeiro foram a um e meio. Dali para dois, fôra um nadinha do esfôrço. O povo já estava habituado a ver subir o custo de tudo o que é utilidade e mesmo inutilidade. E os engraxates passaram a cobrar dois cruzeiros e cinqüenta centavos pelo trabalho de lustrar sapatos dos que desejam andar bem ilustrados, dos pés à cabeça. Mas agora, com o aumento da fôrça, dos transportes, dos ovos e das galinhas, êsses modestos italianos que conversam pelos cotovelos e dão notícia da Pátria distante, acabam de elevar para Cr$ 3,00 o sapato de uma só côr, e para sete cruzeiros o branco, que pede alvaiade. Ajunte-se a isso, a gorgeta que o freguês sempre dá ao engraxate. Um nosso leitor acaba de escrever-nos comunicando que, tendo entregue uma notinha de cinco cruzeiros para fazer o trôco, o lustrador mecheu, remecheu na gavetinha e disse: "Não tenho trôco". O missivista, que estava com pressa de tomar seu bonde já à vista, deixou tudo na mão do engraxate. Desgraça pouca é bobagem...



★

LIMPEZA DO RIO

ESTA capital já gozou do renome de cidade limpa. Limpíssima; entretanto, não se sabe bem por que motivo, está, de alguns anos para cá, normalmente sujas, isto é, anormalmente. As ruas da maior metrópole do país e a segunda da América do Sul vivem continuadamente mal asseadas, com sujeiras de tôda espécie ao longo dos meios-fios, em pleno leito das ruas e praças. Mesmo as artérias, que, antigamente, eram uma maravilha de limpeza, são hoje umas ruas deploràvelmente cheias de detritos, de papéis rasgados, de pontas de cigarro, de cascas de frutas, de tudo o que é mais digno de lixo do que de ruas de uma cidade importante. Ouvidor, Gonçalves Dias, Fazem dò. Causam pena. De amanhecer ao anoitecer, essas vias elegantes e movimentadas exibem sua vestimenta imunda, Além disso, águas empoçadas. Mas, pelo que nos diz um telegrama vindo de Filadélfia, o Prefeito João Carlos Vital já está planejando uma campanha de limpeza do Rio, e, logo que regressar de sua excursão aos Estados Unidos, porá em prática no Distrito Federal os mesmos métodos que são empregados naquela cidade norte-americana, em matéria de limpeza. Durante a visita do nosso Prefeito a Filadélfia, teve êle oportunidade de apreciar a "limpeza anual" levada a efeito pela Prefeitura de lá. Mas, aqui, o sistema deve ser o de limpeza "diária". Se não...



A PERSONAGEM DA SEMANA


Sr. Mário Ribeiro

MAIS uma eleição de natureza civil e associativa se feriu na capital da República, mobilizando tôda uma população vivamente interessada no seu desfecho: a do Jóquei Clube Brasileiro. Dois grandes e respeitáveis vultos do turfe nacional, os Srs. João Borges Filho e Mário de Azevedo Ribeiro mediram fôrças eleitorais à bôca da urna da aristocrática e tradicional associação, saindo vitoriosa a chapa da oposição, elegendo para a presidência o Sr. Mário de Azevedo Ribeiro. Ainda não se havia registrado tanto entusiasmo na disputa da direção do Jóquei Clube, travando-se a batalha desde quinta-feira, 29 de maio, até a madrugada do dia 31, quando, às quatro da manhã, foi dada a posse aos vitoriosos. No domingo imediato já o novo presidente entrava em contato com os mais destacados criadores nacionais, e por ocasião de assistir ao Grande Prêmio Cruzeiro do Sul, a 1º de junho, a diretoria tinha oportunidade de estabelecer suas linhas mestras da nova gestão. Falando aos presentes, o novo presidente declarou no almôço do Salão Rosa, no edifício do Hipódromo da Gávea, que "o Jóquei Clube tem suas raízes nos verdes campos onde se criam e se melhoram os animais que, aqui e noutros prados, vão medir suas qualidades selecionando valores num processo de contínuo aprimoramento da raça". Refere-se, em seguida, à lei de nacionalização do Turfe, decretada ao tempo da gestão Linneo de Paula Machado, a quem se refere com palavras repassadas de saudade. Fala o presidente Mário Ribeiro no importantíssimo papel representado pelo Serviço de Remonta do Exército, assim como o do Ministério da Agricultura, através do Stud Book Brasileiro, supervisionado pelo Jóquei Clube. Assim, mal saía da solenidade da posse, já o novo titular presidia a um Grande Prêmio e se manifestava sôbre as diretrizes do seu programa a cumprir. Os turfistas estão de parabéns. Depois de uma gestão brilhante, cheia de bons serviços ao Turfe, assume a chefia dessa grande instituição, um outro nome coberto de méritos e grande conhecedor dos problemas e necessidades do Jóquei. O Sr. Mário Ribeiro foi, aliás, o engenheiro construtor do Hipódromo da Gávea, cujo arrôjo de concepção arquitetônica é uma das maravilhas do Rio de Janeiro. Já tendo exercido, na ausência do Presidente Linneo de Paula Machado, a presidência do Jóquei Clube, os seus amigos e colaboradores o elegem Presidente, numa das mais renhidas e belas eleições de que há memória nos anais do Turfe Nacional.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.**

***Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações**

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira



O hangar da Aerovias em Congonhas, ficou mais movimentado que o próprio aeroporto. O helicóptero que se vê ao lado foi desmontado e metido dentro do AXN, rumo a Piaus

O DRAMA DA CARAVANA NA

TRAGÉDIA DO "PRESIDENT"

INCÊNDIO A BORDO ★ ENTERRADOS NAS SELVAS ★ DIAS DRAMÁTICOS PARA OS PARAQUEDISTAS ★ "AXI", O "FANTASMA DO BRASIL CENTRAL" ★ A LUTA DA IMPRENSA ★ PERIGO DE MORTE NOS VÔOS RAZANTES NAS SELVAS DO PARÁ

Texto de **DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR**

Fotos de **DARIO TERINI**
e da Div. Cin. Bandeirante



O AXN baixou em Piaus e de lá para uma base há 30 kms. dos destroços do "President". Instante em que era desmontado e embarcado o helicóptero no avião da Aerovias.

São Paulo, maio.

ESTAMOS de volta, graças a Deus. Voltamos, meio satisfeitos e meio aborrecidos, coisa, aliás, que aconteceu com todos os jornalistas do Rio e de São Paulo, que integraram a "Caravana da Solidariedade Humana", como enviados especiais de seus órgãos de imprensa.

Voltamos, após doze dias de árdua missão, ao têrmos ciência de que os restos mortais das vítimas do maior acidente aviatório da América do Sul haviam sido sepultados, em plena selva, em virtude da imposibilidade de sua transladação para a civilização.

Entre o monturo de ferros retorcidos, de cinzas e de corpos mutilados, os representantes da PAA e do Ministério da Aeronáutica acharam duzentos mil dólares em cédulas, seis colares de pérolas e um quilo e meio de águas-marinhas, além de quase tôda a bagagem dos passageiros do gigantesco "stratocruiser", cujos destroços permanecerão nas insondáveis selvas do Pará, como uma lembrança e um aviso aos viajores que a sobrevoarem.

Da causa do sinistro pouco ou quase nada se sabe a não ser que o motor esquerdo teria explodido e o avião se incendiado em pleno vôo.

O SINISTRO

Os relógios marcavam cêrca de 4 horas da madrugada, quando o "President", modêlo de confôrto e segurança, cortava o céu sôbre as selvas brasileiras, rumo ao norte do continente sul-americano. Certamente, todos ou quase todos dormiam, exceto a tripulação, a quem cabia guardar 41 passageiros e assegurar-lhes um vôo sem maiores conseqüências, senão o desembarque festivo, já em terras de "Tio Sam". Ali estavam brasileiros, ianques, uruguaios, argentinos, homens e mulheres, adolescentes e crianças unidas pelo destino, para escrever a mais trágica página que a aviação internacional já registrou, em plagas sul-americanas. Tudo ia bem, a bordo do "stratocruiser". As comunicações com terra procediam-se normalmente e quando seu rádio silenciou foi para sempre, levando para a incomensurável profundeza das selvas 50 pessoas, cuja morte abalou a opinião pública mundial.

LOCALIZAÇÃO

Tão logo foi constatado o desaparecimento da grande aeronave, os poderes públicos nacionais e norte-americanos puseram-se a campo, a fim de localizá-la. E, não sem esfôrço, traçaram-se as coordenadas do local exato onde tombara em chamas um dos maiores aviões de passageiros do mundo, deixando, para mostrar onde caíra, apenas três enormes crateras amarelas, que contrastavam chocantemente com a verdura da selva, que se nos afigurava a uma gigantesca couve-flor, pela ausência de clareiras.

Tanto as autoridades militares brasileiras como americanas, tão logo sobrevoaram o local da catástrofe, informaram ser humanamente impossível haver sobreviventes, bem como ser impossível o salto de pára-quedistas, coisa que, foi, posteriormente, superada, pelo arrôjo de 14 rapazes paulistas,

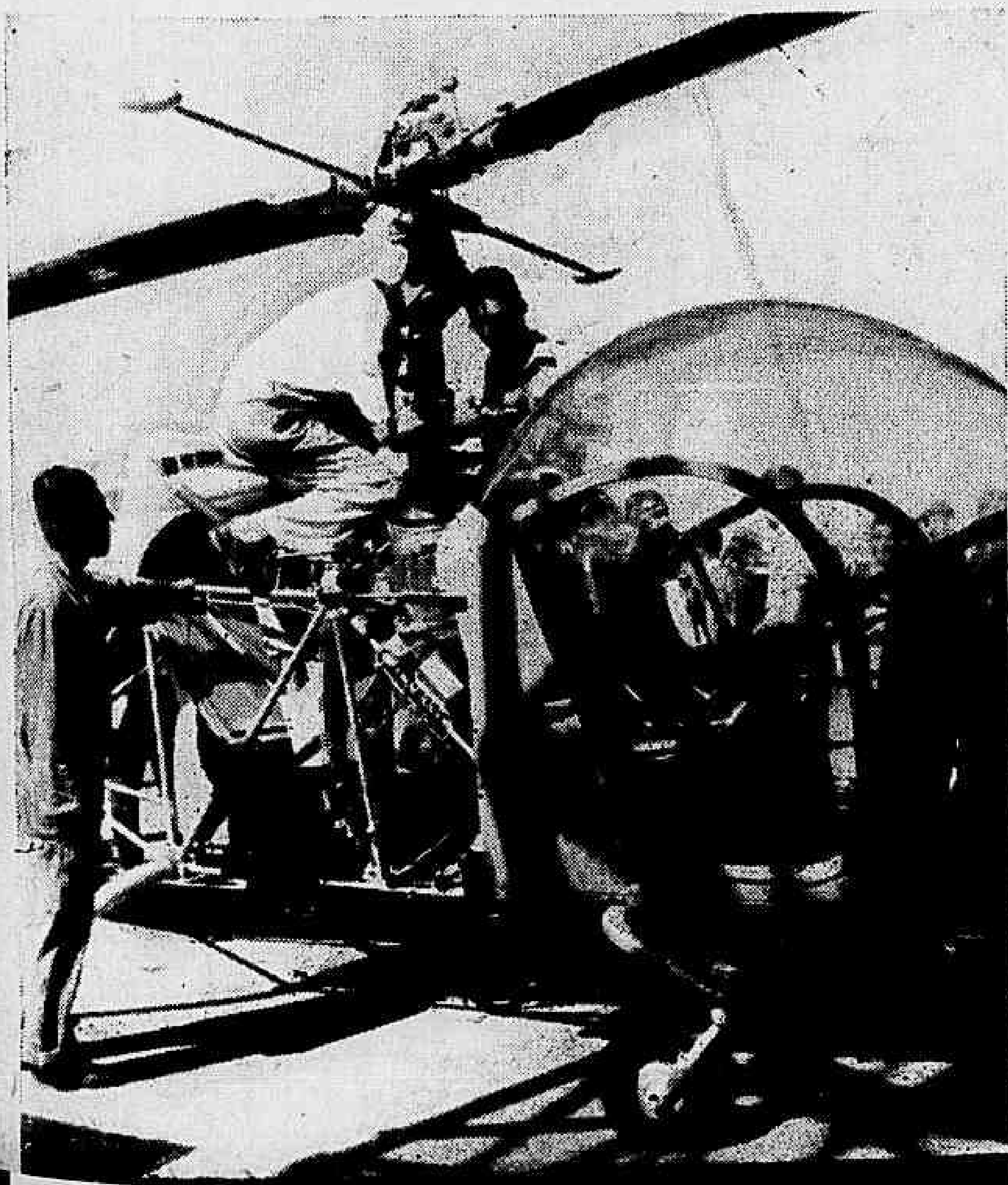


Membros da fôrça pública de São Paulo, posam antes do embarque p... a selva misteriosa.



Antes do embarque, a última verificação nas armas para ver se t... funciona bem e nada falta.

Neste helicóptero viajaram o coronel Ribamar Miranda, o capitão Carlos Alberto e sete pára-quedistas.





Os soldados, além do equipamento normal, levavam parabéluns, rifl... fuzis, facões e munições.



Uma vista de cima, vendo-se a clareira principal onde tombou o luxuoso "stratocrusier" da Pan American; aqui foram encontrados os corpos e a maior parte do avião



O salto se aproxima, mas os bravos pára-quedistas paulistas estão cônscios de sua missão; sôbre as selvas, em direção à clareira fatídica, desce o frágil aparelho.

O catalina da PAA sobrevoando as selvas onde caiu o "President". Parece ou não uma imensa couve-flor? Note-se que essas árvores chegam a ter mais de 70 metros de altura.

que tivemos o prazer e o orgulho de ver saltar, a cinco mil metros da primeira clareira aberta pelo aparelho que tombara em chamas.

SAI DE S. PAULO A CARAVANA

A notícia surpreendeu a todos. Era manhã nevoenta de 7 de maio quando, de repente, os representantes de vários jornais e revistas do Rio e de S. Paulo souberam que ia partir, da Capital Bandeirante, às expensas do sr. Adhemar de Barros, a "Caravana da Solidariedade Humana".

Cêrca das 15 horas, adentramos o cargueiro AXI, da Aerovias Brasil, pilotado pelo comandante Ophir Mastrandrea e co-pilotado pelo jovem Rubens Montangnini, deixando os céus de São Paulo, com rumo, ainda incerto.

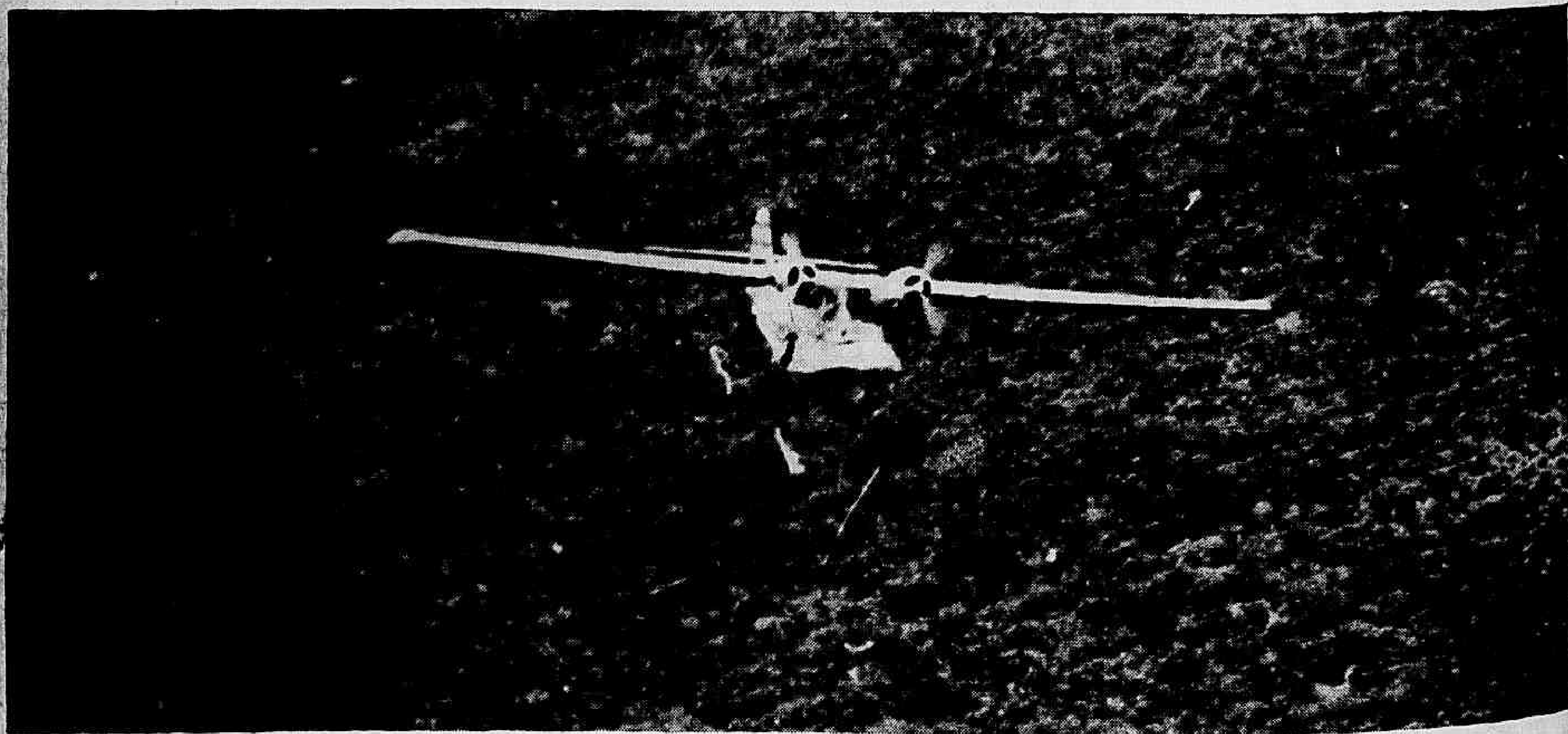
No aparelho, posteriormente apelidado "O Fantasma do Brasil Central", além de jornalistas da imprensa escrita, falada e projetada, e pára-quedistas civis, viajava o deputado Lino de Matos, que comandava a caravana. Nossa missão era uma incógnita. Sabíamos apenas que iríamos ver os restos do "President". Como e quando, era apenas interrogativa.

OS PRIMEIROS PLANOS

Anoitecia quando aterrissamos em Uberaba, onde iríamos pernoitar. Lá colhemos os primeiros informes sôbre os rumos da missão que, todavia, foram modificados, nos últimos instantes.

Manhãzinha do dia imediato, às 4 horas, o AXI deixou o território mineiro, baixando em Anápolis e, depois em Pôrto Nacional, onde tivemos os primeiros contatos diretos com fatos reais.

No aeroporto rústico da pequena cidadezinha goiana, esperava-se-nos o Prefeito local, sr. João Querido, pessoas de destaque da região, e centenas de escolares, para dar as boas vindas aos pára-quedistas. João Querido, que foi um herói nesta jornada, foi quem apresentou, ao comandante Mastrandrea e ao sr. Lino de Matos, as cartas geográficas onde assinalara o local do sinistro, ex-





A Bandeira Brasileira cobre os restos encontrados das pobres vítimas; todos estão cumpungidos e rezam por seus patrícios tão cruelmente trucidados pela fatalidade...

plicando que já o sobrevoara uma dezena de vêzes.

RECONHECIMENTO

Deixando os pára-quedistas em Pôrto Nacional, "O Fantasma do Brasil Central" ganhou os tórridos céus de Goiás, alcançando, após algumas horas de vôo, a região do acidente, já em terras do Pará.

Corríamos para o norte e entrávamos na selva virgem, após deixarmos, bem para trás, a Ilha do Bananal e o caudaloso e lendário Araguaia. Estávamos sôbre o insondável "jungle", onde homem branco algum jamais pisara.

"O Fantasma", a despeito das coordenadas de localização, rodou mais de duas horas, antes de encontrar os destroços do "President", após o que sobrevoou a área o mais baixo possível. O altímetro

(*Cont. na pág.* 44)



Lino de Matos, cercado por repórteres, experimenta um aparelho de rádio que foi lançado na clareira. Todos desceram bem equipados com dois pára-quedas, E muita munição.





Ao alto: O Presidente do Jockey Club, dr. Mário Ribeiro, pronunciando seu discurso, vendo-se à mesa a sra. Sarah de Magalhães Boettecher, o gen. Ciro de Rezende e o ministro Osório Dutra, 2º secretário do Jockey. À esquerda: O dr. José Buarque de Macedo falando no almôço, entre os srs. dr. Tude Neiva de Lima Rocha e Adair Eiras de Araújo, membros da Comissão de Corridas.

HOMENAGEANDO OS CRIADORES NACIONAIS

A NOVA DIRETORIA DO JOCKEY CLUB FAZ O SEU DEBUT NA SOCIEDADE

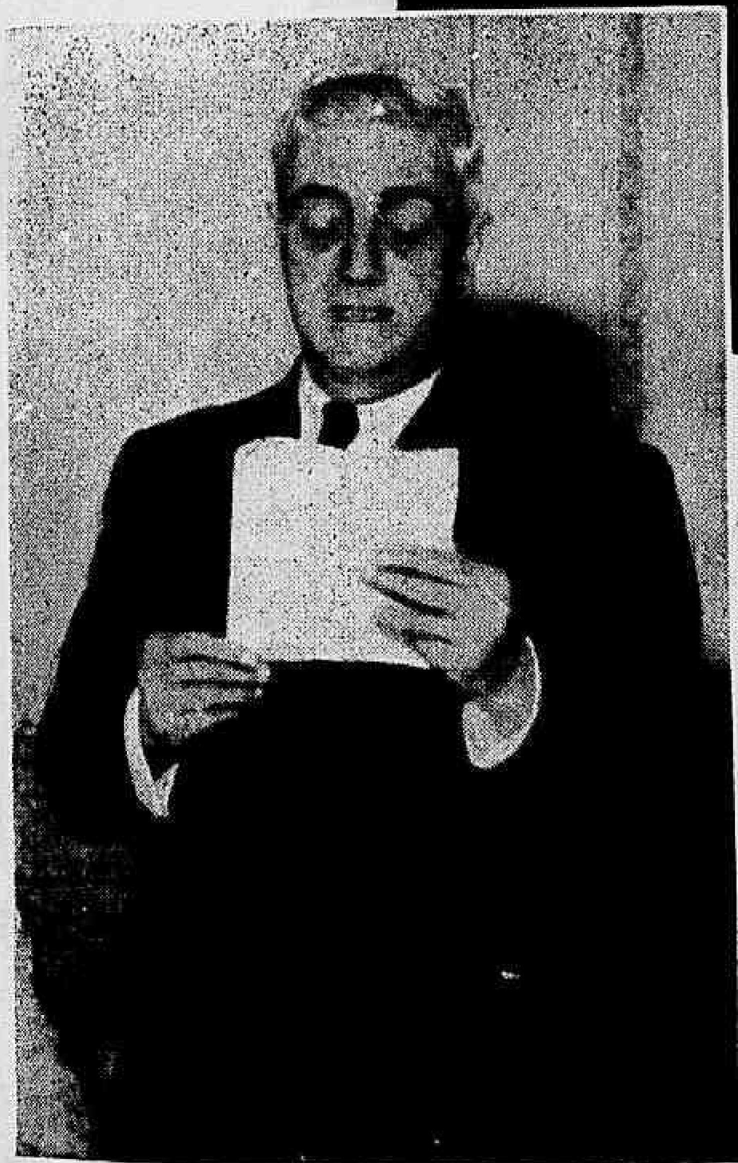
ELEITA no memorável pleito do dia 29 de Maio último, e empossada ao raiar do dia 31, a nova diretoria do Jockey Club Brasileiro teve o seu primeiro contato social no primeiro domingo dêste mês, por ocasião da realização do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul no almôço anual que a prestigiosa entidade turfista oferece aos criadores nacionais, levado a efeito no salão das Rosas do Hipódromo da Gávea. À tradicional reunião, que decorreu num ambiente de grande cordialidade, compareceram os generais Ciro de Rezende e Sena de Vasconcelos, respectivamente chefe de polícia e diretor do Serviço de Remonta do Exército, tôda a diretoria do Jockey, constante dos srs. drs. Mário de Azevedo Ribeiro, Francisco Eduardo de Paula Machado, ministro Luiz Gallotti, professor Luiz Pinheiro Guimarães, ministro Osório Dutra, sr. Romero Borges da Fonseca, sr. Álvaro Carijó, srs. Álvaro Werneck, Edgar Pereira Braga, Jorge Marcondes, José Morais da Fonseca, Nelson Monte, José Bastos Padilha, Carlos Mendes Campos, Adair



O sr. Francisco Eduardo de Paula Machado, 1º vice-presidente do Jockey Club, entre turfistas, no Hipódromo da Gávea, no dia do Grande Prêmio Cruzeiro do Sul.

O sr. Mário Ribeiro num grupo com os srs. Tude Lima Rocha, Humberto Ramos e Álvaro Werneck, membros da diretoria do Jockey.





O cel. José Cândido de Miranda fazendo a sua oração. Como o dr. Buarque de Macedo, falou em nome dos criadores nacionais, agradecendo a homenagem do Jockey Club Brasileiro.

Eiras de Araújo, Fernando de Andrade Ramos, Tude Neiva de Lima Rocha, coronéis Germano Boettecher e José Cândido de Miranda, senhora Sarah de Magalhães Boettecher, drs. José Buarque de Macedo, Serafim Vargas, cel. Ghashypo Chagas Pereira, drs. Pedro Franco de Camargo, Pedro Américo Werneck, Guilherme Penteado, Cândido Guinle de Paula Machado e Humberto Ramos. Ao "champagne" foram trocadas amistosas saudações, tendo o presidente Mário Ribeiro frisado a circunstância feliz dêsse primeiro contato ter sido com os criadores do puro sangue nacional. Fêz o novo dirigente do Jockey o elogio do criador brasileiro, referindo-se com louvores ao Serviço de Remonta do Exército e ao Ministério da Agricultura. Agradecendo as palavras do sr. Mário Ribeiro, falaram a seguir os srs. cel. José Cândido de Miranda e o dr. José Buarque de Macedo, em nome dos criadores, e o general Sena de Vasconcelos.



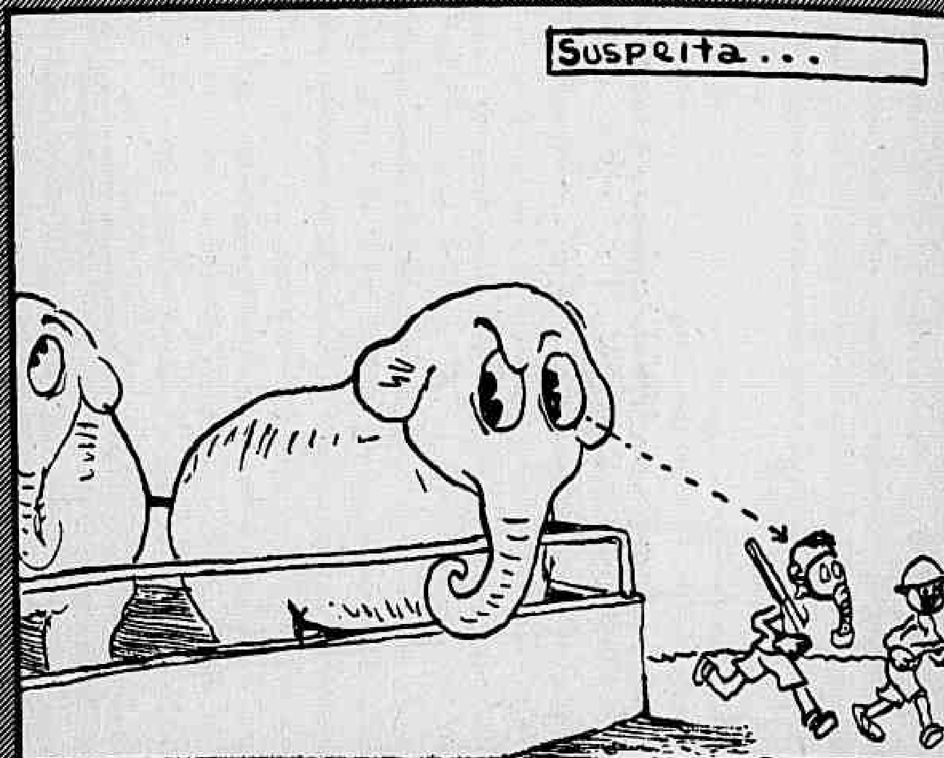
Com a palavra o general Sena de Vasconcelos, ladeado pelo professor Luiz Pinheiro Guimarães, 1º secretário, e pelo dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, 1º vice-presidente.

ESTE MUNDO E O OUTRO

HISTÓRIAS RELÂMPAGO

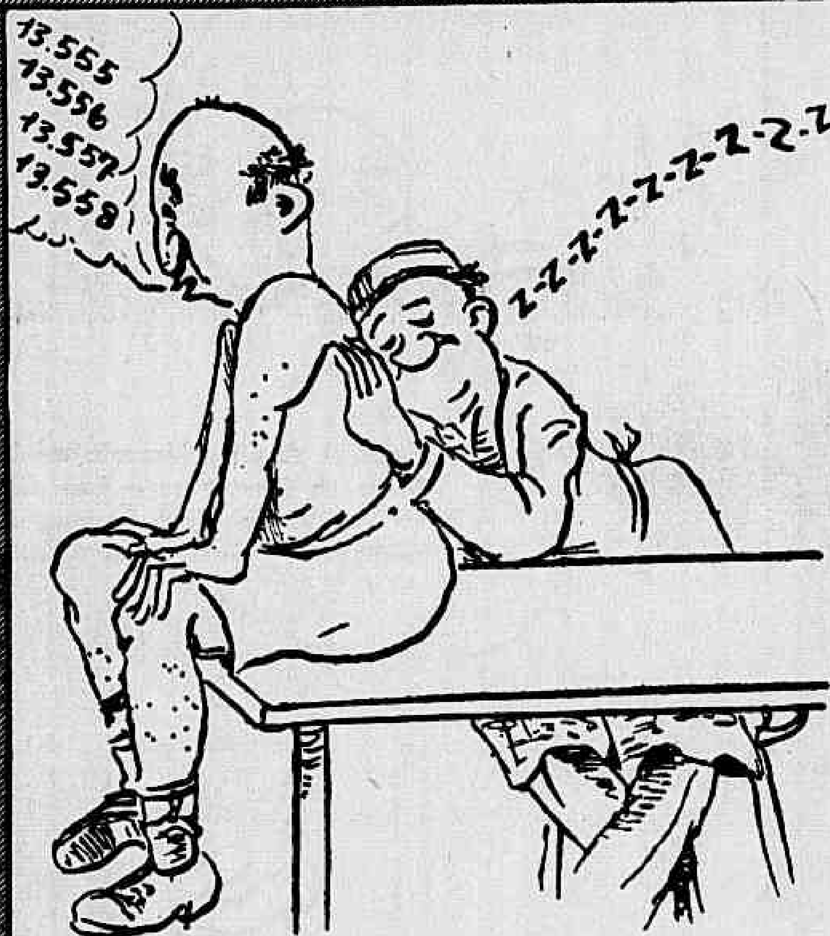
Criação de DARCY

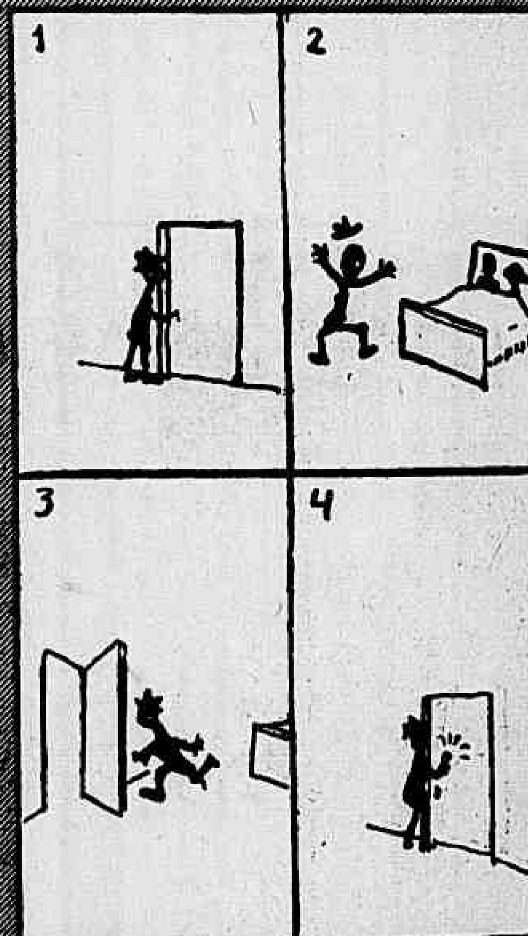








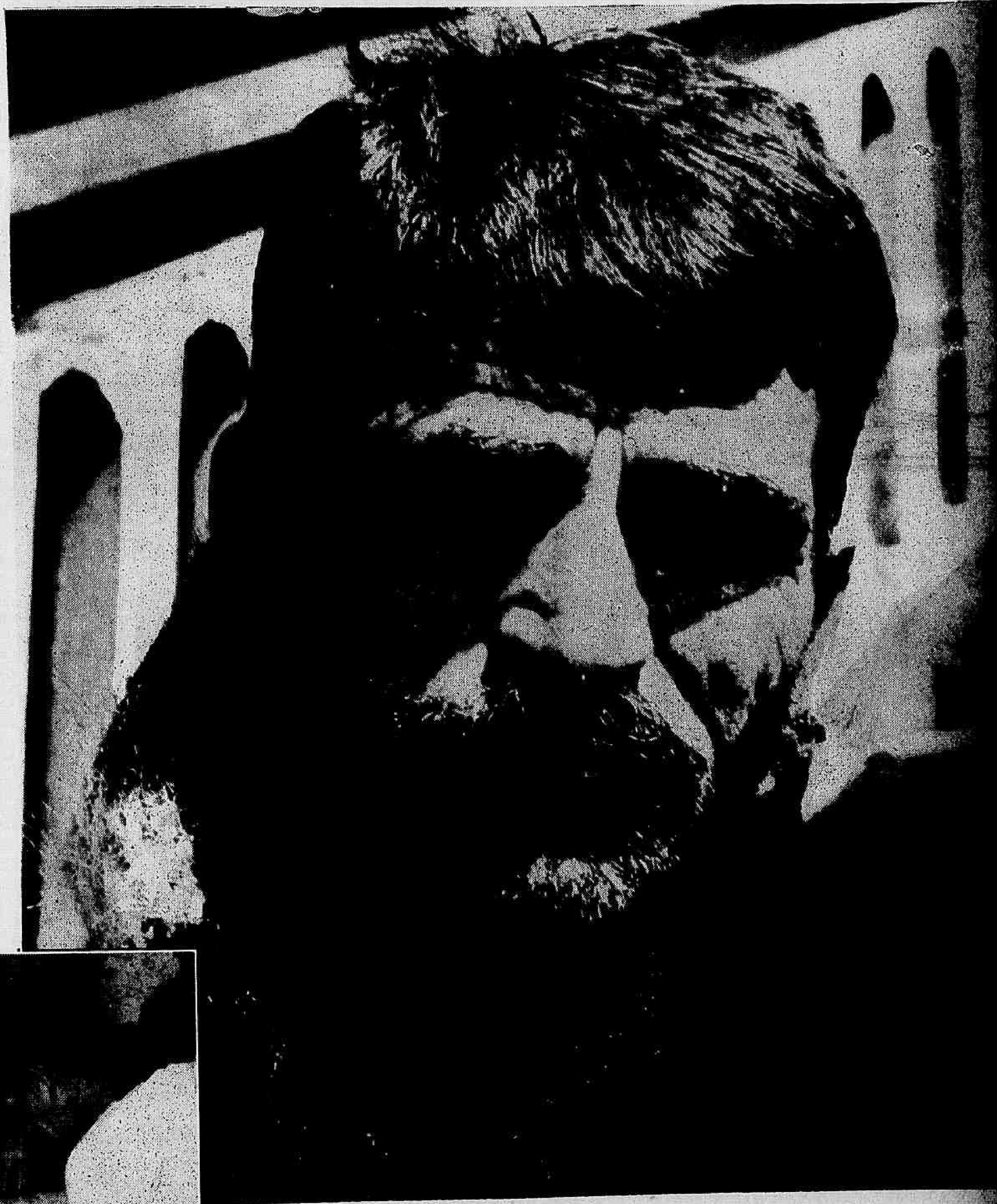




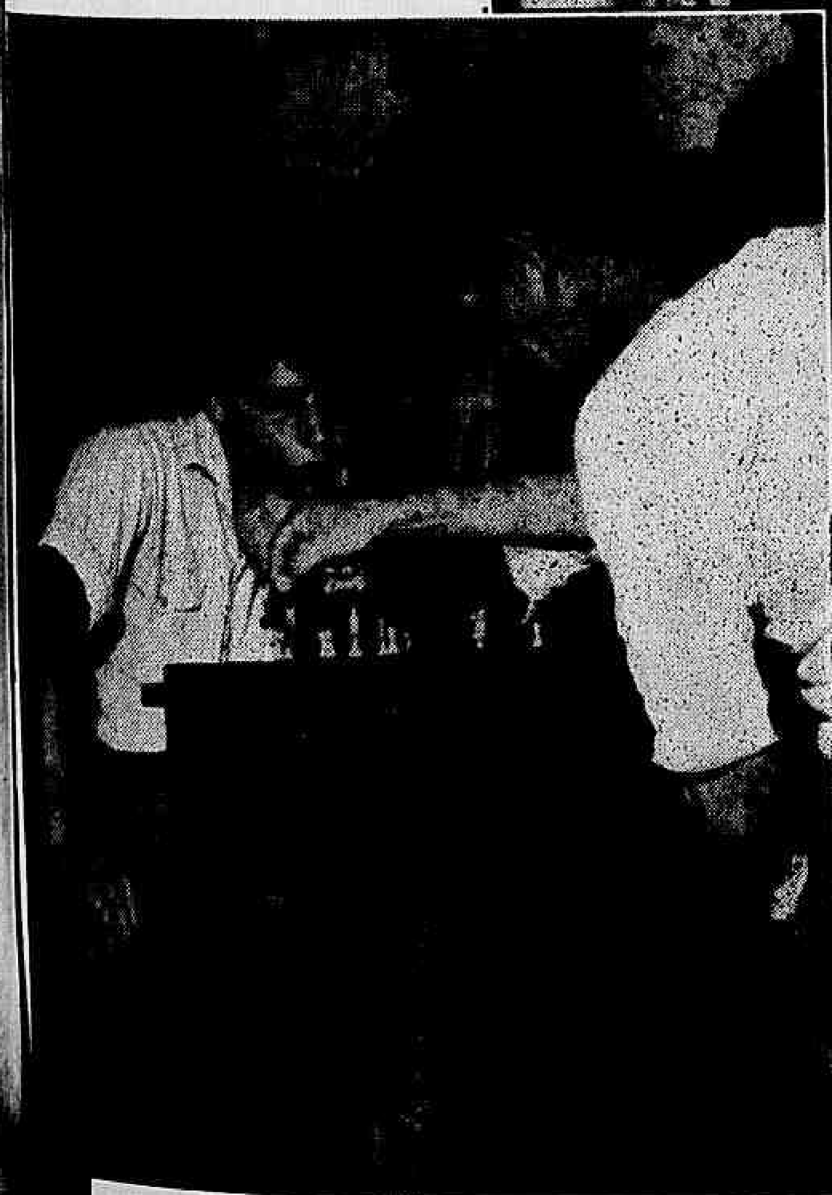




CHEGARAM OS PASTORES GREGOS



Tipo característico de agricultor grego dos que vieram para o Brasil: usam sôbre tôda a roupa êsse enorme poncho de lã grossa e pesada. São trabalhadores e ativos. Além do trabalho e do estudo os colonos helenos adoram os esportes: como seus antepassados são também inteligentes, gostam da música e do cinema: agora uma partida de xadrez.



DA GRÉCIA PARA O MATO GROSSO É POSITIVAMENTE UM SALTO ★ O QUE TROUXERAM ★ COMO SÃO ★ DÃO-SE BEM COM A FALTA D'ÁGUA ★ QUE SEJAM BENVINDOS

Reportagem de CLEO NOVARRO

CHEGARAM OS PASTORES GREGOS

HAVIA em Nome Sherona, pequena aldeia grega na fronteira da Bulgária, uma tribo de pastôres. Era uma comunidade de quase duzentas pessoas sob a chefia de três famílias importantes: **Thialas, Balaskas** e **Tzaroucas.** Tôda essa gente laboriosa e simples deixou suas terras, casas e animais, imigrando para o Brasil, dedicando-se à agricultura e criação de carneiros.



Êsse "brotinho" grego aprendeu com facilidade a nossa língua: uma riqueza inestimável trouxeram os imigrantes da Grécia: — crianças, boas, ativas e dedicadas ao trabalho.



Esta rude camponesa helena está vestida com suas vestes de casa; apesar de sua idade só aspira uma coisa na nova pátria: — saúde e energia para trabalhar e criar os filhos.

Os gregos são afeiçoados às suas famílias e têm verdadeiro amor aos seus filhos. Esta foto nos mostra um admirável quadro de família: avô, filhos e netos de uma prole.



Os gregos seguem a religião ortodoxa; porém os que são filhos de albaneses — são maometanos. Os imigrantes gregos desembarcaram na ilha das Flores. Traziam o corpo embalsamado do patriarca da família, que devido à idade avançada, sucumbiram e malto mar tendo sido sepultado em Niterói, com todos os rituais de sua religião e a saudades dos compatriotas.

Como bons agricultores procuraram desde logo radicar-se à terra. No entanto, sòmente agora, o governador de Mato Grosso e o prefeito de Ponta Porã consultaram o sr. Évio Bustamante sôbre a provável fixação dos gregos naquelas partes do território nacional. Se a experiência fôr bem sucedida, é mais um contingente humano que vem valorizar a nossa lavoura e pe-



Os mais velhos vão cuidando dos mais novos... êsse aí tem por obrigação servir de amasêca à irmãzinha. Apesar de seu cuidado, parece que a nenê não está lá muito contente.



Horas a fio debruçado na janela cisma êsse ancião, matando saudades, despertando esperanças. O velho colono parece animado para enfrentar os reveses na nova pátria.

CHEGARAM OS PASTORES GREGOS



O bebê dorme numa pequena rêde suspensa sôbre a cama da mamãe. Êsse será um futuro trabalhador do engrandecimento da agricultura brasileira. E o Brasil precisa de colonos.



cuária. Homens do campo são os gregos excelentes pastôres. Com os seus bens pessoais, trouxeram os helenos para o Brasil, uma riqueza inestimável: os seus filhos.

★

Apesar de seus costumes primitivos têm conhecimento de 3 ou 4 línguas e vários dialetos. Alguns lêem e escrevem com desenvoltura. São esforçados na aprendizagem do nosso idioma. As crianças gostam e aprendem, com facilidade a nossa língua.

Têm hábitos que denotam um atraso muito grande. Desleixados na sua higiene pessoal, foram obrigados pelas autoridades brasileiras à prática do urbanismo. Detestam as fotografias. Com dificuldade foram batidas as fotos que ilustram essa reportagem. Têm verdadeira adoração pelos seus baús de madeira e de latão. No resto são ótimas criaturas.

★

As mocinhas auxiliam as mães no serviço doméstico. Os homens vestem oito a dez peças de roupa de lã grossa e um pesado cobertor de um centímetro de espessura. As mulheres, saia e colete de lã e blusa de tecido fino. Na testa, entre os olhos, se são cristãs traçam uma cruz negra. As casadas trançam os cabelos de maneira especial, e usam lenços na cabeça, geralmente vermelhos. As mocinhas, trazem os cabelos soltos. Na touca, no peito e nos pulsos, trazem inúmeras contas coloridas, icoanas e talismãs.

(Cont. na pág. 54)

Mãe e filha num mister doméstico. As mulheres gregas são laboriosas e são infatigáveis ao lado de seus esposos; costuram tôda roupa de casa. Ambas estão trabalhando.



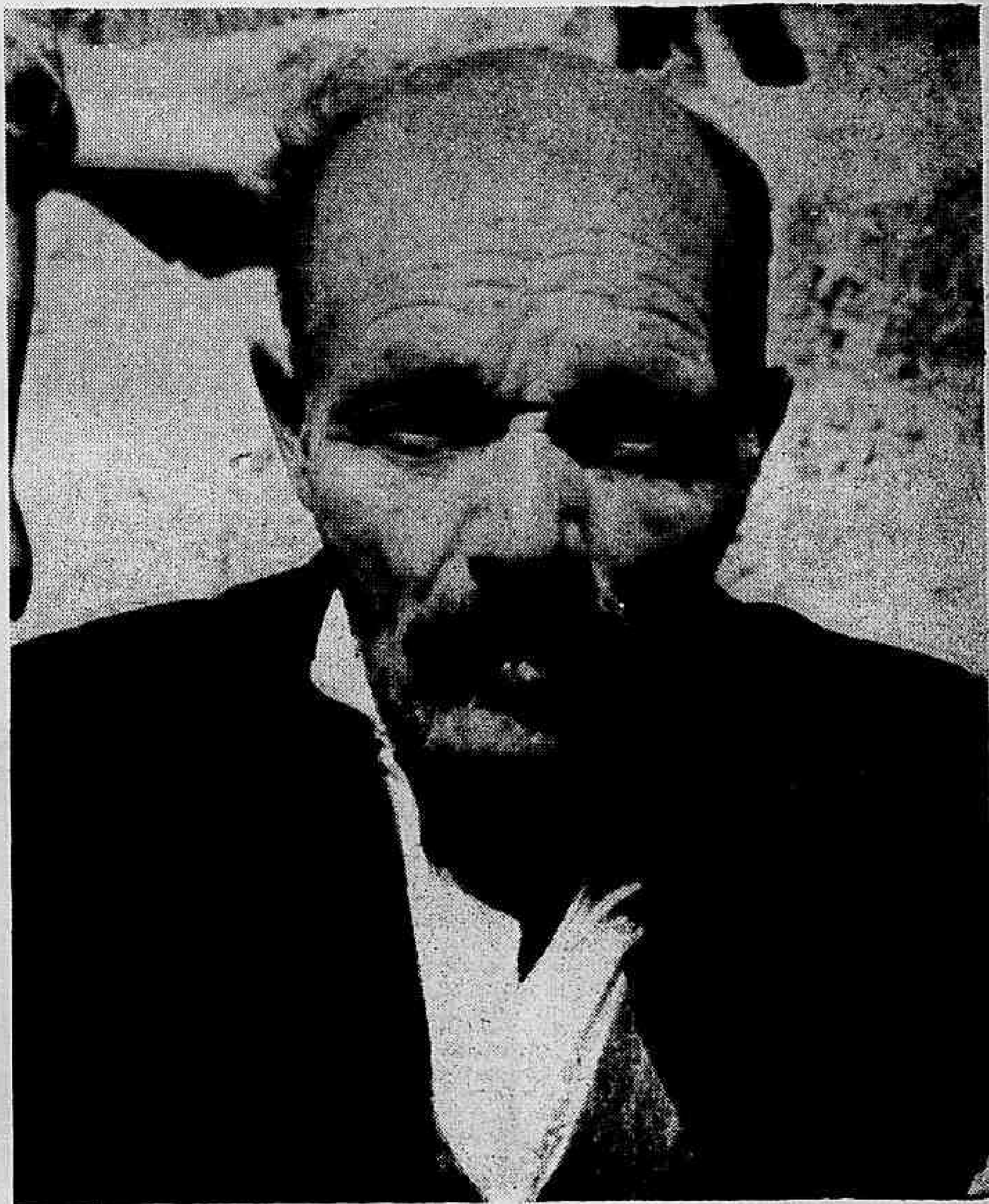
Esta velhinha é mãe de uma das maiores famílias que imigraram; a cruz na testa indica que ela é ortodoxa.



Essa guria é uma representante da menina grega: esbelta e bela, apesar de estar aqui um pouco desajeitada.



O greguinho sorri: já diz alguma coisa em português e em breve estará fazendo parte de nossa gente...



Pensativo, o velho homem do campo espera continuar a sua vida na luta, com seus arados, animais e a paz...



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

Mary ergue a cabeça:

— Eu ainda não decidi nada. Porter! Ela lutava para continuar livre.

— Mas Constance tem precisão de você, Mary: e você, precisa dela.

— Oh! Não! — diz ela entre palavras entrecortadas. Constance não tem necessidade de mim. Ela tem Gordon e a filha. Ninguém precisa de mim, no momento.

Roger viu o sangue ardente de Porter invadir-lhe o rosto avermelhando-o como uma flama. Sentiu que também tinha o seu a queimar-lhe a epiderme das faces. E, no espaço de um relâmpago, por cima da cabeça pendida de Mary aquêles dois homens se olhavam, a medir-se.

Tia Frances que estivera à tarde em casa de Mary, em companhia de Grace, retorna à sua residência muito indignada:

— Não posso admitir que Patty Carew e Roger Poole se permitam o desafôro de apossar-se de Mary dessa maneira. Êles não fazem parte da família e seria melhor que se fôssem embora em um momento dêsses.

— Mas foi Mary quem pediu insistentemente à prima Patty, para que ficasse. E, quanto a Roger Poole, êle acaba de ressuscitar Mary. Ela estêve até antes de êle chegar, semelhante a uma imagem de pedra.

— Não lhe vi nenhuma diferença. Que quer você dizer com isso, Grace?

— Ora! Os seus olhos, as suas faces coradas, a maneira de pentear-se!

— A maneira de pentear-se!

Tia Frances pousa o talher e procura desvendar os pensamentos da filha.

— E' isto mesmo. Desde que a triste notícia chegou, que Mary pareceu desinteressar-se de tudo e de todos. Ela adorava o irmão, e não se restaurará de tal perda, inteiramente. Aquela Mary de antigamente estava liquidada. (Grace parou um pouco a fim de firmar bem a voz). Mas, quando subi aos seus aposentos para conversarmos enquanto ela se penteava, eu a vi a arranjar os cabelos da maneira como se preparava anteriormente, quando Roger ainda morava lá. E tudo ela fazia para êle.

— Por que não seria por Porter?

— Porque ela jamais cuidara tanto de sua pessoa, e Porter ia todos os dias a sua casa. Êsses cuidados vieram muito sùbitamente.

— Acha que Roger conseguirá decidi-la a desposá-lo?

— Quem sabe? Êle a ama loucamente. Mas êle a acha muito fina para o gênero de vida que êle leva. E' o tal aborrecimento dos homens. Êles têm mêdo de que não possam dar felicidade à mulher que a sorte lhes destinou. E então procuram uma que não lhes convém. Se coubesse às mulheres o propor...

— Grace!

— Não me olhe assim com êsse ar chocante, mamãe! Digo bem claramente o que tôdas as mulheres pensam: que os homens que as possuem não são aquêles que elas teriam escolhido, caso lhes coubesse o direito de escolher. E Mary vai esperar e martirizar-se, enquanto Roger vai adorá-la e ficar por isso mesmo. Durante êsse tempo todo, Porter continuará a procurar... procurar... procurar... até que, por fim, terá, provàvelmente, o que deseja.

Tia Frances exulta.

— Assim o espero.

— Mas Mary não passará de uma infeliz.

— Então, é porque ela é muito estúpida.

Grace suspira.

— Não é estupidez para uma mulher que deseja a felicidade, o seu ideal. Mamãe, eu gostaria de desposar um homem que tivesse uma missão. Gostaria de ir com êle para as ilhas dos mares do Sul, ensinar aos indígenas, ou para a África, ou para a China, ou para as Índias, não importa para que lugares, a ficar numa vida em que nada mais há do que o bridge, as casas de moda e muito tédio.

Grace estava muito séria e sua mãe o percebeu.

— Não posso compreender como você diz tais coisas, respondeu-lhe Frances com voz entre despeito e mágoa. Não vejo como você imagina ir a regiões inóspitas, longe de mim.

Grace volta a falar e procura cortar o desgôsto materno:

— E' claro que não tenho a menor idéia de tais viagens; mas uma vida assim me proporcionaria aventuras sem que eu tivesse precisão de fabricá-las.

Foi para certificar-se de que estava certa e poder fazer na vida algo de mais grandioso, que Grace, no dia seguinte fêz a Roger algumas perguntas.

— E' possível fazer aqui nesta cidade, o que você fêz por aquêle rapazinho? Mary me falou a êste respeito.

Roger sorriu.

— Há por todos os cantos rapazes e moças que dormem. Apenas temos que trabalhar para os encontrar. E você, com o seu conhecimento de línguas, poderia fazer muito pelos pequenos estrangeiros. Procure torná-los bons cidadãos, por exemplo.

— Como?

— Interessá-los, primeiramente, por imagens, pela música, e em seguida, pelo patriotismo. Não os deixar envolver-se pela política e vagabundar pelas ruas. Procure fazer que, por seu intermédio, encontrem êles um lugar neste país, e que ouçam falar no Deus de nossos pais.

Grace sentia o contágio de seu magnetismo.

— Eu desejaria vê-lo andar pelas ruas de Nova York a dizer tais palavras.

Roger move a cabeça, negativamente.

— Não irei para a cidade. Meu lugar eu já o encontrei, e ali permanecerei; mas tenho a firme convicção de que uma voz falará, e que ela se fará ouvir no mundo inteiro.

— Brevemente?

— Tudo anuncia um despertar. O povo começa a dizer: «Fale-me!» Faz pouco tempo, todos diziam: «Nada há que dizer».

— Compreendo, e isso será maravilhoso. Vou procurar contribuir com a minha pequena parte em favor dêsse grande ressurgimento. Quando Mary recuperar seu ânimo, ela me ajudará.

— Talvez que ela não o possa nunca.

— E' preciso que ela ressurja.

— Quem poderia consegui-lo?

— O homem a quem ama.

Grace se levanta e lança a Roger um olhar faiscante, dispondo-se a deixá-lo. Ao estender-lhe a mão, ela lhe sorri.

— Frágil coração, murmura ela, não sabe que um homem como você, poderá, sem nenhum alarde, conquistar o mundo?

E deixa Roger com o coração a bater como se quisesse pular do tórax. Que teria ela querido dizer? Pensaria Grace que Mary...? Quando subiu ao seu aposento lá na Tôrre estava em estado de vertigem. As janelas estavam abertas deixando entrar o ar tépido. Olhando lá para fora viu êle a fita d'água brilhante como uma listra de prata e a flecha branca do monumento que parecia tocar o céu. Mas êle viu muito mais do que isto. Entreviu o futuro com Mary, e, novamente, começou a sonhar acordado.

Se êle houvesse imaginado ver-se a sós com a mulher de seus sonhos

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. O casamento de sua irmã Constance, deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças» êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava demonstração de estar apaixonada por êle. Roger sentia aumentar suas paixão para com Mary, mas a diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia, e Barry, aproveitando estar a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banhos e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso, Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger para tomar chá em sua companhia, mas êles dois, a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry é discutido e Gordon parece não aprovar os amôres do rapaz com Leila, bem como não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. Roger, que se ausentara, escreve uma carta a Mary. Em casa de Mary a situação se inclina para separar Barry de Leila. Gordon propõe levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com a sua viagem para a Europa Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai, chorando nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. Tia Frances e Porter foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes. À carta de Mary, Roger respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias. Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcionasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio de auto pela cidade. Porter deu várias voltas, até que consultou a tôdas se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos. Porter, não podendo suportar mais, confessa a Mary que a levara ao atelier de Colin apenas para mostrar o retrato da mulher de Roger. Mary, porém, não se perturba. Mas diante do que lhe dissera Porter, seu espírito começa a vacilar. Chegou mesmo a pensar que a carreira de funcionária pública não lhe servia. Em fevereiro Roger escreveu uma carta a Mary sabendo se era possível hospedar sua prima Patty na vivenda dos Ballards, tendo Mary aprovado o programa. Patty vinha a Washington a fim de assistir à posse do Presidente, no qual votara. Porter foi com Mary, à estação e a receberam. Nos dias seguintes Patty muito passeou e visitou as famílias das relações de Mary.

naquela tarde, ter-se-ia contrariado muito, pois que Leila e seu velho pai chegaram para o jantar. Leila estava bastante calma e muito doce em seu vestido de luto. E uma vez mais foi Roger tomado pelo sentimento de que essa casa não fôra feita para falar-se de amor. Embora sentisse alegria, uma alegria tôda sua, era preciso esperar, mesmo se essa espera lhe trouxesse contrariedade.

E foi seguindo as determinações dessa espera que, um dia, êle almoçou com Porter. O convite muito o surpreendeu, e êle se sentiu vagamente perturbado e opresso com o pensamento que isso poderia, talvez, ocultar algum motivo inconfessável. Mas ficaria feio se não aceitasse o convite, e, à uma hora, encontrava-se êle no University Club.

Durante uns momentos êles conversaram sôbre coisas várias e sem maior importância. Inesperadamente Porter fala de modo brusco:

— Eu não tenho intenção nenhuma de levantar lebres, Poole. Mas o convidei para almoçarmos juntos, aqui, a fim de falar-lhe sôbre Mary Ballard.

— Sim?

— Você a ama?

— Sim. Mas pergunto-lhe com quo direito vem fazer-me o interrogatório.

— Não tenho nenhum direito, salvo o interêsse que tenho por Mary. Penso, por isso, que êste interêsse meu justifica a interrogação.

—Talvez.

— Deseja desposá-la?

Roger mudou de posição, e, inclinando-se para a frente, fixa o rival nos olhos, e, não escondendo sua indignação interpela-o:

— Mais uma vez eu lhe pergunto, com que direito me faz estas perguntas, Bigelow!

— Não se trata de uma questão de direito, agora, Poole, e você bem o sabe. Você a ama, e eu também a amo. Ambos a desejamos. Antigamente os rivais decidiam tais coisas com espadas e pistolas. Você e eu somos homens civilizados e modernos, mas o caso exige uma decisão como antigamente, entre os homens.

— Miss Ballard deverá regular esta questão, e não você e eu.

— Ela não poderá decidir. E' uma idealista. Você a seduziu com sua imaginação, com seus detalhes sôbre a obra evangélica, tôda a sua gente, os pequeninos ouvintes, os jardins, os pinheirais, a vida ao ar livre, e assim por diante. E ela passou a ver tudo isto com os olhos com que você desejava que ela visse, e não com os da realidade. Mas você bem conhece o quanto de tristeza e de tédio há em tais religiões, terrivelmente monótona e quente. Eu, meu caro, já passei um inverno ali, e, de tempos em tempos, temos excursionado pelos arredores da cidade onde nos hospedamos. Era como um deserto. E' o que lhe digo, Poole: um deserto. Não é um lugar para uma mulher.

— Você nada mais viu que pinheirais calcinados e colinas de areia. Eu poderia mostrar-lhe outras coisas.

— Dê exemplo.

— Eu poderia mostrar-lhe um povo que desperta. Poderia mostrar-lhe tôda uma comunidade em vias de quebrar os ferros que as jungem à ociosidade e à ignorância. Eu poderia mostrar-lhe os homens, submetidos a velhas tradições, tomando contato com o ideal novo. E nada há de mais belo no mundo, Bigelow, do que a aurora dêste despertar. Mas é preciso ter-se o espírito iluminado, para que a vejamos. E fé, para poder crer. Só os idealistas, Deus louvado, podem ver além do hoje e do amanhã. Eu não tenho fortuna nem uma situação vantajosa para oferecer a Mary, mas posso oferecer-lhe um mundo que tem precisão dela. E se eu a conheço, como creio que a conheça, ela se sentirá muito mais alegre com o meu mundo, que com o seu.

Êle não elevou a voz; mas Porter sentiu tôda a fôrça de sua eloqüência, e percebeu o seu conteúdo(compreendendo ao mesmo tempo que, se Mary o ouvisse naquele instante, sentir-se-ia emocionada. Foi então que êle lançou o dardo venenoso:

— Talvez, no começo. Mas quando for preciso construir um lar, surgirão sempre os estigmas de seu passado, e tudo pode reduzir-se a constrangimentos, Poole.

Roger estremeceu de dor.

— Meu passado morreu. E' de meu futuro que é preciso falar agora.

— Você não poderá anular o passado. Você nem mesmo dispõe de um púlpito para falar aos fiéis.

Roger não esconde sua indignação.

— Estou desejando, diz êle com voz ameaçadora, que não fôssemos civilizados nem modernos. Pistolas e espadas seriam meios mais fáceis do que êste de que está lançando mão.

— Eu luto pelo bem de Mary. Você deve renunciar a ela. Não há ninguém de sua família que deseje êste casamento. Gordon não consentiria nêle, absolutamente.

Pareceu a Roger que todos os malentendidos e fuxicadores de outrora se tinham novamente alinhado em tôrno dêle para murmurar numa onda escarnecedora. Êle se ergue indignado e trêmulo.

— Chama você uma vitória, quando um homem vibra em um outro uma punhalada em pleno coração? Pois bem! Se assim é a sua vitória, Bigelow, eu não o invejo.

CAPÍTULO XXV

Mary Rebelle já não é mais a Mary Rebelle. Desde que Roger partira levando consigo a prima Patty, — tendo ido sem dizer-lhe uma só das palavras que ela esperava — Mary se havia submetido aos projetos que Gordon tinha formulado para ela e que tia Frances e Porter entendiam de fazê-la executar.

(Cont. no próximo número)

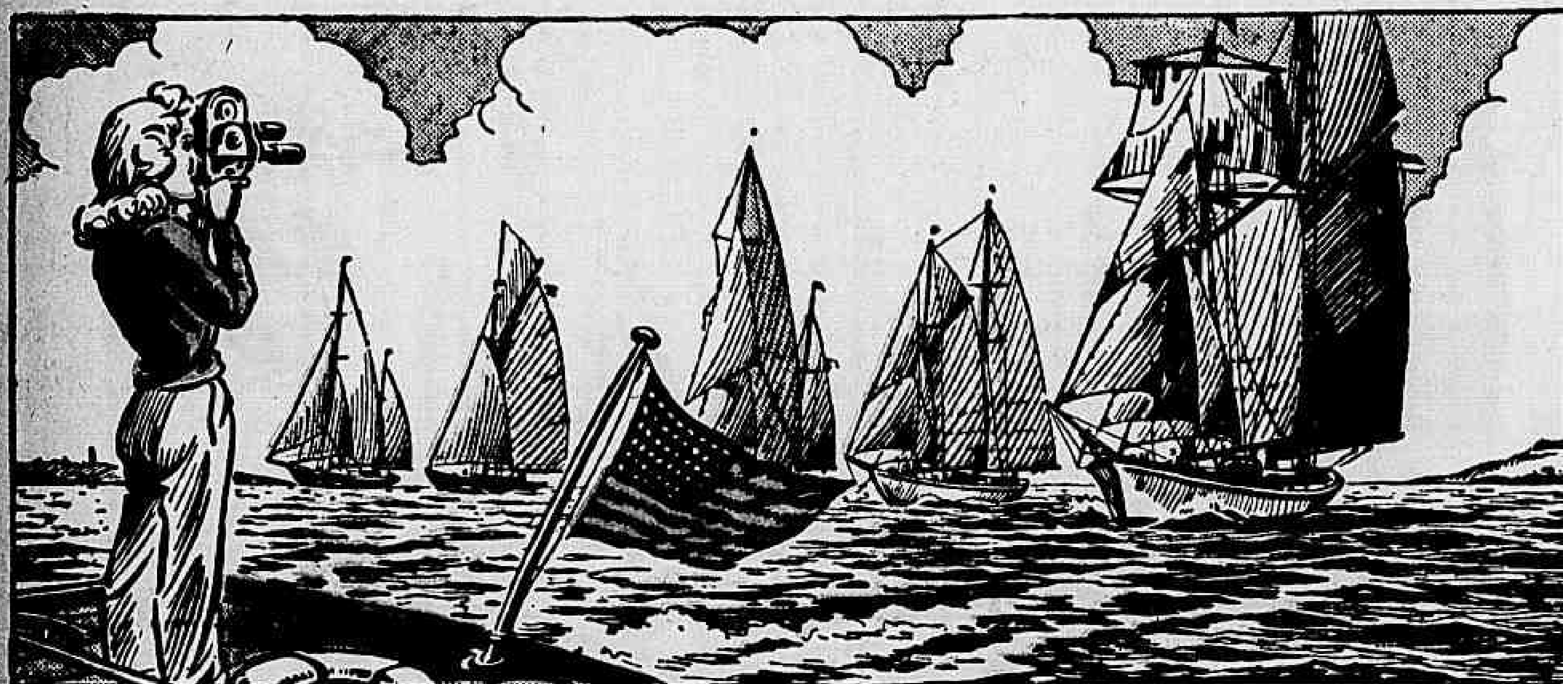
Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

Uma Aposta Temerária





7 O dia da partida dos competidores chegara. Willy, a bordo de sua lancha "Pandora", filma todos os detalhes da largada. Lá estava o "Mayflower", dirigido por Morris, um primo de Marga; o "Liberty II", de Rob; o "Laura", de Broockfeller; o "Viking", de Nils Bjorn; e, por fim, o "Memphis", pilotado pelo má fama "Cigarrette-Larry". Fazia um dia magnífico e nada prenunciava mau tempo. Larry estava confiante na vitória do "Memphis", e não perdia de vistas os outros competidores. Já se comunicara com um seu amigo em Honolulu, avisando-o da próxima partida.







8 A primeira etapa entre San Francisco e Honolulu foi coberta sem nenhum incidente. Quando o barco de Rob se aproximava das costas do Hawaii, verificou que o iate do milionário Brookfeller se colocara em segundo lugar. Os demais haviam perdido a posição, inclusive o "Memphis", o grande barco de "Cigarrette-Larry". Mas o tratante ficara atrasado de propósito, a fim de entender-se com os seus cúmplices da traição que arquitetava contra o Capitão Rob. Os seus dois asseclas Tobias e Jolo — além de nativos —estavam combinados, com Larry para fazer falsetas.







9 Rob chega em primeiro lugar ao pôrto de Honolulu, e vai registrar o feito perante as autoridades marítimas. Dali para diante a corrida seria sem mais nenhuma parada. Rookfeller, que vinha no encalço de Rob, perdera-o de vista, antes de chegar a Honolulu. De súbito, êle sabe que o "Memphis" está em maus lençis. O milionário corre em socorro de Larry, mas é prevenido de que não precisa de ajuda. E o "Laura" aproa novamente para o pôrto onde já estava o barco do Capitão Rob. Que nada mais houvesse, daí por diante, foi o desejo sincero do milionário.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — Rob mandara construir um novo iate, a que dera o nome de "Liberty II". Suas antigas companheiras de aventuras pelos mares do Oriente, Marga e Willy serviram de madrinhas e quebraram na quilha a garrafa de champanha tradicional. Nesse mesmo dia, Rob tomou parte numa regata e ganhou o primeiro lugar. O milionário Brookfeller, dono do iate famoso, perdera o páreo e propusera um cruzeiro perigoso a Rob: — a travessia do Pacífico, rumo às ilhas da Malaia. O milionário oferecia um prêmio de 500 mil dólares ao vencedor. Êle tinha qualquer coisa oculta. Rob aceitou o desafio. Um marujo de má fama, Larry, também se inscreveu com o barco "Memphis", veeleiro de maior envergadura do que o "Liberty II". Durante uma festa realizada no Clube Naval, o Capitão Rob dança com Marga e Willy, com as quais conversa sôbre êsse cruzeiro perigoso e de fins que ainda não ficaram bem esclarecidos, segundo o seu modo de ver.





10 A tripulação do veleiro "Memphis" estava contrariadíssima e ameaçava distúrbios. E' que o barco, de grandes proporções, não podia ser tripulado por quatro homens, apenas. O vento aumentara muito, soprando bastante forte, e dois homens faziam o possível para manter o leme em ordem. Larry os espreita e dá ordens com desaforos: — "Hei! Malandrões!" — grita êle. — "Como é que vocês, idiotas, não podem dominar umas velinhas como estas?". Os marujos respondem com palavrões no mesmo tom e Larry procura dominá-los, travando luta e fazendo vítimas.





11 O marujo que ia ao leme toma-se de rancor contra Larry e vai contra êle. Mas o proprietário do "Memphis" era um vigoroso lutador e o espera. Quando o tripulante procura acertar-lhe com um golpe, Larry lhe vibra um sôco violento, derrubando-o. Larry toma a direção, enquanto os seus auxiliares não podem compreender como é que o patrão estava desinteressado em chegar primeiro ao pôrto de Honolulu. Daí por diante todos passaram a ver nisso alguma manobra ardilosa. Na verdade, o que desejava "Cigarrette-Larry", era dar tempo aos cúmplices.





12 A êsse tempo ja estavam no pôrto de Honolulu três dos barcos que tomaram parte no cruzeiro. O primeiro lugar coubera ao "Liberty II"; o segundo lugar, ao barco "Laura", do milionário Brookfeller, que instituíra o prêmio; o terceiro lugar estava com o "Mayflower", de Frank Morris. Todos estavam agora esperando pela chegada dos dois últimos, isto é, o "Memphis", de "Cigarrette-Larry", e o "Viking", de Nils Bjorn. — "O "Memphis" precisa de — no mínimo — dez homens" — diz Brookfeller Estava Rob olhando o mar quando avistou a lancha "Pandora", de suas amigas.

Quaresma Do Meu Sertão

— Ah!... Meu tempo, meu tempo!... Tudo se acaba!...

Era assim, suspirando, pensativa, que mamãe encerrava as lindas narrativas de sua meninice e adolescência ditosas, vividas nos belos tempos do entardecer do século passado. E eu, que também já tenho minha bagagem de recordações, quantas vêzes me apanho naquela mesma atitude agridoce... quase a chorar um passado que não volta mais. Cada tempo, cada mês, um simples pensamento, um sol rubro de Setembro, eis o que basta para ficarmos meditativos... recordando. E' assim que, na quaresma, me lembro dos "recomendadores" de orações para as almas. Hoje, saudoso, naqueles tempos, na minha infância, que pavor eu tinha! Não sei se o respeito pelas coisas santas é que, naquelas ocasiões, fazia sentir-se a tristeza em tudo. A natureza parecia silenciosa, muda, como a perceber o que se comemorava.

★

Noite alta, já, e ainda não se ouve qualquer cântico. Mas os cães perceberam algo e uivam tristemente. Depois se distingue, primeiro muito ao longe, e, pouco a pouco, mais perto, a cantoria daqueles simples e devotos caboclos. Em cada pausa, ou entre sítios distantes, se percebe a matraca, indispensável para essas ocasiões. Agora, se aproximam de nossa casa. Ouço o ulular do "berra-boi", ladrão de minhas últimas reservas de coragem. Cubro a cabeça, o que em nada me adianta. Mamãe já está de joelhos, perto de nossas camas. Lá fora soam forte a matraca e seu terrível companheiro — o "berra-boi". Nisto, rompem o cântico: "Alerta, alerta, ó pecadores! Acordai se estais durmindu. **Vejai** bem que Deus não dorme. Nóis também não durmiremo.." — Sempre o final é sustentado em escala ascendente, dando maior tristeza ao cântico. Em outro lugar recomendavam: "Rezai mais um Padre-Nosso, Padre-Nosso e Ave-Maria..." Também cantam o "Bendito", e outras orações próprias à solenidade. Terminam. Alguns sussurros quebram o silêncio. A matraca é ouvida fortemente, outra vez. Estão-se afastando. O matracar vai sumindo... sumindo... E os cânticos, que ainda se percebiam nos vizinhos mais próximos, já não se ouvem mais. Tudo quieto!... Só os cães continuam a uivar, entristecendo a noite. E' dêste modo, rememorando, que se dá rédeas à imaginação criadora. Então, começa a fantasia:

★

— "Seu Neco! Oia que vem lá "

O "Neco Vais", antes de qualquer resposta, deu três cuspadinhas de lado para ver-se livre do azar:

— "Eia-te, Teodoro escamungado! Home... perfiro curquerê na lavôra do que os pé daquele desgranhento."

— "Eu acho que inté nuve de gafanhoto num era pió."

Não era só ali, entre aquêles dois, que se ouviam conversas assim. Teodoro não era simpático a ninguém. A sovinice, rispidez e insociabilidade, faziam dêle o mau amigo e péssimo vizinho. A única pessoa que o aturava, a mulher, morrera; não resistiu à maleita brava de há dois anos passados. Porém, para aturar as caturrices do marido, deixou a filha adotiva, pois, do casamento, nada rendeu. Agora, moça, vivia prêsa ao rabugento, atada pela promessa de zelá-lo, feita à mulher agonizante. Mas estava por pouco. Descobrira que Teodoro tinha por ela afeições nada paternais. E, quanto mais esbelta se tornava, mais êle se descobria. Mas o homem era honesto, de moral elevada, austero para si mesmo. Bem se via que a paixão era demasiada, para que êle se traísse. Aos 55 anos, conservadíssimo, não aparentava quarenta.

Teresinha vivia sonhando, sonhando... Não com o velho, mas, com o Tonico Teixeira, o melhor rapaz daquelas paragens. Coisa velha, nos tempos de crianças, dia após dia, mais aumentava. O velhote sabia? Ignorava? Isso era com êle.

Teodoro andava bravo! Limpando bem cartucheira de dois canos, bocuda, ameaçava céus e terra. Soubera que, naquela quaresma, iriam banquetear à custa dêle. A ceata por conta do alheio, mesmo não sendo comum, era realizada, algumas vêzes, naquelas noites. Enquanto alguns cantavam, outros surripiavam algumas galinhas. Podia não serem do bloco de cantores, e, sim aproveitadores do momento, legítimos larápios. Nesses casos, quase sempre o roubo era de maiores proporções e não brincadeira de amigos — coisa de pouca monta. E... quantas vítimas não se fartaram à própria custa! Convidados a comer do que lhes furtavam, era depois revelada a tramóia, entre gargalhadas e chacotas.

Ao "Tonho Gordo, um dos poucos com quem se abria, Teodoro revelou o aprontamento: "Vão mexê cum quem tá queto?... Puis vai chumbo pros cangote!" O negociante era "bicho" para guardar segredos! Tôda redondeza já deveria saber da história.

Do quintal do velho nunca sumira a mínima coisinha. Até dêsse modo êle era boicotado. Mas, êste ano... **Plac-plac-plac**... A matraca soou lá do quintal. Teresinha não dormira cedo. Estava tão preocupada!... Pobrezinha! Vendo a atitude do velho, falou-lhe: "Pai, num vá fazê locura!" na porteira. Teodoro, passando a mão na espingarda, ia sair pela porta — "E' só pra assustá" — disse êle para acalmá-la.

Da sombra negra da laranjeira mais adequada, Teodoro, ora fiscalizava o poleiro, ora o chiqueiro pequeno, onde, por prevenção, prendera tôda a leitoada.

Nada de anormal ocorreu. Enquanto se distanciavam, o velhusco permanecia no esconderijo, desapontado, pois, julgava ter chegado o momento de pôr à prova certa inquietude que lhe ia no íntimo — a luta entre o bem

(Cont. na pág. 51)



Conto de AFONSO CELSO OLIVEIRA
Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

UM RAJÁ NO BRASIL

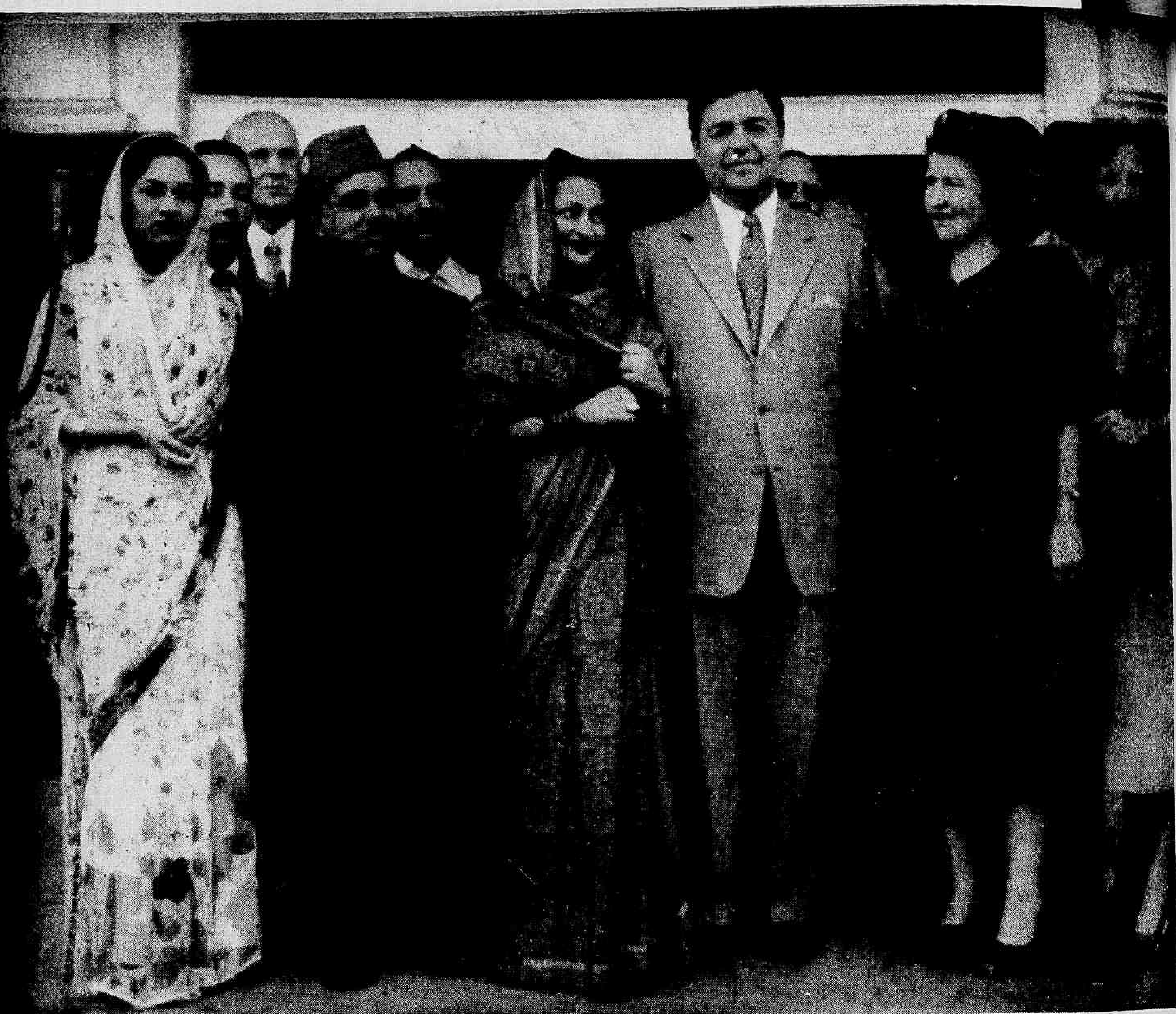
O NOVO EMBAIXADOR DA ÍNDIA ★ UMA RECEPÇÃO CARINHOSA ★ NOTAS E CURIOSIDDES

Texto de **LEONEL C. FERREIRA**
Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

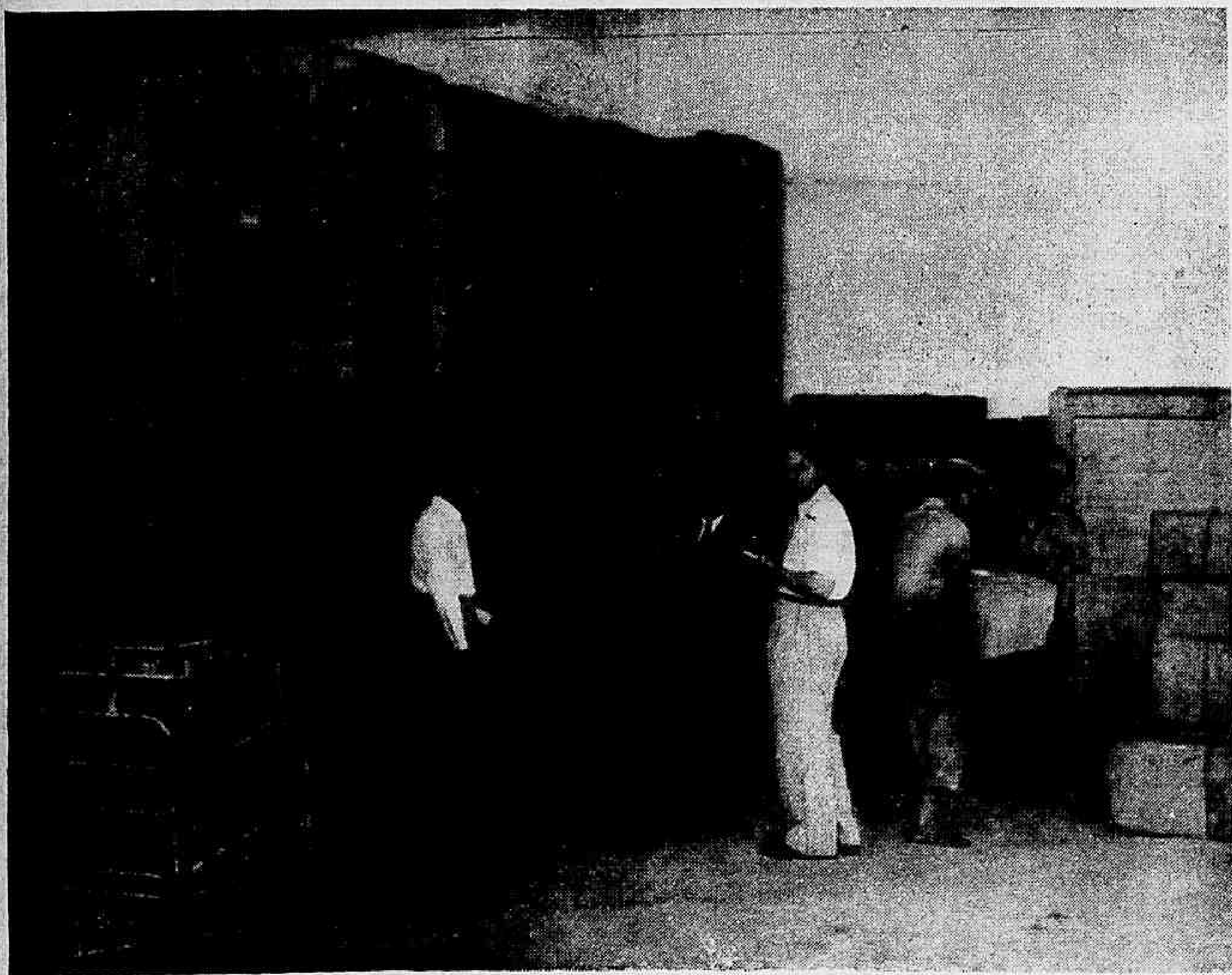




A "rani" Kusum Kumari, princesa de Rajpipla, espôsa do Embaixador da Índia no Brasil, o Rajá de Mandi, envergando vistoso "sari": na testa vê-se o friso vermelho. Sua Alteza Joginger Sen Banhadur, Rajá de Mandi, palestrando cordialmente com o Sr. Geofrey Harrington Thompson, Embaixador da Inglaterra;

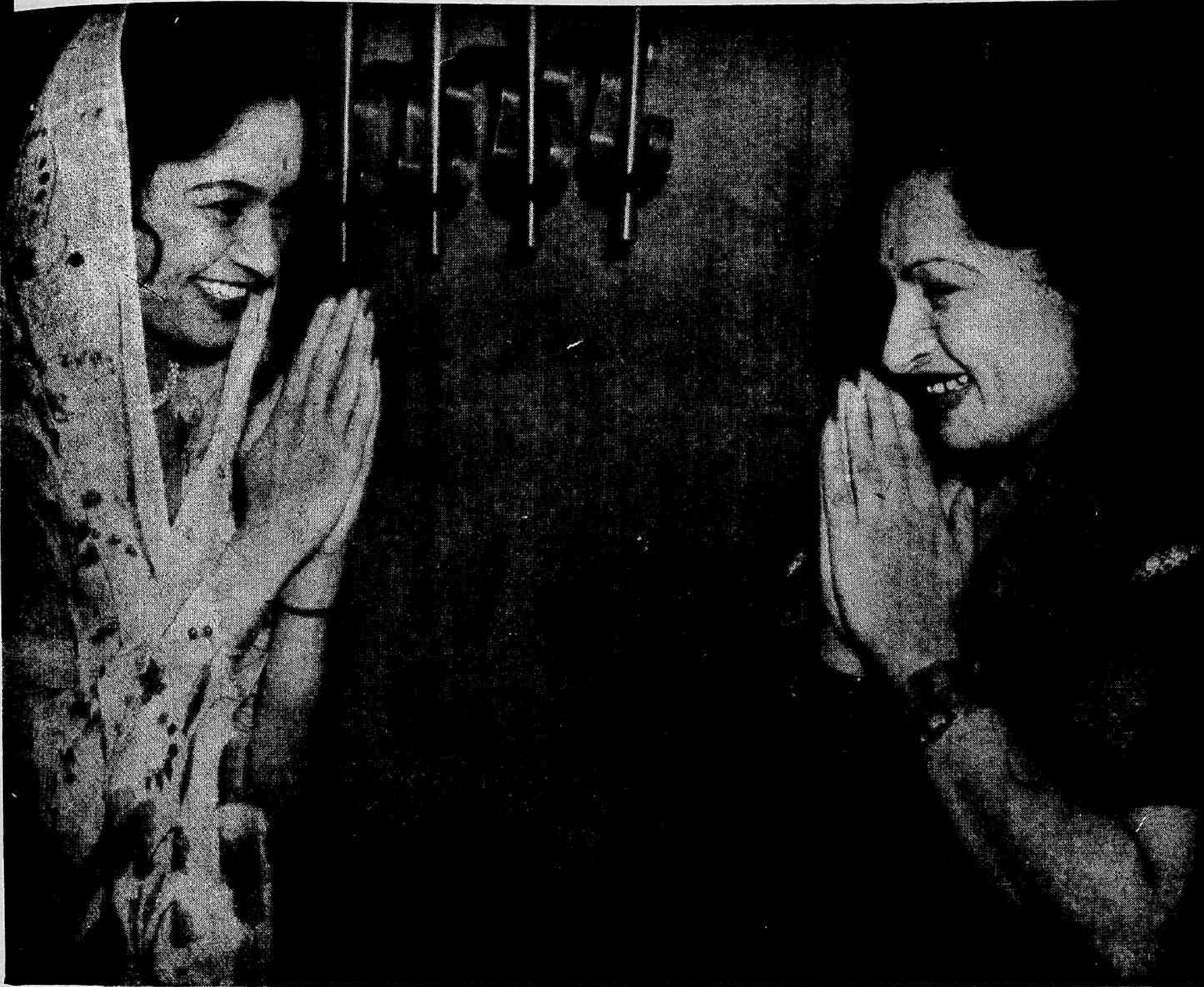


Da esquerda para a direita: Sra. Bhadkamkar, S. A. Rajá Joginger Sen Banhadur, de Mandi — S. A. Embaixatriz Rani Kusum Kumari — S. Excia. Embaixador do Paquistão — Senhora Mukerjee e senhora Bhagat. Funcionários da Embaixada.



UM RAJÁ

Um curioso flagrante da volumosa bagagem do Embaixador indiano; apesar da dificuldade imposta pelos funcionários que não a permitiam fotografar, foi possível obter esta expressiva foto. Duzentos e seis volumes.

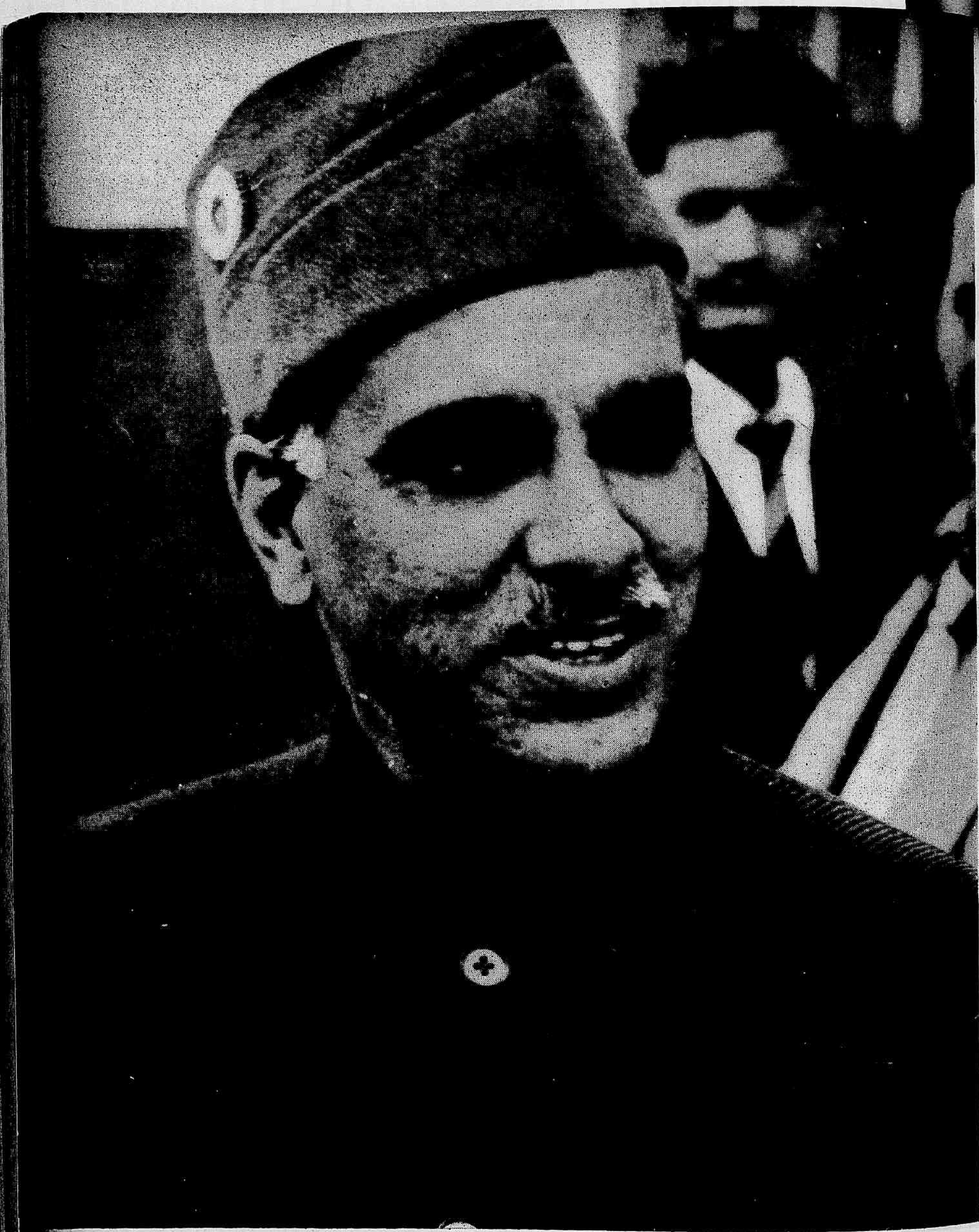


A Sra. Bhadkamkar, espôsa do secretário do embaixador indiano, faz a saudação de submissão e respeito, usada no oriente: "a namasta". Ambas estão visivelmente satisfeitas, no momento. Será, por ventura, a satisfação experimentada na encantadora Cidade Maravilhosa? Talvez...

NO BRASIL



Dois sapatos, duas elegâncias: originalíssimo calçado muito em uso na Índia, por ocasião das festas de gala. E' um sinal de distinção e sòmente é apreciado pelas pessoas de gôsto; a confecção é simples e atraente.



SUA ALTEZA JOGINGER SEN BANHADUR — RAJÁ DE MANDI

O segundo embaixador da Índia no Brasil, chegou de Nova York, viajando a bordo do navio argentino "Jachal". Sua Alteza é considerado um dos mais cultos diplomatas do mundo.



A EXMA. SRA. EMBAIXATRIZ, "RANI" KUSUM KUMARI

A "Rani" Kusum Kumari, Princesa de Rajpipla, Embaixatriz do Rajá de Mandi. A linda embaixatriz representa o tipo característico da elegância e da beleza da mulher indu.

UM RAJÁ NO BRASIL



A senhora Malti, espôsa do garção, numa foto significativa; no Nepal as senhoras casadas usam brilhante no nariz.

OS povos da comunidade asiática do extremo e do médio oriente, vivem presentemente, um dos momentos decisivos de sua história. Mal saídos das lutas intestinas de emancipação, êsses povos voltam-se para as democracias, porque vêem nelas a garantia de preservação de sua independência. República nova a velha Índia nos manda, agora, o seu novo embaixador: Sua Alteza Joginger Sen Banhadur, Rajá de Mandi, acompanhado de sua espôsa a "rani" Kusum Kumari, Princesa de Rajpipla, um filho e duas filhas. Recebendo os jornalistas, ainda a bordo do "Rio Jachal", o diplomata indiano teceu elogios à amizade que sempre uniu a sua pátria ao Brasil. Abordou, em seguida, o problema da juta em seu país, que tem aumentado consideràvelmente. Frisou, ainda, que é sua intenção unir mais a Índia ao Brasil, através de uma reciprocidade mais eficiente, fortalecendo as importações de produtos brasileiros, principalmente cereais. Quanto à política internacional, ressaltou o embaixador o fato de que o "premier" Nehru, segue as diretrizes traçadas pelo Mahatama Gandi. A Índia, concluiu o Rajá de Mandi, quer a paz: contudo se houver guerra entre os totalitários e as democracias, "sem dúvida, meu país se alinhará entre estas últimas". O Rajá de Mandi nasceu a 20 de agôsto de 1904. Subiu ao trono em 1913 e foi

(Cont. na pág. 54)



A senhora Banergee, espôsa do Administrador de Sua Alteza, com uma das filhas do ilustre casal recém-chegado.



Esta foto nos revela outra pose especial da senhora Banergee, com sua indumentária típica do Oriente. Uma autêntica elegância indu, sem exageros.



A senhora Malti, ao centro, com seu vestid[illegible]
racterístico; o Sr. Shamasla, criado de maio[illegible]
tegoria e administrador, e um dos seus subordi[illegible]



Os criados do Rajá: nesta foto podemos ob[illegible]
o "mestre cuca", o valete e um dos garçõe[illegible]
uniformizados. Sentem-se felizes ao serviço do [illegible]



Podemos apreciar mais detalhadamente o manto especial, usado pelas senhoras casadas, que dá elegância à moda feminina da lendária Índia.

Um velho decreto prejudicando a exibição de filmes no Brasil



O Sr. Domenech explicando ao nosso representante a crise dos documentários.

HÁ alguns anos foi decretada uma lei que tinha por finalidade proteger a indústria cinematográfica nacional. Com efeito, essa lei protege o filme brasileiro de longa metragem; mas, ao disciplinar a exibição de filmes curtos, os chamados "jornais cinematográficos", de noticiário internacional, de cintas educativas, de turismos e excursões, se tornou inexequível e profundamente prejudicial ao próprio povo brasileiro. Já faz alguns meses que nenhum cinema do Rio, e, conseqüentemente, nenhuma casa de exibição do Brasil, inclui em seus programas filmes documentários, "jornais cinematográficos" procedentes dos Estados Unidos, Inglaterra, etc. Isso vem causando retraimento de fãs, muitos dêles mais interessados em noticiários internacionais do que mesmo nas películas de enrêdo. Para dar esclarecimentos aos leitores fomos conversar com um dos mais idôneos e competentes exibidores de documentários do Rio, o Sr. José M. Domenech, diretor e fundador do Cineac-Trianon, a primeira casa especializada em novidades fílmicas nacionais e estrangeiras fundada em nosso país .O "Cineac", situado na Av. Rio Branco, introduziu a novidade do noticiário em programa total, e seu nome nada mais é do que uma contração bem arranjada de "Cine-atualidades". O c que aparece é um resquício das **actualidades**, como se escrevia nos tempos da escola risonha e franca. O Sr. Domenech é um cavalheiro perfeito. Pôs-se à disposição do repórter e começamos pelo ponto capital da crise de filmes documentários:

— Qual o dispositivo legal que atrapalhou a importação de películas curtas?

— O decreto 30.179 em seu artigo 38, que diz: "Os importadores de filmes cinematográficos dos chamados jornais ou atualidades e naturais, ficam obrigados a adquirir anualmente no mercado cinematográfico nacional para exportação, filmes dêsse gênero na proporção de 10% dos metros que importarem anualmente".

E, depois de ler-nos na íntegra o artigo "cortina de ferro", explicou: Que são utópicas as exigências dêsse dispositivo, está ao alcance de todos, mesmo de leigos em assunto cinematográfico. Qualquer produtor nacional que pretendesse produzir jornal de âmbito mundial, deveria defrontar-se, de início, com êste problema insolúvel: Um jornal filmado requer, em média, 300 metros de filme contendo acontecimentos escolhidos entre nações do mundo. Ora, para que êsse hipotético cineasta brasileiro, pudesse produzir e exibir o seu filme deveria ter relações com cada uma das sessenta nações civilizadas e organizadas politicamente, espalhadas pelos continentes. E' claro que, diante das exigências do Brasil, elas também imporiam condições semelhantes, ou ainda mais radicais, como acaba de fazer a Argentina. Se cada um dos países existentes exigisse do nosso produtor nacional o que o Brasil está querendo exigir de cada produtor estrangeiro, deveria importar de cada nação, 10% da metragem exportada, com o que teria de adquirir o total de 1.800 metros para usar apenas 300, verificando-se um excesso de 1.500 metros sem aproveitamento, mas prèviamente pagos, ficando assim, inexoràvelmente, com o custo do seu produto majorado em 500%, o que equivale dizer, proibido de vender no mercado livre.

— Qual seria a solução para isso, mas que os nossos jornais e documentários também fôssem exibidos lá fora?

O nosso entrevistado respondeu sem pestanejar:

— Muito fácil e lógico: a percentagem do citado artigo deveria ser inferior a 2%. Fazendo-se um rateio entre as nações do mundo dos 300 metros de filme disponível de jornal de atualidades, caberia a cada uma a média de 5 metros em cada edição.

— Mas, — argumentamos com vontade de confundir o nosso entrevistado — sem êsse artigo, enquanto nossos cinemas estão exibindo notícias e coisas do estrangeiro, os do estrangeiro não exibirão fatos e episódios brasileiros.

Nosso entrevistado esboçou um sorriso e respondeu:

— Talvez seja uma surprêsa para o amigo, para o público e mesmo para os legisladores do citado decreto, saber que cenas e fatos do Brasil sempre foram exibidos no exterior, espontâneamente incluídos nos jornais mundiais pelos produtores estrangeiros, e em porcentagem realmente superior ao que caberia pelo rateio equitativo. E isso sempre aconteceu sem qualquer lei impositiva, sem qualquer proteção legal. Os fatos mais importantes ocorridos no Rio, como as paradas militares, posse de Presidente da República, conferências internacionais de Quitandinha, festas populares, Carnaval, etc., tudo tem sido filmado e exibido no estrangeiro por emprêsas de fora. E não esqueçamos as obras-primas de Fitzpatrick, em tecnicolor, sôbre o Rio, bem como os filmes da série "Hoje e Amanhã", da RKO. E ainda temos esta particularidade para a qual se deve chamar a própria atenção do govêrno: a evasão de dinheiro em divisas para a importação de filmes virgens, no caso de ser cumprido pelos produtores estrangeiros o art. 38 do citado decreto. Sendo êles forçados, por lei, a importar documentário em tais proporções, apenas para jogar fora o imprestável, sucede que o Brasil terá que importar filmes virgens, em maior escala, coisa onerosa e prejudicial à incipiente indústria brasileira, e para que dêsse sacrifício nada resulte de útil **nem** para o povo, nem para o importador, nem para o exportador, nem para o govêrno.

Terminando, nos disse o Sr. Domenech: O Presidente Getúlio Vargas, sempre atento à relação de causa e efeito, na aplicação das leis criadas para promover o bem coletivo, acaba de assinar uma alteração no decreto 30.179 atendendo às pretensões de exibidores e produtores nacionais interessados no setor da longa metragem. A êle dirigem seu apêlo os distribuidores e exibidores especializados em curta metragem, de forma que o art. 38 seja substituído por outro mais lógico, ou mesmo revogado. Imagine o amigo que, para a imprensa houvesse a mesma exigência: Só publicassem os jornais do Brasil o noticiário estrangeiro, se os de lá divulgassem notícias do Brasil. Que sucederia?

— Uma calamidade.

— Pois esta calamidade está grassando hoje nas telas nacionais. Os mais empolgantes acontecimentos do mundo, como as enchentes do Mississipi, as conversações de Pan Mun Jon, as crises de govêrno na França, a Paz com a Alemanha em Bonn, a recente explosão atômica do deserto de Yucca, **no Estado de Nevada**, episódios no mar, no ar, em terra, nas minas, filmes culturais, turísticos, artísticos de grande interêsse público e educativo, tudo,

(Cont. na pág. 50)

DOMINGO DE LUA DE MEL

Conto de CARLOS LION

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

COM aquêle sol entrando pelas janelas, invadindo a manhã de claridade, o domingo era mais que um convite: era um apêlo para o mar, para as corridas na praia ou para mergulhos nas ondas, de arpão nas mãos para fisgar os peixes ariscos. Henrique saltou da cama desabotoando o paletó do pijama e escancarou de uma vez a janela semi-aberta por onde o sol entrava como mucina amarela. Sentiu vontade de pegar a luz com os dedos e de expôr os ombros nus à tepidez que descia como mel. Fêz dois movimentos de ginástica, como para ter certeza de que estava bem disposto e cantarolou uma frase de ópera, inspirada pelo momento. Lia despertou, descerrou lentamente os olhos quando Henrique soltou a voz pela janela, enchendo ao mesmo tempo o quarto com aquelas frases que eram de entusiasmo pela manhã, pelo sol, pela esperança de boa pescaria:

— Sol... ó soooool... sool... sooooal... do mar... dooo... maar!

A risada fina, quase estridente de Lia fêz Henrique sorrir e voltar para a cama, meio encabulado com as manifestações líricas diante do espetáculo glorioso do dia.

— Hoje passaremos o dia na praia, — disse a Lia. — Vou acabar o meu arpão, que está quase pronto. Vista-se.

E Henrique saiu sem esperar a aquiescência de Lia. Foi direto aos objetos de pesca. Lá estavam o bambu forte e o anzol que espichara. Ao lado uns óculos que pareciam tirados da cabeça de um escafandro, com um apêndice longuíssimo de tubo de borracha para facultar a respiração sob as águas. Sabia que Lia detestava cambalhotas e saltos mortais dentro d'água, só para espetar peixinhos inocentes, como ela dizia. Então tratou de improvisar para ela um caniço, servindo-se de um bambu cumprido e fino. Foi ao fundo do quintal, cavou entre ou tufos de plantas a terra mole recém adubada, a ver se descobria minhocas para isca. O facão desceu fundo na terra escura e minhocas sinuaram à sua frente, tentando fugir pelo solo a dentro. Henrique encheu a lata e voltou à casa para os últimos preparativos.

Lia já estava de calças azuis, chapéu de palha de aba larga e talvez uma certa ponta de mau humor. Não gostava de pescar. Tinha medo do frio, do vento fino que vinha das ondas. Mas naquela manhã não havia motivo para a sua prevenção. O dia estava realmente tépido, o sol era uma segurança por cima dos telhados, das pedras, das ondas. Henrique mais que ràpidamente meteu-se em roupas caiçaras e preparou a mochila. Alguns sanduiches, duas ou três garrafas de água mineral, frutas, jornais, revistas e o livro que Lia estava lendo.

— Vamos pescar! — sussurrou cariciosamente ao ouvido de Lia, roçando a seguir os lábios pela face da jovem esposa.

— Que chato, — disse Lia, mas num tom de aceitação, de concordância que entusiasmava. Era um "que chato" que valia por "que formidável", "que ótimo".

Henrique sorriu e sairam para a rua como duas crianças, sacudindo varas, aparelhos, mochilas. Nessa altura o sol estava mais quente e Lia ajeitou o chapelão sôbre os cabelos curtos. Seu rosto na manhã era uma policromia de revista americana. Muitos que passavam acreditavam ter visto aquêle kodacrome num cartaz de propaganda de um dêsses refrescos com gôsto de salão perfumado. De fato Lia e Henrique iam compondo um short cinematográfico.

Chegaram às pedras. Mais além, alguns homens de torso nu forcejavam na retirada de uma tarrafa. Meninos com caniços sondavam vários pontos do mar, buscando regiões onde a pesca pudesse ser mais abundante. Lia acomodou-se numa pedra, mergulhou a linha na água e abriu o livro. A placidez das águas refletia a luz viva do sol, revestindo as faces de Lia de um verde trêmulo, como se de longe alguma criança brincasse dirigindo os raios solares com caso de vidro. Henrique já se afastara, com água até o peito, sondando o fundo do mar, arpão erguido, em atitude meio selvagem. Lembrava mesmo, visto de longe, um índio em atividade primitiva. Mas os óculos achatando o nariz davam a nota civilizada naquela pescaria que era esporte e não necessidade. De quando em quando, Henrique cabeceava e afundava num mergulho, perseguindo um peixe que fugia como raio submarino. Depois de alguns segundos, botava a cabeça para fora, olhava para Lia, meio decepcionado. E sacudia a mão num gesto de desalento. De longe, Lia gritava:

— Nada?

— Na...da, — respondia Henrique. — E você?

— Nada!

As horas iam passando. O sol esquentava cada vez mais. E os peixes pareciam se divertir com os pescadores.



ELEGANTES

Elegantes e sem dúvida bastante sugestivas são os modelinhos que aqui submetemos ao seu bom gôsto. Também algumas encantadoras blusas, para complemento de sua elegância, você poderá apreciar nestas duas páginas.
















Quando voltei à casa de Rhonda...





O que mais me impressionou naquele momento foi verificar que Muir só via a mim, e não notara minha irmã.





AMOR E ÓDIO







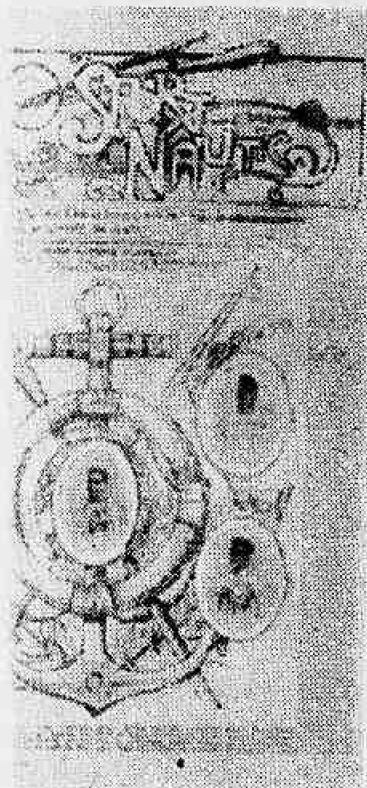


ATENÇÃO LEITORES

No próximo número lançará esta Revista mais uma emocionante e sensacional história de amor baseada em um fato verídico ocorrido durante a última guerra. E' uma narração vibrante e cheia de paixão que envolve os personagens num enrêdo de situações diversas. Drama de uma família francesa constrangida a passar os horrores da guerra na Polônia invadida pelos exércitos nazistas. "FILHO, MEU FILHO" é uma empolgante narração. Texto e cenário de Guido Martina. Uma realização de Dante Guardamagna para os leitores brasileiros. Não deixem de ler "FILHO, MEU FILHO" tôdas as semanas, nas páginas da "REVISTA DA SEMANA".

REVISTA HÁ 50 ANOS

...NHO DE 1902



...m Botânico»: «guarnição ...ai», do Clube de Regatas ...lo Passeio, em 8-6-1902.

NA sua publicação de domingo, 15 de junho de 1902, o nosso hebdomadário veio à lume, apresentando na capa da frente uma espirituosa caricatura a duas côres de uma madame a censurar um inconveniente dom-juan. Publicou, na segunda página, o XVI capítulo da novela de Raoul de Navery, intitulada "Os Ídolos". O artigo importante dêsse número foi uma resenha histórica sôbre: "O santo sudário de Turim". Para o articulista, a preciosa relíquia fôra trazida do Oriente no século XIV, por Guilherme de Villersexel e levada para Turim em 1578, por ordem de Felipe Emanuel, príncipe de Sabóia. Encerrada em um relicário fechado a três chaves respectivamente entregues ao Papa, Bispo de Turim e Príncipe de Sabóia. Sòmente saía a público em circunstâncias solenes. Mais tarde, em 1898, o sr. Secondo Pia, conseguiu obter uma fotografia do sudário. O sábio Paul Vignon, preparador de zoologia na Sorbonne, resolveu estudá-lo, sob o ponto de vista científico. ...ão a que chegou o sábio francês foi a seguinte: o suor de um homem ...sucumbido após prolongada agonia, febril, como morreu o crucificado do ...mite sempre abundantes vapores alcalinos, o que explica perfeitamente a ... da imagem do sudário de Turim. Jacques Bonhomme, na sua crônica da...ana, escreveu sôbre o sucesso obtido com a representação, aqui no Rio, ...de Gil Vicente, no festival que a sociedade carioca de então, promoveu, ...ndo a representação do primeiro ato do fundador do teatro português. Ou...da redação, importante pelo seu conteúdo, foi o publicado sob a epígrafe: ... de Matosinhos". E' a história lendária do orago do Pôrto. Diz o artigo: se...nda, a imagem do Senhor de Matosinhos pertenceu a Nicodemos que, fu...rseguição pagã, lançou-a ao Mar Mediterrâneo. Vinha com um braço, e ...ervou longos anos. Até que, um dia, uma mulher de Matosinhos lançan...çado de lenha à lareira, notou um fato extraordinário: dentre os gravetos ... um que o fogo repelia. O mais miraculoso veio depois; a pobre mulher ...filha, muda de nascença, e logo pôs-se a menina a falar dizendo à mãe ...eiro era do Senhor de Matosinhos. Desde então, começou, em Portugal, a ...voção da imagem milagrosa do Senhor de Matosinhos. Justino de Montal... uma série de considerações sôbre a personalidade do Almirante Barroso: ... Francisco Manuel Barroso, o venvedor de 1865". Uma bela ilustração ... seu trabalho. E' um retrato do Almirante, tendo ao fundo a representa...ica da Vitória. A página que segue traz uma fotografia de Gil Vicente; vá...ios das personagens mais importantes de seus autos, completam o quadro. ...nto daquela edição estampou a taça "Jardim Botânico" (náutica), e deu ...to noticiário esportivo da semana. Uma grande reportagem sôbre o Clube ...go, descrevendo a festa de inauguração da estação náutica, enche as pá...uplemento esportivo. Outra nota curiosa foi o noticiário do Clube de Rega...comemorando naquele domingo mais um aniversário de fundação. O do... fotográfico dêsse número é bem variado. Convém salientar as duas fo...rio de Turim. Vistas de Martinica, São Luís do Maranhão, Recife e Rio ...nde do Sul. Uma foto interessante, porque nos apresenta a indumentária de en...é a fotografia do piquenique realizado em Guaranezia, Minas Gerais. Uma vista ...l da praia de Botafogo, tirada do mar durante a regata, mostra-nos as arquiban...lube do Flamengo e do Grupo Guanabara. Finalmente, na capa de trás, ...qüência de desenhos humorísticos, representando os que furam (estudo ...es). — O "engrossador".

IMPRESSÕES E ASPECTOS

A poesia popular

SEMPRE que acabo de folhear algum dêsses melancólicos volumezinhos de versos, que em uma assombrosa fertilidade tôdas as semanas vêm murchar ao sol, nas vitrines dos livreiros; e que ante a ingrata indiferença do público que os não lê, infatigàvelmente se sucedem a monologar no isclamento, como tristes fala-sós, idênticos desastres amorosos e análogos sensaborias líricas com tal uniformidade de ritmo e de expressão que di-los-ieis todos obra de um único massador infeliz e resignado que, a cada reedição envergasse o dominó de um pseudônimo diverso, a mim mesmo pergunto, em um bocejo de tédio: pois será isto na verdade, essa celebrada renascença de que tanto falam com entono os críticos das Revistas de cenáculos; será realmente isto essa brilhante alvorada nova no céu tão baço da literatura contemporânea; essa decantada revelação estética de uma geração que encontrou finalmente, na maravilhosa fonte oculta da poesia popular, a inspiração e a beleza suprema?

E pondo-me então a confrontar esta clorótica poesia dos literatos tão artificial, já na infância mirrada e caquética como um asilado que nunca visse o mar e as montanhas, desde pequeno encausurado entre os quatro muros lívidos de uma enfermaria — com essa outra poesia cheia de vida e sol que das quadras anônimas do povo se evola, fremendo e luzindo aereamente, como um doirado enxame a evolar-se de um canteiro de frescas rosas matinais.

(Cont. no próximo número)


REVISTA DA SEMANA

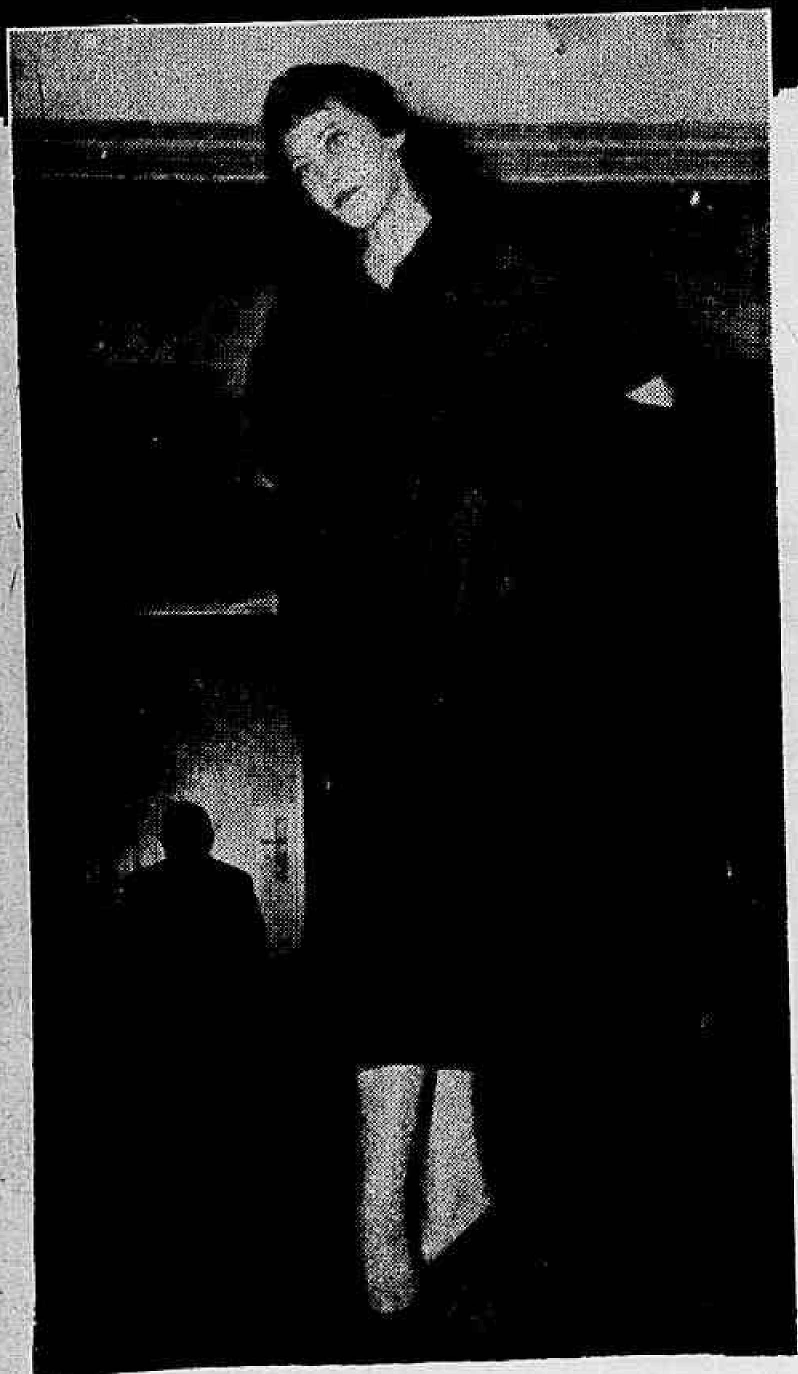
Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

DOMINGO, 15 DE JUNHO



Christian Dior
apresenta três criações
variações sôbre um mesmo tema
em lã leve, tom pastel.
As saias são tôdas
num plissado longo.

PARA A PRESENTE ESTAÇÃO



Balenciaga, o requintado,
acrescenta uma estola
de tafetá a um
vestido em lã negra
de linha sóbria.
O chapéu de Fath
é em feltro vermelho
e tafetá prêto.

Jacques Fath criou êste modêlo "trotteur" em duas peças, em tom cinza "túnel", que aqui vemos usado com um abrigo de martas.



Dior forrou de um tecido diferente o manteau que acompanha êste vestido para tarde, em cetim castanho. O grande chapéu é em palha no tom natural.



Êstes model[…] **criados para** […] **última primaver**[…] **parisiense, serve**[…] **lindament**[…] **para o nosso invern**[…]

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE SIGNIFICAVA A PALAVRA «TRATANTE», ATÉ O SÉCULO XVI:

— Homem de negócios?
— Qualquer pessoa desonesta?
— Ou tratador de cavalos?

2 — A QUEM SE DEVE A INTRODUÇÃO DOS ALGARISMOS ARÁBICOS NA EUROPA:

— A Carlos Magno?
— Ao Papa Silvestre II?
— A Alexandre Magno?

3 — QUAL O ALGARISMO QUE ARQUIMEDES, O MAIOR GEÓMETRA DE TODOS OS TEMPOS, NÃO CONHECIA:

— O zero?
— O nove?
— O cinco?

4 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA CHILE:

— País montanhoso?
— Terra feliz?
— País frio?

5 — QUE QUER DIZER «URUGUAI»:

— Ave do Paraíso?
— Canto do Uru?
— Terra do rabo verde?

6 — DE ONDE SE ORIGINOU A PALAVRA CAFÉ:

— Do inglês coffee?
— Do cáfila?
— De Kaffa?

7 — DE ONDE SE ORIGINOU A PALAVRA «PERGAMINHO»:

— Da cidade italiana de Pérgamo?
— Do nome de um papiro?
— Do nome de um inventor?

8 — QUE ERA «UM ÓBULO», NA GRÉCIA ANTIGA:

— Um beijo aos vencedores olímpicos?
— Uma moeda destinada a esmolas?
— Um favor político?

9 — QUAL O SIGNIFICADO DE «CAPIVARA»:

— Comedor de capim?
— Carne saborosa?
— Animal aquático?

10 — QUE QUER DIZER «JIBOIA» NA LÍNGUA TUPI:

— Cobra venenosa?
— Cobra macho?
— Cobra grande?

11 — DE QUE POVO HERDAMOS A PALAVRA «JACARÉ»:

— Dos africanos?
— Dos asiáticos?
— Dos nossos índios?

12 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA «VENEZUELA»:

— Cidade pequena?
— Gente simples?
— Pequena Veneza?

13 — QUAL A TRADUÇÃO DO NOME «NITERÓI»:

— Praça forte?
— Águas escondidas?
— Praia grande?

14 — «FLUMINENSE» É TÊRMO:

— Latino?
— Francês?
— Português?

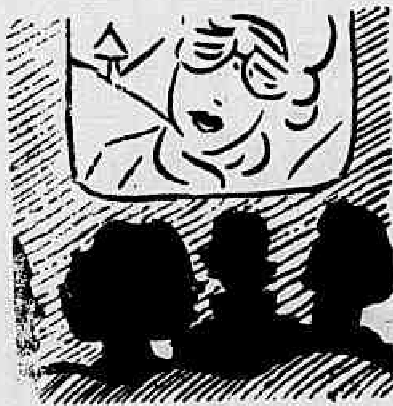
15 — DE ONDE VEIO O APELIDO DE «CALÍGULA» AO IMPERADOR CAIO CÉSAR AUGUSTO GERMÂNICO:

— Por que só andava de sandádias?
— Por que sofria de calos?
— Por ser muito baixinho?

(Respostas na página 48)

CONVERSA DE MULHER

O CONDÃO PARTIDO



FININHA, alta, sóbria, contida, ela sugeria uma "marionette" movida por cordões manobrados de um outro planêta. Em passos rápidos e seguros atravessou a rua, num ziguezague decidido, por entre os automóveis que desciam tumultuosamente em direção à praia depois de haverem cortado o tráfego preferencial da Avenida Copacabana. Parecia alheia e de um certo modo superior ao movimento, inatropelável. Misteriosa como um disco-voador.

Na calçada oposta, amoleceu o andar. O contato com a gente que saía em rio do cinema perturbava-a mais do que a aproximação das carrosserias dos monstros mecânicos.

— Táxi! gritou, numa súbita e inconsciente extravagância, ao perceber a passagem oportuna de um carro de praça.

O motorista estacou o veículo alguns metros à frente e aguardou que ela o alcançasse.

A noite de chuva em suspensão estava opaca e fechada, estanque. Os letreiros luminosos, o ranger dos pneus bruscamente freados, os mil ruídos do populoso bairro pareciam ocorrer num outro mundo. A mocinha rodava isolada dentro do auto, num domínio diferente, à prova de som. Só percebia os fatos do cenário em que sua imaginação a fazia viver. E palpitava nas seqüências dramáticas que se desenrolavam naquele ambiente especial, em que um super-sentido guiava as criaturas e as fazia cumprir um destino sutil. Amava intensamente, que aquêle era o seu papel no momento.

Era sempre assim. Sòzinha na imensa cidade, sem amigos ou pessoas chegadas, temerosa da realidade, buscava o clima de uma história cinematográfica, ou de teatro, ou de livro, para a necessidade de pôr em função o aparelho de suas emoções. Naquela noite era a amante sofredora de um homem caprichoso, de estranha sensibilidade, como antes fôra a "carrier girl", ou a contora de "saloon" de "far-west" de outros enredos...

O táxi parou no enderêço indicado. A pequena pagou a corrida e saltou.

O embate com a conhecida e desagradável fachada do modesto prédio de apartamentos num dos quais morava em quarto alugado, deu-lhe um choque. Procurou reagir, mas foi inútil. Não levaria mais para o sono a alma da heroína em que se sentira instantes antes encarnada. Fôra quebrado o encanto, voltara a ser apenas a dactilógrafa de um sórdido escritório de firma importadora de óleos e tintas, que ia se recolher ao leito esquálido de um frio aposento. — **ISOLETTE.**



ROTINA DE BELEZA

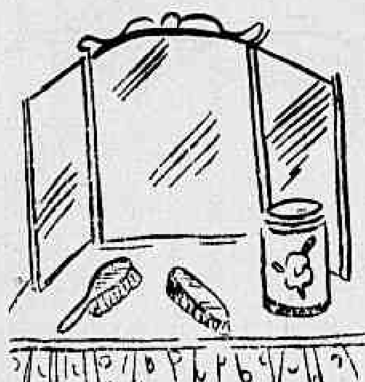
PARA PELE SÊCA



MESMO no nosso clima, que estimula o funcionamento de certas glândulas, há muitas moças de pele sêca. E êsse problema precisa ser encarado desde cedo, pois se agrava consideràvelmente com a idade, trazendo em conseqüência as indesejáveis rugas. Uma pele sêca deve ser limpa com sabedoria, estimulada para adquirir uma atividade normal, protegida das influências maléficas por meio de preparados acertados. Seja previdente, jovem, se tem a pele sêca. Siga os conselhos abaixo.

"MAQUILLAGE" CORRETO

Existem nas casas especializadas diferentes produtos de marcas variadas que podem ser aconselhados para serem usados como base. Quem tem pele sêca não deve prescindir de uma base para o pó-de-arroz e essa base deve ser do tipo que não seca completamente, dando ao rosto um aspecto quase diríamos orvalhado, de frescura e mocidade. Antes da aplicação da base pode ser usada ainda uma loção cremosa. O rouge indicado é o em pasta. O pó-de-arroz deve ser aplicado parcimoniosamente.



LIMPEZA DIÁRIA

Para limpar a pele de impurezas ou retirar a pintura aplique generosa quantidade de um creme indicado, desde a base do pescoço até a testa, efetuando leves movimentos rotativos de baixo para cima. Retire com papel absorvente. Repita a operação até que o último papel empregado não mostre nenhum vestígio de sujeira ou pintura.

QUANDO LAVAR O ROSTO

Pode lavar o rosto a seguir, usando um sabonete neutro e repetindo os mesmos movimentos de quando passou o creme. A água deve ser ligeiramente morna. Enxague generosamente. Seque por completo.



DURANTE O DIA

Sempre que se entregar a serviços ao ar livre ou na cozinha, onde o calor do fogão pode ser prejudicial, proteja o rosto com um creme que amacie e lubrifique.

ANTES DE IR PARA A CAMA

Atualmente é um preconceito ser contra o emprêgo de cremes ou loções que poderão beneficiar a sua pele enquanto você dorme. Não é necessário para isso ficar com cara de máscara. Existem numerosos preparados que agem milagrosamente e não "aparecem".

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 7

A	Secreção das glândulas salivares	43	5	35	88	73	
B	Sobrecarrego, agravo com tributos	56	10	62	15	85	
C	Único, singular	95	60	24			
D	Completo, íntegro	19	52	28	82		
E	Agoura	37	6	89	67	76	
F	Abandona, larga	23	2	16	64	22	
G	A parte da psiquê entre o eu e o mundo exterior	31	71	103			
H	O globo terrestre	32	12	1	97	48	
I	Rei de Judá (640 a 639 A.C.)	7	25	91	41		
J	Tecido azul ou amarelo, oriundo da Índia	11	59	3	74	99	
K	Ponho no devido tom (um instrumento)	13	77	9	27	47	
L	Unidade de caapcidade (um decímetro cúbico)	8	98	46	58	84	
M	A principal dificuldade de um negócio	4	78	49			
N	Liguem, amarrem	69	86	34	83		
O	Reflexões do som	66	79	70	42		
P	Eia! Coragem!	104	26	93			
Q	Liingua falada ao S. do Loire na Idade Média	29	81				
R	Guarde segrêdo (bôca de...)	96	45	75	18		
S	Preposição indicativa de lugar, tempo	72	36				
T	Peleje, combata	100	87	65	90		
U	Profeta, poeta	21	80	54	63		
V	Capazes, hábeis	40	14	102	38	68	
W	Antílopes africanos	57	30	50	39		
X	Baba, escuma	94	92	51	53	17	55
Y	Determinar a extensão	33	101	61	20	44	

	H 1	F 2	J 3	M 4	A 5	E 6	I 7		L 8	K 9	B 10
J 11	H 12	K 13		V 14	B 15	F 16	X 17	R 18	D 19	Y 20	U 21
F 22		F 23	C 24		I 25	P 26	K 27	D 28	Q 29		W 30
G 31	H 32		Y 33	N 34	A 35	S 36	E 37		V 38		W 39
V 40	I 41	O 42	A 43	Y 44	R 45	L 46	K 47		H 48	M 49	W 50
X 51	D 52	X 53		U 54	X 55	B 56		W 57	L 58	J 59	C 60
Y 61	B 62		U 63	F 64	T 65	O 66	E 67	V 68	N 69	O 70	
G 71	S 72	A 73	J 74	R 75	E 76	K 77	M 78	O 79	U 80		Q 81
D 82	N 83	L 84		B 85		N 86	T 87	A 88	E 89		T 90
	I 91	X 92		P 93	X 94	C 95	R 96		H 97	L 98	J 99
T 100	Y 101	V 102	G 103	P 104							

EXPLICAÇÃO: — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à sua frente, cada letra em uma casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma das suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras. (*Otaner*)

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 6 — EUCLIDES DA CUNHA. OS SERTÕES — **"Há um notável traço de originalidade na gênesis da população sertaneja, não diremos do norte, mas do Brasil subtropical".**

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

SEM PECADO

(Conclusão)

Saquei do bôlso do paletó uma fotografia autografada de Berta, uma das últimas que ela me dera no início da sua doença, como que pressentindo o fim já próximo. Lívido, sem dizer palavra, suas mãos bateram nervosas nos bolsos do sobretudo à procura de algo, e logo apresentava diante de meus olhos outra fotografia igual à que eu tinha ainda nas mãos. Um frio percorreu-me a espinha. Mas, já enfrentando as dedicatórias, foi que se fêz luz em meu espírito conturbado. Embora fôssem quase os mesmos dizeres e a data fôsse a mesma, havia um mundo de diferença naquele único têrmo que distinguia ambas as dedicatórias. Ergui os olhos para o homem, êle não parecia ter chegado às mesmas conclusões que eu chegara. Balbuciava a êsmo:

— Então ela me iludiu... Enganou-me por todos êsses dois anos de delírio...

Dois anos... Outra punhalada dentro de mim... E êle continuava falando como se estivesse pensando em voz alta:

— Bem que eu suspeitava alguma coisa... Berta às vêzes tinha palavras tão estranhas... Era custoso entendê-la... Havia sempre como que uma sombra em sua vida. Jamais consegui sentir-lhe a alma. Era como se ela viesse a mim apenas pela metade...

Respondi convicto:

— Compreendo. Posso compreender tudo agora...

E, confessei já desistindo da minha vingança:

— Eu conheci apenas a sua alma e soube amá-la em tôda a sua amplitude porque acreditava nela.

— Teve mais sorte do que eu, porque você a possuiu realmente, poeta. Com todo o seu idealismo, você conseguiu tanger-lhe a alma.

E, numa decisão inesperada, rasgou em tiras a fotografia de Berta:

— Já não preciso mais dela. Já não quero lembrar esta mulher.

E, sem se despedir, abriu a portinhola e saiu para a noite apressadamente. Foi então que meu pensamento apanhou Berta de cheio, e eu a revi como naquela manhã de domingo quando voltávamos de carro da igreja. Seus grandes olhos vivos e buliçosos se fixavam na rua, nas casas, nos transeuntes, de fugida, e as mãos nervosas apertavam o livro de reza com frenesi:

— Luís... Você ouviu o sermão do padre? Escutou o que êle disse sôbre o bem e o mal? Prestou atenção quando se referiu à eterna guerra que a humanidade vem travando consigo mesma, como herança de Adão e Eva?

Ri-me:

— Por que comeram a maçã?

Repreendeu-me:

— Estou falando sério, Luís.

Mudou de tom:

— Pois bem. E o que é que tem?

— E' que eu estive pensando... Muitas vêzes uma criatura pode ser boa, pura, de sentimentos elevados quando se defronta com um espírito semelhante a essa sua forma de ser. No entanto, ao mesmo tempo, pode sentir-se bem detro de princípios completamente opostos, chegando mesmo a encontrar o sentido da perfeição dentro dessa ambiguidade...

— Por que você diz isso?

— Porque, embora possa parecer incrível a você, eu creio que uma mesma mulher poderá pertencer de alma a um homem que complete o seu sentimento espiritualista, e de corpo a outro, que preencha os requisitos de sua atmosfera sensual, chegando a encontrar nesse dualismo especificado, o sentido da própria vida.

Agora eu analisava uma a uma aquelas palavras que na ocasião tinham me parecido apenas resultado de uma imaginação fantasista, e podia me integrar completamente do amplo sentido de cada uma delas.

Apanhei o retrato de Berta, guardei-o outra vez no bôlso interno do paletó. E, já sereno e conformado, liguei o motor do carro e desabalei rua afora, direito a minha casa. Pensava naquele instante que se eu contasse a história verídica dessa estranha mulher, muita gente não me havia de acreditar. Mas isso, em absoluto, não tem nenhuma importância para mim. Basta que eu, ùnicamente eu, a tenha compreendido».

O DRAMA . . .

(Cont. da pág. 13)

descia e nossas faces, espremidas contra as vigias, na ânsia de devassar a selva, de ver os destroços e, quem sabe, algum sobrevivente...

Voávamos a 100 metros da copa das árvores, cuja altura mediava entre 40 e 50 metros. O aparelho jogava muito e, tôdas as vêzes, logo após passar por sôbre os destroços, inclinava-se totalmente sôbre a asa esquerda, a fim de passar entre a serra e o vale, uma vez que não podia superá-la de frente.

A localização foi feita. Oliveira Júnior e Saez, os dois técnicos em pára-quedismo que viajavam conosco, aprovaram uma clareira natural, como local de descida dos seus homens, que distava cinco mil metros do lugar exato onde tombara o aparelho internacional.

EMOÇÃO

A primeira vista dos despojos do "President" foi emocionante. O avião jogava muito, os motores fremiam, homens enjoados estavam deitados nos bancos e no piso de aço, quando avistamos a primeira das três crateras abertas pelo "stratocruiser" da PAA.

Numa área consideràvelmente grande, urubus levantaram vôo, abandonando os restos humanos que devoravam. Lá em baixo, na perpendicular formada entre minha janela e a mata, vimos os primeiros destroços retorcidos, que rebrilhavam ao tórrido sol, num contraste chocante com o negror da terra e dos destroços que se haviam inflamado.

Às 15 horas, ou seja 11 horas depois de sairmos de Uberaba, retornamos a Pôrto Nacional, que ficava sendo, a partir daquele dia, uma das nossas bases de operação.

PREPARATIVOS

Aquêle vôo dissipara, de nossas mentes, a hipótese de sobreviventes. Nos dias subseqüentes, até sábado, dia 10, foram feitos os préparativos para o arrojado salto.

Piaus, a 160 quilômetros de Pôrto Nacional, era nossa segunda base de operações, para aviões pesados e, além dela, possuíamos Campo Ezequiel — improvisado — e o

(Cont. na pág. 50)

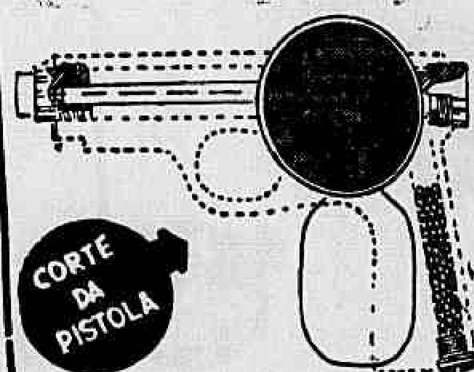
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO
TEL.: 43-0766



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins c/2 membranas sobressalentes: **Cr$ 15,00**

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

Estado ....

WEEK EN



SEGUNDA-FEI

Almôço:

Ovos com qu
Rins com mô
Salada
Queijo branc

Jantar:

Creme de ch
Carne com p
Melão com v

TERÇA-FEIRA

Almôço:

Pimentões, t
salada
Coelho com
Queijo

Jantar:

Terrina de
Couve-flor c
Frutas

QUARTA-FEI

Almôço:

Salada de
Medalhões
vinho
Pirão de b
Coalhada

Jantar:

Lasanha c
Beringelas
Frutas

WEEK END NA COZINHA

SUGESTÕES PARA A SEMANA



SEGUNDA-FEIRA

Almôço:

Ovos com queijo
Rins com môlho de madeira
Salada
Queijo branco

Jantar:

Creme de **champignons**
Carne com pirão de cenouras
Melão com vinho do pôrto

TERÇA-FEIRA

Almôço:

Pimentões, tomates e pepinos em salada
Coelho com ameixas
Queijo

Jantar:

Terrina de peixe
Couve-flor com môlho de tomates
Frutas

QUARTA-FEIRA

Almôço:

Salada de vagens
Medalhões de carne com môlho de vinho
Pirão de batatas
Coalhada

Jantar:

Lasanha com carne
Beringelas recheadas
Frutas

QUINTA-FEIRA

Almôço:

Melão
Porco assado
Batatas "noisettes"
Pão de ló com creme

Jantar:

Pão de arroz com tomates,
Recheio de carne
Abobrinha verde
Frutas

SEXTA-FEIRA

Almôço:

Salada de arroz com frutas
Almôndegas com mayonnaise
Taça de uvas

Jantar:

Salmonetes frios
Feijão branco "maitre d'hotel"
Salada de frutas com pôrto

SÁBADO

Almôço:

Ovos com môlho de tomates
Porco frio
Gelatina de legumes
Queijo

Jantar:

Ostras "Saint Jacques"
Creme de chicórea
Frutas

DOMINGO

Almôço:

Alcachofras
Hors-d'oeuvre
Bifes à minuta
Batatas fritas
Torta de ameixas

Jantar:

Ovos com creme de leite
Salada de vagens guarnecida
"Bavaroise" de café

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CERTAME FOTOGRÁFICO

A REVISTA DA SEMANA quer interessar os seus leitores fotógrafos em reportagens e, desta forma, se propõe selecionar, nas condições indicadas, alguns entre os melhores trabalhos que lhe foram enviados. A seleção será feita por uma comissão de cinco pessoas idôneas e os trabalhos aprovados serão publicados e remunerados como colaborações de qualidade excepcional.

Os pretendentes a tal gênero de colaboração só têm que observar escrupulosamente as condições do regulamento que damos a seguir, escolher seus assuntos e fazer funcionar suas máquinas. O resto ficará a cargo da comissão julgadora do mérito dos trabalhos apresentados.

1. Qualquer leitor do Brasil ou do estrangeiro, profissional ou amador, pode participar desta competição, desde que observe o Regulamento e remeta seus trabalhos dentro do prazo de noventa dias, a começar em 26 de abril de 1952. Nos trabalhos expedidos por via postal se tomará em consideração, para efeito do prazo, a data do carimbo da repartição postal expedidora.

2. A remuneração aos trabalhos classificados pela Comissão Julgadora será de duas naturezas: **a)** remunerações-prêmio para reportagens fotográficas e **b)** remunerações para fotografias isoladas.

3. Considera-se reportagem fotográfica a série ou seqüência de fotos, relacionadas com um mesmo assunto que, acompanhadas de legendas breves, contem por si sós uma história. Por exemplo: a história de um embarque no pôrto, com a seqüência das cenas de despedida no cais; do viajante na amurada do convés; dos lenços acenados pelos que ficam; do navio que se afasta; atitudes interessantes dos que vão e dos que ficam, etc.

4. Considera-se fotografia isolada tôda aquela que satisfizer as exigências de técnica fotográfica e apresentar interêsse jornalístico, realizando, sob êsses dois ângulos mencionados, uma unidade completa.

5. As remunerações para as melhores reportagens fotográficas são: 1ª classificada — Cr$ 10.000,00; 2ª classificada — Cr$ 5.000,00; 3ª classificada — Cr$ 3.000,00; 4ª classificada — Cr$ 2.000,00.

6. As remunerações para as melhores fotos isoladas serão: duas de mil cruzeiros cada, para as primeiras classificações; e quatro no valor de quinhentos cruzeiros, para as classificações seguintes.

7. As fotografias enviadas pelos pretendentes à colaboração estabelecida neste Regulamento não serão devolvidas e as classificadas, não premiadas, poderão em qualquer tempo ser publicadas, ficando o autor com direito à remuneração habitualmente paga pelos trabalhos de rotina.

8. Os nomes que compõem a Comissão Julgadora serão revelados juntamente com os resultados do Certame, em seguida ao julgamento.

9. O envio de trabalhos deve ser feito com observância das especificações seguintes: **a)** o pretendente remeterá conjuntamente negativos e cópias; **b)** as cópias devem ser esmaltadas e tiradas no tamanho 13x18; **c)** cada cópia deve ser acompanhada de legenda explicativa, com a extensão exigida pelo assunto que se explica.

10. O material deve ser metido em sobrecarta, com pseudônimo do candidato. Dentro da mesma sobrecarta deve ser incluído um envelope menor, fechado, sôbre o qual se escreverá o pseudônimo e dentro do qual se darão as indicações seguintes: nome, nacionalidade, idade e domicílio.

11. No julgamento serão considerados tanto os elementos técnicos (luz, foco, composição, etc.) como os jornalísticos: movimento, ação, singularidade, curiosidade, oportunidade, ineditismo do assunto, etc.

12. Qualquer omissão dêste Regulamento será suprida pela própria Comissão Julgadora, que fará constar o fato, e sua explicação, no laudo final do julgamento.

13. Os pretendentes devem enviar seus trabalhos para: "REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Certame Fotográfico". Convém escrever no envelope, com clareza, em lugar visível, o seguinte: — "Pede-se não dobrar".

O "Comet" visto de perfil, quando de sua primeira viagem. Sua velocidade é de 490 milhas por hora, tendo acomodações para 36 passageiros confortàvelmente instalados.



O HOMEM CONSTRÓI UM COMETA

VAI-SE MAIS RÀPIDAMENTE DO RIO A LONDRES, DO QUE DO RIO A BELO HORIZONTE



Êste é o herói que inaugurou o "Comet", John Cunningham, es-treando de Londres a Roma, Copenhague e África do Norte. Êle acha que nada mais fácil do que isto...

QUANDO o "Comet", depois da arrancada na pista, subiu numa veloci-
dade espantosa, muito acima das nucens, os que viram o espetáculo
inédito nos céus de Farnborough, no Hampshire, não puderam deixar de
manifestar sua admiração. Com êsse espantoso aparelho de voar em ve-
locidade extraordinária, levando no seu bôjo 36 passageiros confortàvelmente
instalados, assumiu a Inglaterra a liderança em transporte de passageiros
em aviões a jacto, inovação ainda não levada a efeito em nenhum país
do mundo. O "Comet" é considerado um avião para o qual não há cen-
suras. Seu plano de execução obedeceu à mais apurada técnica, sendo con-
siderado uma perfeição na ciência e na arte aeroviária. Mas o verdadeiro
herói dêsse feito é o já mundialmente famoso comandante John Cunningham,
de trinta e quatro anos de idade, de uma modéstia encantadora, homem
simples, sem qualquer orgulho ou vaidade pelos seus méritos de capitão
dos espaços como ainda não houve outro na travessia dos ares, de con-
tinente a continente. Além de suas belas qualidades pessoais e de caráter
integro, Mr. Cunningham não bebe, não fuma, não tem inclinações para
as farras muito próprias em pessoas de sua idade e de sua importância
social. E é solteiro. Nada de complicações aos pés do altar, ou diante do
Juiz. Quando não está voando, passa os dias de folga no aconchego do
lar, sob o carinho maternal de sua boa mãe viúva. Ela é o seu fanal na
vida, tôda a ternura de seu espírito moço e já vitorioso. Desde garôto que
êle se sentia fascinado pela aviação. Estava ainda na Whitgift School,
quando foi removido para o novo edifício, que fica a menos de uma milha
do aeroporto de Croydon. Desde então não conseguia prestar atenção aos
seus livros escolares. Tôda a sua atenção de jovem colegial estava prêsa
ao movimento de aviões que subiam aos ares, ou desciam às pistas do
campo. O pequeno John não perdia um só aparelho, olhando-os embevecido
através das vidraças das janelas do estabelecimento de instrução. Dizem
mesmo que chegou a gazetear aulas, sòmente para admirar, com mais li-
berdade, o espetáculo imponente dos pássaros metálicos a cortar os céus
de sua terra, em demanda a outros céus distantes, em terras ignotas. Não
tardou a interessar-se pela "fabricação" de modelos de aviões; enquanto



A Comissária Joan Patricia Nourse fala pelo telefone com o comandante e lhe comunica que seu "cocktail" está pronto. O "Comet" ia de Londres a Johannesburg, como quem vai do Rio a Niterói.

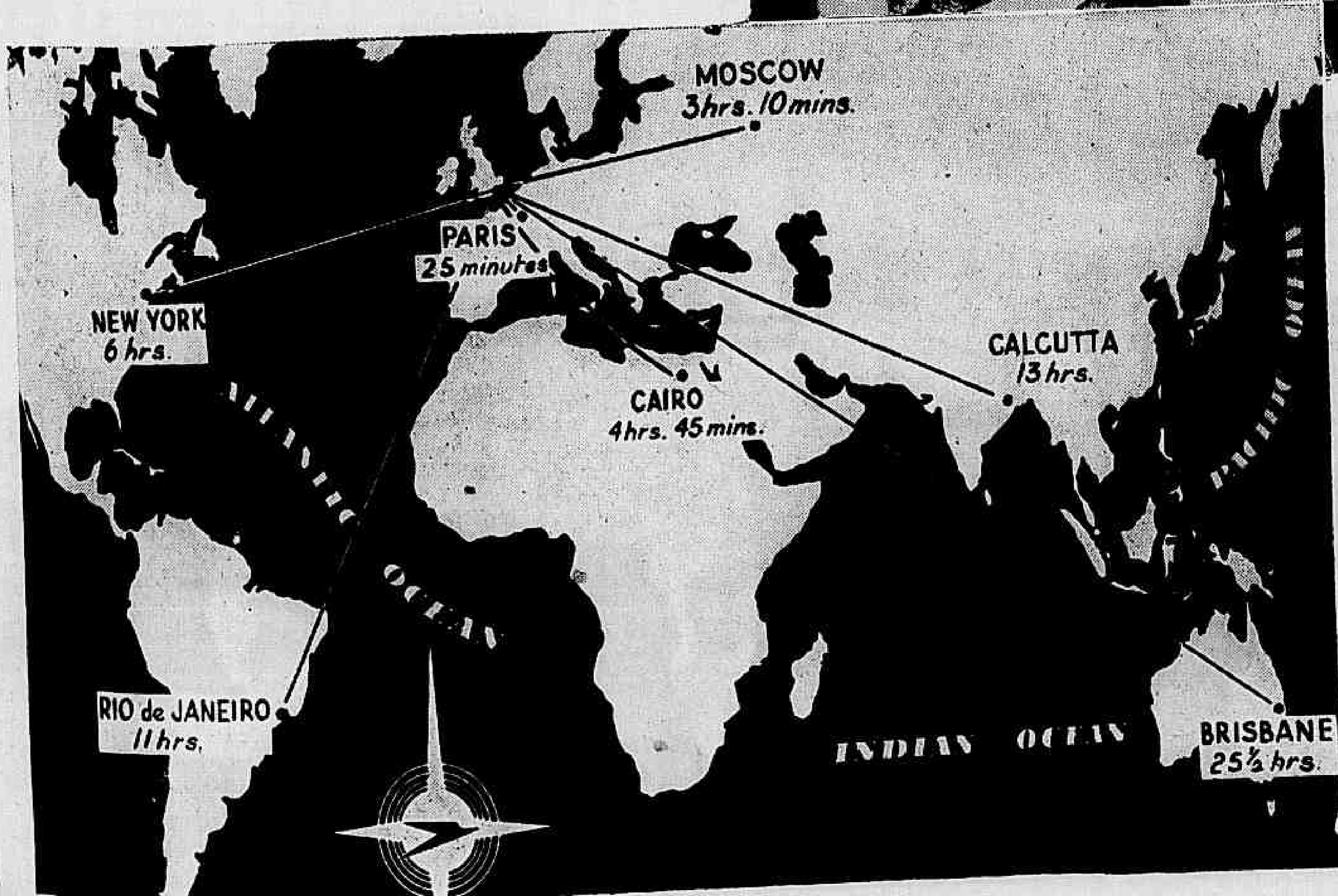


Painel do comando do já famoso "Comet" inglês. Tudo foi previsto nesse emaranhado de "dials", e os contrôles manuais, elétricos e automáticos constituem a maior segurança em vôo.

outros colegas se ocupavam com jogos e outras brincadeiras próprias da idade, êle fazia seus aviõezinhos, modelava-os com o maior cuidado e os fazia evolucionar, jogando-os pelos ares, graças à catapulta de seus braços. Era o sonho que se corporificava, o germe que estava criando asas. Era lógico que, ao deixar a escola, estivesse completamente empolgado pela aviação. Queria viver dela e para ela. Obteve seu primeiro emprêgo na fábrica Havilland, justamente a que construiu o "Comet", com o qual John Cunningham surpreendeu o mundo.



A aeromoça serve a uma passageira nas zonas da estratosfera, enquanto o prodigioso avião desafia as distâncias dêste mundo já tão acanhado para os aviadores.



O mundo vai ficar muito pequeno com o "Comet", pois o velocíssimo avião inglês a jacto vai de Londres a Nova York em seis horas, e ao Rio em apenas onze horas.

SEMANA LITERÁRIA

UM AUTOR

DOMINGOS DE CARVALHO DA SILVA



PARA dar uma notícia sôbre o poeta "novíssimo", Domingos Carvalho da Silva, transcrevemos êste bom perfil que dêle nos ofereceu o "Jornal das Letras": "Em altura física, Domingos Carvalho da Silva é um rival seríssimo de Renato Almeida, Oscar Mendes e Marques Rebêlo, o triunvirato dos "mignons" de nossas letras.

Êle é principalmente um poeta, e duas características fundamentais apresenta sua poesia: o lirismo amoroso, exercido num tom altamente varonil, e o sentimento das dores humanas, até a defesa política. Tanto canta a beleza de uma senhorita da Paulicéia como a luta entre soldados holandeses e nativos numa ilha da Indonésia. Muitos o acusam de ser um Casimiro de Abreu da "geração de 1945", em vista de alguns acentos abertos e sentimentais de sua lira. Mas em sua própria obra há a resposta para essa acusação injusta, principalmente em "O livro de Lurdes", que é impróprio para menores até 18 anos.

Domingos Carvalho da Silva é líder do Partido Socialista Brasileiro; é funcionário do Ministério da Agricultura; é jornalista e cronista político; é advogado; é conferencista; e é também um polemista perigoso, sem papas na língua. Sua poesia possui ainda um belo aspecto: como nenhum poeta de sua geração, êle sabe cantar sua amada cidade de São Paulo, as ruas, os becos, as ladeiras, as igrejas, continuando assim a admirável tradição dos românticos e de Mário de Andrade. Seus inimigos alegam que êle nasceu em Portugal, como Fernando Ferreira de Loanda nasceu na África. Mas não há nada provado".

POR ESSE MUNDO DAS LETRAS

● "Comício" fêz um inquérito entre escritores, sôbre alguns livros essenciais e verificou que êles lêem pouco. O poeta Augusto Frederico Schmidt declarou, por exemplo, que o maior livro é a Bíblia:

— Qual o que — comentava-se no Botafogo — o maior, para o Schmidt, é um livro de cheques...

● **O crítico teatral Sabato Magaldi é um excelente crítico .Mas escreve muito, sôbre cada peça. Sôbre "Jézabel", por exemplo, já estava no quinto capítulo, quando registramos o caso, falando dêle a alguns críticos. Um dos colegas de Sabato asseverou:**

— Isso é influência do "Direito de Nascer"...

● Entre os livros indicados na supracitada enquete do "Comício" figurava "Os Lusíadas", do qual o escritor Guimarães Rosa disse ser o mais fraco de todos...

— Fraco... fraco é o leitor Guimarães, asseverou um lusófilo, à porta da Livraria Antunes.

● **Guilherme Figueiredo está de volta de Paris, aonde foi assistir à estréia de "Um deus dormiu lá em casa". O Paulo Magalhães, que veio antes dêle, disse que em Paris não foi só o deus quem dormiu... o público também.**

● O professor Afrânio Coutinho tomou posse da cadeira de literatura do Pedro II: — Vai dar a sua segunda aula — dizia alguém à porta da José Olímpio...

— Segunda?

— Sim, a primeira foi aquela que êle deu em entrevista, dizendo que a nossa vida literária é molecagem engravatada...

FRADIQUE

O ESQUECIDO PAI DO ROMANCE DE MISTÉRIO

Realmente, é um esquecido êsse vitoriano que pode ser considerado como o verdadeiro pai do romance de mistério: Wilkie Collins. O amigo de Dickens que inùtilmente procurou imitar aquêle, quando tudo nêle o impelia para outro mundo, o mundo dos fantasmas, teve a abonar seus méritos, recentemente, um crítico como T. S. Elliot. Entretanto, sempre foi considerado um segnda fila, na galeria vitoriana, embora lhe assinalem, ali, um lugar destacado. A crítica não importa, no caso — como quase em todos os casos. Os romances de Collins — "The Woman in White" e "The Moonstone" continuam a ser livros sempre lidos e sempre apreciados, cujas edições se sucedem ininterruptamente. Agora, vem de aparecer uma biografia de Collins que está despertando geral interêsse. E nota-se que a vida do escritor de mistérios é mais misteriosa e romanesca ainda do que suas próprias histórias. A obra é assinada por Kenneth Robinson e foi editada em Nova York.

Notícias de São Paulo

★ O poeta Reynaldo Bairão, que em janeiro publicou com grande sucesso de crítica o "Poema Soturno de Minas Gerais", lançará em agôsto próximo "A Canção do Diabo Finlandês" pelas Edições Hipocampo. Trata-se de um poema longo e caudaloso, onde o autor de "O Primeiro Dia" explora a sintaxe francesa, inglêsa e alemã, simultâneamente empregada com a prosódia portuguêsa. ★ "Balada de Alzira" — eis o título do segundo livro de versos de Hilda Hilst, recentemente publicado. O referido livro traz magníficas ilustrações de Clóvis Graciano. ★ Graça Melo, depois do sucesso alcançado por "Massacre" e "Le Cocu Magnifique", montou "A mulher sem pecado", de Nelson Rodrigues. A peça do conhecido teatrólogo brasileiro tem atraído bastante público para o Teatro Cultura Artística, auditório pequeno. ★ Os intelectuais também viajam. E alguns viajam muito. Pola Rezende, escultora e teatróloga, estêve recentemente na Argentina. A jovem poetisa Radhá Abramo voltou agora de Paris, onde ficou estudando durante um ano inteiro. Sérgio Milliet voltou novamente para Paris, onde permanecerá um mês, um mês e meio. Estêve, na capital bandeirante, o conhecido escritor brasileiro Josué de Castro. ★ E, por falar no autor da "Geopolítica da Fome", aqui realizou Josué de Castro significativa conferência sôbre tema da sua especialização. O ilustre conferencista foi apresentado ao público paulistano pelo não menos ilustre Oswald de Andrade, que naquele mesmo dia lhe ofereceu uma antropofágica feijoada, durante um almôço íntimo, só para intelectuais... ★ O Museu de Arte Moderna está apresentando um verdadeiro curso da História do Cinema, tôdas as têrças e quartas-feiras. Recentemente foi exibido par aos sócios daquela entidade um dos maiores filmes de todos os tempos: "Intolerância", de D. W. Griffith, filme datado de 1916. Destacamos, também, as excelentes fitas de Charles Chaplin, principalmente "O Circo", datada de 1928, que é uma verdadeira obra-prima. ★ Helena Silveira recebeu o Prêmio Roquette Pinto, de 1951, referente ao melhor programa feminino do rádio bandeirante. Por êste motivo, algumas escritoras resolveram homenagear a autora de "No Fundo do Poço", tendo comparecido ao "coquetel", entre outras: Maria de Lourdes Teixeira, Maria Antônia, Lígia Fagundes Teles, a cronista Cristina (do **Diário de São Paulo**), Elza Morais Barros, Yeda Ramos (das "Fôlhas"), Maria de Lourdes Lebert, etc., etc. ★ Reynaldo Bairão e Darcy Penteado trabalham num teatro de bonecos, chamado "Carrapato". Ainda agora êles estão adaptando para os seus fantoches e os seus marionetes algumas histórias infantis de Elos Sand (Elza Morais Barros), histórias que têm sido publicadas pela Editôra do Brasil S. A. ★ José Condé, autor de diversos livros e um dos diretores do "Jornal de Letras", ganhou o Prêmio Fábio Prado referente a 1951, com o livro de contos "Histórias da Cidade Morta". Êsse prêmio, conferido anualmente aqui em São Paulo, poucas vêzes foi tão bem destinado como agora.

Romance

A autora de "A Ninfa Constante" e "O Idiota da Família" deu recentemente uma entrevista na qual fala de seu método de escrever:



Margaret Kennedy

"Penso durante meses e meses. A idéia do romance custa a tomar corpo e eu espero pacientemente. De repente, sento-me e escrevo o livro, sem parar, durante duas ou três semanas. Se acontece encontrar dificuldade e interromper o fio da história, sou obrigada a permanecer mais alguns meses quieta e, depois, recomeçar o livro. Outra coisa que não consigo fazer é escrever a máquina. O ruído das teclas me atrapalha".

O último romance de Margaret Kennedy, "The feast", é uma experiência nova em sua carreira, pois a escritora inglêsa tentou envolver a história de uma atmosfera de "suspense", semelhante à de "Ten little niggers", o ótimo romance policial de Agatha Christie.

FORA DO PRELO

UM LIVRO

"FILHA DE LABÃO"

TOMÁS da Fonseca que, como certa vez aqui registramos, retomou a pena de Herculano, para fazer a história de Portugal, o escritor combativo que tem sido uma vítima da censura eclesiástica e cujos livros têm servido a autos-da-fé do clero lisboeta, acobertado pelo regime salazarista, vem de publicar êste romance em que deriva para a fantasia, a ver se não lhe apreendem de novo a obra, como a outras tem acontecido, com uma insistência desconcertante, como ainda há pouco aconteceu ao seu notável "D. Afonso Henriques e a Fundação da Nacionalidade Portuguêsa", retido nas masmorras clericais por sua verdade e por sua eloqüência histórica.

"Filha de Labão" é um simples romance. Talvez não lhe aconteçam as mesmas misérias, ou talvez aconteçam: o idílio campestre pode ser que leve algum jesuíta suspicaz a encontrar nessa ausência de panfleto alguma coisa demasiado inocente e a desconfiar que as entrelinhas contêm outra coisa que a espaços em branco. Tudo é possível, quando se está diante de um regime forte. Qualquer que seja, porém, a sorte do romance que nos dá o venerando escritor que, já ultrapassados os setenta anos, nos brinda com uma história de amor escrita com a frescura da juventude, com a penetração psicológica que esmalta suas personagens e as torna vivas, próximas do leitor como criaturas em carne e osso, representa em sua obra polimorfa uma das páginas mais belas e mais significativas, tanto pelo estilo, como pelo poder criador, pela fidelidade do ambiente agreste em que se desenvolve a história, por seus personagens, como por suas paisagens.

"Filha de Labão" é um belo e comovente romance. E tão português na sua linguagem, como na sua humanidade e nos seus ambientes. Um dêsses livros que nos levam ao velho Portugal, um Portugal que a literatura nova nos tem negado um pouco, tanto seus romancistas se comprazem no cosmopolitismo e no citadino. Êste idílio agreste, que o autor dedica à memória do lavrador, seu antepassado, que, há dois séculos, plantou na Serra a laranjeira a cuja sombra se ideou e tomou forma sua novela rústica — retoma as mais altas tradições do romance português, sem descair no dramalhão pesado de Camilo, nem a água de flor de laranja de Júlio Diniz. E' um livro de nosso tempo, escrito com pulso, por um escritor de grande raça.

E. Almeida Lys

COLEÇÃO PRIMAVERA — Pequenos volumes, fartamente ilustrados a côres, legendas curiosas e fáceis, que formam delicadas histórias, compõem a Coleção Primavera, das Edições Melhoramentos. E' especialmente dedicada às crianças, gênero, aliás, em que mantém a primazia aquela editôra. Os livrinhos 21 e 22, respectivamente, são de autoria de Walt Disney, a quem será justo chamar genial: "Mimoso, o carneirinho prêto" e "Os três gatinhos órfãos".

ÁLBUM LEOPORELO — Em forma de sanfona, para facilitar o manuseio, páginas em ótimo papelão, "Álbum Leoporelo", é de alegres figuras coloridas, que vão deslumbrando a criançada: o burro, a holandêsa, a girafa, o coelho, o marinheiro, o cão, o ursinho, a japonêsa, o elefante, a cabra, a vaca, a pata e os patinhos, a galinha e os pintinhos... Curiosos versos servem de legenda.

VIDA E EDUCAÇÃO — Traduzido por êle e com estudo preliminar de Anísio Teixeira, o vol. 12 da Biblioteca de Educação, das Edições Melhoramentos, é "Vida e Educação", de John Dewey. Professor emérito da Universidade de Colúmbia, pedagogo e filósofo, o autor figura entre os grandes nomes contemporâneos.

Neste magnífico trabalho, já em terceira tiragem, Dewey focaliza A Criança e o programa escolar; Interêsse e esfôrço, temas desenvolvidos com argúcia surpreendente.

NA BATALHA DO HUMANISMO — Não faz muito que o prof. Fernando de Azevedo presenteou os círculos ledores do país com os "Princípios de Sociologia" e "Sociologia educacional". Agora, "Na Batalha do Humanismo", com o seguinte índice: Técnica, Humanismo e educação; Pelo humanismo que ainda está em vós; Na Batalha do Humanismo; Posição e perspectivas teóricas em face do ensino secundário; Crianças, nossos mestres; Almas sem bússola; Discurso sôbre a criança; Rui e o Humanismo; No Caminho dum humanismo novo; As Universidades e o problema do humanismo; O homem Euclides da Cunha; Testemunho sem suspeitas; Vida profunda; O humano na ciência.

Páginas de ampla cultura e, notadamente, ampla visão da vida.

MAURÍCIO DE ABREU — Arauto da democracia, precursor de Osvaldo Cruz, ciência, caráter e coração forjados na beleza dos mais altos ideais, "Maurício de Abreu" é dêsses espelhos espirituais onde se devem mirar todos os homens dignos e especialmente a juventude. Luiz Palmier, médico e humanista — dêsses profundamente humanitários — sentiu e escreveu ótima biografia, agora estampada pela Editôra Minerva. Chama-se "Maurício de Abreu, um pioneiro da democracia", o sincero e formoso livro de Luiz Palmier.

Narrativa singela e vigorosa da vida e dos feitos de Maurício de Abreu, cujo centenário transcorreu em 16 de maio.

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEM, VISCONDE DE PÔRTO SEGURO — E' formada de obras de incontestável mérito a série das Edições Melhoramentos sob a denominação de Arquivos Históricos. O volume 11, de autoria de Renato Sêneca Fleury, acaba de aparecer: "Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Pôrto Seguro". Precioso ensaio bibliográfico, repleto de ilustrações e notas complementares também de valor, mostra-nos o vulto extraordinário do magistral historiador, cujo trabalho incomparável, "História Geral do Brasil", em edição completa da Melhoramentos, comentada e apostilada por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, é um monumento indestrutível.

O senso crítico de Renato S. Fleury brilha nesta biografia admirável de "Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Pôrto Seguro".

CRIAÇÃO PRÁTICA DE PEIXES — Cirilo E. de Mafra Machado enriquece a coletânea "Criação e Lavoura", com o vol. 15, "Criação prática de peixes", focalizando tanques, criação de carpas, do apaiari, tucunaré, peixe-rei, "black-bass" e dando a bibliografia. Livro nitidamente ilustrado, prestará, aos interessados, grandes serviços, como aliás todos os tomos da citada coleção, assinados por verdadeiros especialistas.

Notícias de São Luís

O JOVEM escritor José Sarney Costa vem dirigindo, semanalmente, n'"O Imparcial", órgão dos "Diários Associados", uma página de literatura e arte, na qual colaboram, com freqüência, os novos valores maranhenses.

★

O FOLCLORISTA Domingos Vieira Filho, que tem representado o Maranhão nos diversos Congressos específicos, já realizados no país, está ultimando um dicionário da gíria regional, obra que pretende publicar, dentro em breve.

★

O DR. CLODOALDO Cardoso, presidente da Academia Maranhense de Letras, em colaboração com o sr. Arnaldo Ferreira, presidente da Associação Comercial e membro daquele sodalício, estão empenhados em trazer a São Luís, o sociólogo Gilberto Freyre, a fim de que êsse ilustre escritor pronuncie algumas conferências sôbre assuntos de sua especialidade.

★

O POETA FERREIRA Gullar, recentemente residindo no Rio, entregou, a pedido de Thiago de Melo, os originais do seu livro inédito "Os da terra", para as edições "Hipocampo".

★

ANTÔNIO LUÍS de Oliveira, um dos mais autênticos valores da nova geração maranhense que, apesar disso, nada quer com a literatura, estêve durante dois meses na Capital Federal.

★

NA CASA DE Móveis "Guanabara", do pintor Pedro Paiva Filho, continuam a reunir-se, diàriamente, os artistas e literatos novos do Maranhão. E' interessante o movimento ali levado a efeito, por parte daqueles que constituem o que há de mais expressivo na nova geração. Além do mostruário que cobre as paredes do recinto com as suas telas, sempre em progresso, lá se encontram, a qualquer momento, os poetas Lago Burnett, Carlos Madeira e José Sarney Costa; os pintores Figueredo, Cádmo Silva, Yedo Saldanha, Ambrósio e R. Almeida e os escritores Domingos Vieira Filho, Luiz Machado, Antônio Luís de Oliveira e muitos outros.

★

O PROFESSOR Nascimento Morais Filho, que foi uma das figuras mais ativas dentre os moços, fundador do Centro Cultural "Gonçalves Dias" e que, há dois anos, lançou os livros de estréia de Ferreira Gullar e Lago Burnett, vem se dedicando a pesquisas folclóricas, no interior do Estado, a fim de aproveitar a oportunidade que lhe foi oferecida pela sua atual condição de fiscal do erário público.

★

IÓRIO ROCHA, que atuou, durante muito tempo, como contra-regra de todos os grupos teatrais aqui surgidos, está com idéia de ressuscitar o "Teatrinho dos Novos", fundado por Heber Fernandes, jovem teatrólogo que fugiu para a metrópole. Para isso, já começou a requisitar um novo contingente de crianças que manifestem vocação para o palco.

A SAÚDE DO BEBÊ

ADULTOS E CRIANÇAS

DR. SABOIA RIBEIRO

O CULTIVO psicológico da criança deve ser conduzida dentro de certos princípios, que a plasmem nas melhores condições de êxito.

Essa formação tenderá sempre a constituir-lhe a personalidade, devendo-se ressaltar que esta, muitas vêzes, sofre, em razão de erros de educação, de conseqüências funestas.

Merecendo-nos todos os desvelos, é necessário um cuidado especial, no sentido de orientar seu desenvolvimento psicológico sem que nelas germinem certas qualidades negativas que as fazem ora tímidas, ora cavilosas, ora sem confiança em si mesmas.

O mau veso de incutir mêdo nas crianças representa um hábito absolutamente condenável. Muitos sonhos e pavores noturnos têm origem nessas histórias em que lhes falam de bruxas, bicho-papão, lobishomem, etc.

«Quando tiverem a certeza de que o choro da criança é devido a pura manha, deixem-na chorar sem atendê-la».

Se a criança cresce entre outros irmãos, há que esforçar-se sempre por um tratamento igual a todos, pois a preferência por um dêles leva ao ciúme e, portanto, ao sofrimento da criança preterida, ou menos mimada.

Estimulá-las em face de seus entusiasmos, na aparência, injustificáveis, é um dever que se não pode esquecer na generalidade dos casos. Não devemos querer que a criança pense como nós outros, adultos, no terreno das suas preferências recreativas ou puramente intelectualizadas.

Sòmente quando o seu entusiasmo merece ser esclarecido, por incidir em alguma coisa sem valor, então, é preciso acompanhá-la, inicialmente, em seu entusiasmo e depois, progressivamente, ir mostrando que tal coisa não tem valor ou não tem o valor que elas imaginavam. Em outras palavras, é preciso não desapontar a criança em seus entusiasmos.

O amor à verdade não pode ser esquecido, mas a êste respeito cumpre levar em conta que faz parte da psicologia da criança uma certa propensão à mentira, inata na criança. De nenhuma maneira, qualquer mentira será pregada à criança como meio de obter certos fins.

Nada mais funesto do que quando isto acontece. Com razão observa um pediatra que a mentira é a base do trato dos adultos com a criança. E escreve: «Cada vêz que a criança se opõe a fazer alguma coisa desejada pelos adultos, êstes lançam mão de uma promessa falsa, quer seja de um prêmio, quer seja de um castigo. A criança tem os adultos como professôres da vida e como protetores. Êstes deviam ter orgulho em merecer tôda a confiança da criança. Entretanto, mentem-lhe vêzes sem número; enquanto a criança observa a diferença entre o que lhe dizem e o que lhe fazem, sofre apenas pela confusão que se cria em seu espírito. Quando descobrem que lhe mentem, cria-se o sofrimento moral, pois perde a confiança nos adultos e se sente desprotegida e desamparada. E' preciso, pois, que só se digam à criança as coisas que se possam confirmar com os fatos. Em outras palavras, é preciso não mentir à criança.»

Colhemos êstes conceitos a interessante livrinho do Professor Pedro de Alcântara. E êle ilustra a sua explanação com as seguinte palavras: «Quando a mãe fôr despir a criança para o médico examinar e a criança se opuser, não lhe diga que é para pôr um vestido novo, pois, isso é uma mentira, diga-lhe que é para o médico examinar, que essa é que é a verdade».

Uma conduta uniforme, dos adultos, em face da criança, deve ser a seguida. No entanto é comum que lhe aplaudam hoje o que amanhã lhe condenam, deixando-a confusa porque se sentindo injustiçada.

Os pequenos incidentes e situações menos agradáveis para a criança não lhe devem ser inculcadas como grandes perigos que as hajam atingido. Se o fizeramos, com isto estaríamos apenas incutindo-lhe, no espírito, o temor de dificuldades mais sérias que a vida nos depara a tôda hora e que cumpre enfrentar com galhardia e coragem.

As atitudes que denunciam a preocupação de criar situações privilegiadas para os filhos são outro êrro que deve ser combatido.

Quando, por exemplo, todos os meninos de uma classe carregam os livros numa mochila, ao passo que um dêles vem acompanhado de um criado que o livra da carga, sobraçando sua bôlsa para não cansá-lo antes de chegar à aula, trata-se um grave êrro pedagógico. Por outro lado, também é falso levar a uma criança refeições especiais ou leite à hora do recreio, em que tôdas se contentam com um "modesto pedaço de pão. Essa merenda, além de mau hábito, torna-se duplamente prejudicial e antipática, colocando a criança em posição à parte diante de seus colegas» (Czerny).

Mas onde o êrro é porventura indesculpável e cheio de conseqüências remotas, imprimindo uma marca muitas vêzes irremovível, é o caso em que certas mães torcem o espírito de varonilidade nos meninos e o espírito de feminilidade nas meninas. Isto ocorre, precisamente, quando mães que desejavam ter uma filha e lhes veio um filho, dão de vestí-los à moda de menina e lhes deixam crescer os cabelos à feminina. E vice-versa.

Não é em vão que se cultivam na criança certos erros pedagógicos, que à maioria das vêzes custam de corrigir-se mais tarde, em razão de adquiridos numa idade em que é fácil contraí-los, mas difícil de perdê-los.

UM VELHO DECRETO . . .

(Cont. da pág. 34)

tudo, foi retirado de nossas telas, pela aparição de um dispositivo legal de seis anos, e que só tem causado prejuizos morais e materiais ao país. Com essa restrição os cineastas estrangeiros não vêm até cá. Os acontecimentos brasileiros não são filmados, o Brasil desaparece das telas estrangeiras, enquanto tôda a população, que já se habituara a ver programas de acontecimentos mundiais, a viajar por Nova York, Gênova, Veneza, Paris, Londres, Ottawa, conhecendo paises longinquos apenas com uma entradinha de cinema, perde tais diversões educativas e culturais. E' grave êrro manter essa lei. Urge que seja revogada ou modificada em bases razoáveis. Sem isso o mundo não voltará às nossas telas, nem o Brasil às telas do mundo.

Domenech tem razão. E agora, que se anuncia a visita do sr. Acheson ao Brasil, isso tudo dá o que pensar.

GRANDE PRÊMIO . . .

(Cont. da pág. 55)

à chapa de oposição. Foi expressiva a maioria obtida pelo candidato Mário Ribeiro, contra o seu adversário João Borges Filho. O resultado final revelou a eleição para a presidência do Jóquei Clube Brasileiro do sr. Mário Ribeiro de Azevedo. Seu nome conseguiu 1.429 votos, contra 987 dados ao sr. João Borges Filho. Além da presidência, todos os cargos da diretoria do Jóquei foram conquistados por todos os candidatos da chapa de oposição. A posse da nova diretoria realizou-se logo após a proclamação dos candidatos eleitos.

TRAGÉDIA DO . . .

(Cont. da pág. 44)

"Pôsto Avançado Adhemar de Barros", há apenas 30 quilômetros dos destroços do "President", onde desciam teco-tecos e ficava estacionado o helicóptero que a expedição levara de S. Paulo.

Na quinta-feira, dia 8, recebemos carga, pelo Curtiss AXN, da Aerovias, bem como mais sete pára-quedistas, da Fôrça Pública de São Paulo, comandados pelo Cel. Ribamar Miranda e pelo Capitão Djanir Caldas, êste que, pela primeira vez em sua vida, iria saltar de pára-quedas.

Dessa data em diante, o sr. Lino de Matos tinha um assistente militar, na pessoa do cel. Ribamar que, de início, planejou não saltarem todos os pára-quedistas de uma vez, mas apenas quatro. Caso houvesse imprevistos, seria mais fácil retirar quatro pessoas e não quatorze, da clareira na selva.

E assim foi feito. Sábado, dia 10, subimos no AXI e largamos os primeiros quatro homens: Oliveira Júnior, da Escola de Pára-quedismo de S. Paulo, José, Guilherme Saez, ambos civis, e os militares José Lopes Lima e Severino Aquino Vaz, os dois da Fôrça Pública de São Paulo. Todos caíram bem e, se bem que pareça incrível, de acôrdo com os planos teóricos. Regozijamo-nos e retornamos à base de Piaus e, de lá, a Pôrto Nacional, onde nos esperavam os demais pára-quedistas civis.

SALTAM DEZ HAMENS E 160 QUILOS DE CARGA

Na manhã seguinte, belo domingo de sol, mais cinco civis e cinco militares baixaram naquele mar de selva exuberante e traiçoeiro. Teriam início, nesse dia, os trabalhos de ampliação de clareira para baixarem teco-tecos e a picada em direção aos destroços. Os demais pára-quedistas, em número de 3, não saltariam mais, por falta de pára-quedas.

Dos dez homens nenhum caiu muito distante da clareira. Soltamo-los de dois em dois, há 200 metros de altura, a fim de possibilitar sua caída, bem dentro da clareira. Em seguida, jogamos dois pára-quedas de carga, com alimentos e munições, um dos quais só dias mais tarde foi encontrado.

Segunda-feira, voltamos a sobrevoar o local. O rádio que descera não funcionava e os sinais de terra foram-nos transmitidos por painéis. O primeiro, um "X" branco, indicava "vestígios de índios" e, em seguida, rebrilhos de espelhos acrescentavam à tétrica mensagem: "perigo de índios". O AXI volteava a região, cada vez mais baixo e, numa das voltas posteriores, anotamos o sinal "tudo bem".

Nessa altura, o cel. Ribamar, que nos acompanhava, estava lívido e não falava. Nós sabíamos porque, pois a responsabilidade que lhe cabia, caso os jovens fôssem dizimados por Xavantes, Javaes ou Calapós, que caçam naquela região, era grande.

Não compreendíamos como poderia haver perigo de índios e estar tudo bem. Mais uma volta; um enorme "H" se desenhou contra o fundo da clareira e ficamos sem saber o que significava: se pedido de homens, para combater, se o de helicóptero, para abandonar o local, pois o "H" não constava do código. Nada mais havia a fazer, senão voltar para Piaus e enviar o helicóptero ao local, o que só pôde ser realizado na manhã seguinte.

NOITE DE LUA

Ninguém dormiu, nessa trágica noite de lua bonita, pensando no que poderia acontecer aos arrojados paulistas. Todavia, na têrça-feira, o helicóptero foi ao local e, à tardinha, tínhamos notícias e bilhetes do pessoal da clareira, que continuamos a sobrevoar diàriamente.

Dêsse dia em diante, os representantes da imprensa ficaram aguardando a data do embarque para a clareira, coisa que nunca se realizou. Por duas vêzes, êste repórter e companheiros do Rio e de São Paulo voou, em avião alugado, até Campo Ezequiel, não encontrando quem quisesse baixar no pôsto avançado, de onde partia o helicóptero pilotado pelo comandante Carlos Alberto, rumo aos destroços.

Cada dia que se passava, nossas esperanças esvaíam-se e dissipavam-se totalmente, quando o sr. Lino de Matos foi para a clareira, de helicóptero, deixando a imprensa à mercê da própria sorte. Enviamos-lhe, então, um "ultimatum", mostrando nos-

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

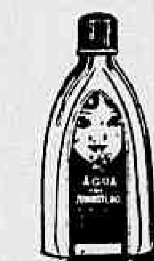
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME .... Nº ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

INVEJADA

AOS 50 ANOS!...

Bela, elegante, airosa, com sua personalidade marcante. Colo, mãos formosas, pele fresca e juvenil. Sem rugas, manchas, espinhas, sardas, ou outras quaisquer imperfeições da pele. Qual o sgrêdo? O uso constante do bálsamo maravilhoso



Água de JUNQUILHO

Distr.: ARAUJO FREITAS - Rio

sa resolução de deixar Pôrto Nacio- nal no primeiro avião, caso não nos fôsse facultado ir ao local dos des- troços, coisa que nos fôra prometida em S. Paulo. E assim fizemos, re- tornando à esta Capital no próprio AXI, dia 17 do andante. Todavia, com nossa missão integralmente cum- prida, pois traziamos as noticias do sepultamento das vitimas e a rela- ção dos achados entre os despojos.

Os representantes da imprensa fi- zeram o possivel e o impossivel para alcançar o local do sinistro, sendo, no entanto, totalmente infelizes. Tudo estava contra nós, inclusive o heli- cóptero da caravana, que só trans- portava um passageiro por viagem e cujo pilôto estava exausto e temeroso de uma pane. Essa falta de transporte culminou, como todos sabem, com o incidente entre pára-quedistas e re- presentantes dos EUA e da FAB.

TÉRMINO

Em 12 dias, voamos 56 horas, das quais mais de metade sôbre os des- troços do "President" e se o AXI foi alcunhado de "Fantasma" deve-o às façanhas que praticou, aos razan- tes, dos quais participamos e às ten- tativas de aterrissagem em locais em que seu trem de aterrissagem enter- rava-se na lama.

Não há dúvida que a caravana pe- cou e teve muitas falhas, dentre as quais essa gritante falta de trans- portes e comunicações, responsável por passarem os pára-quedistas um dia a água de cipó e a bolachas. Muito gente combateu a caravana e alguns órgãos de imprensa, cujos repórteres, chegando à última hora, não puderam embarcar, noticiaram, inveridicamente, que os jornalistas que embarcaram no AXI eram adhe- maristas e apadrinhados políticos, coisa que eu desminto categòricamente, com a autoridade que me dá minha hinestidade profissional e meu pas- sado político. Havia, isso sim, uma imprensa adhemarista, composta dos jornais do sr. Adhemar de Barros e outra chamada, pelo próprio prof. Lino de Matos, anti-adhemarista, com- posta de representantes da REVISTA DA SEMANA, "O Tempo", "Diários Associados", "Fôlhas", "O Globo", "A Noite" e "United Press".

HERÓIS

Que os rapazes foram verdadeiros heróis, saltando em plena selva, nin- guém poderá, de sã consciência, ne- gar. Objetivo prático? Houve, tam- bém, pois inúmeras familias, cujos parentes viajavam a bordo do "Pre- sident", não haviam rezado a missa de sétimo dia, por acreditarem em sobreviventes. Se não receberam os corpos, pelo menos o confôrto de os saberem sepultados, como cristãos.

E é para que o Brasil todo não se esqueça aos rapazes que, arros- tando o desconhecido, os perigos na- turais dos saltos e das selvas fizeram essa brilhante missão, que transcrevo, abaixo, os nomes daqueles que de- safiaram os mais altos técnicos de pára-quedismo do mundo, provando que, para saltar das nuvens para terra não bastam apenas pára-quedas de nylon, mas é preciso, também, co- ragem, muita coragem.

Saltaram no primeiro grupo, dia 10 de maio: Oliveira Júnior e José Guilherme Saez, civis, e os militares José Lopes Silva e Severino Aquino Vaz. No segundo grupo, que saltou no dia imediato estão: José S. Gra- vonski, Walter Pelacani — saltou sem pára-quedas de emergência — Júlio Kosakovic, O. Marques de Oliveira e Oswaldo Pinto, civis, e mais, Ca- pitão Djanir Caldas — primeiro salto — Francisco Silva Filho, Nestor Silva, Raimundo Silva e Ivanofre de Souza, todos da Fôrça Pública de S. Paulo.

Parabéns, rapazes!

AS MOLÉSTIAS DAS SENHORAS

Porque precisam elas de dois reguladores?

Porque precisam as mulheres de dois Reguladodes? A razão é simles: para duas enfermidades diferentes: dois remédios diferentes. E os ma- les da mulher são de duas espécies bem distintas: os males que origi- nam as regras abundantes e os ma- les que causam a falta de regras e regras diminuidas. Combatam as mu- lheres os males que tanto as fazem sofrer, roubando a sua saúde e a sua alegria. Mas não se esqueçam do conselho da ciência e da razão: Para males diferentes: remédios diferen- tes. Regras abundantes e suas con- seqüência: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Regulador Xavier Nº 1. Falta de regras, regras diminuidas e suas conseqüências: dores em geral, cólicas uterinas, in- suficiência ovariana, etc.: Regulador Xavier Nº 2.

Respostas ao teste

1—Homem de negócios
2—Ao Papa Silvestre II
3—O zero
4—País frio
5—Terra do rabo verde
6—De Kaffa
7—Da cidade de Pérgamo
8—Da moeda destinada a es- molas
9—Comedor de capim
10—Cobra macho
11—Dos nossos indios
12—Pequena Veneza
13—Aguas escondidas
14—Latino
15—Porque só andava de san- dálias (Cáliga. Diminuti- vo: calígula).

QUARESMA DO MEU...

(Cont. da pág. 35)

e o mal. De um lado, lhe "sopravam": "Mate! Mostre que você é homem!" — Mas, também ouvia: "Ora, que pre- juizo você vai ter? E' de ficar-se con- tente!... Ao menos de algum modo você está sendo lembrando..." Sem mais o que fazer, entrou pela casa, fingindo rompança: "Ai, moçada! Eu sabia que cumigo ninguém tirava fa- rinha!" Largou o bornal sôbre o jirau da cozinha e passou para a sala, iluminada pela vela que Teresinha acendera por intenção das almas. Do aparador, onde um pequeno caixão servia de oratório, a luz do cirio, já em meio, se projetava pela porta escancarada do quarto de Teresinha.

— "Minha fia! Teresa!"

Num relance adivinhara tudo, vendo a cama vazia, e o baú, em que a moça guardava a roupa, e apenas com alguns trapos pendurados nas bor- das. Alucinado, completamente fora de si, descarregou a "bocuda" no rumo da porteira: "Espera, pestaiada: Num fica um!" — E saiu correndo, estrada a fora. Coitado!... Saira com- pletamente desarmado. Com a es- pingarda descarregada e sem a sacola de cartuchos. Caro custou para con- vecerem o velho de que êles nada tinham a ver com a fuga da pu- pila. E com razão. Os autores da arte eram outros: O Tonico, a irmã e a mãe. Tudo vinha sendo prepa- rado. Até aquêle boato de "limpa", no quintal do Teodoro, era parte do plano. Depois de buscas e mais bus- cas infrutíferas a obsessão transtor- nou o juizo do pobre caboclo. Co- meçando de manhã, adentrava pela noite, dando tiros a êsmo, sempre acompanhados de terriveis gritos: "Pras arma!... Pras armas!..." Como a lançar contra os céus, com os baques da espingarda, todo o ódio que lhe enodoava a consciência atormentada. Sabedores do sucedido, parentes, nada próximos, vieram pro- curá-lo e, a custo, o levaram para tratamento. Não que gostassem dêle.

(Continua no próximo número)

À LUZ DA PSICANÁLISE

AMOR OU DESPEITO

DR. LUIZ FRAGA

JULINDA Prado, de 24 anos, conta o seu desalento em face duma amizade que perdeu, por motivos que ela acha tolos. Teve um homem em sua vida. Este homem, que se desvelara pela queixosa, sofreu uma forte desilusão; Julinda, que é valiosa e pratica o "flirt" por esporte — sic — sentiu-se, um dia, arrebatada pela figura impressionante de outro homem que a vinha perseguindo. Confessou, meio dúbia, o seu estado de espirito ao Paulo (Paulo era o amiguinho dela), esperando que êle a sustivesse. O amiguinho, todavia, revoltou-se e rompeu os laços que os ligavam. Artur que só tinha a oferecer à Julinda a fachada de seu porte, não foi para ela mais do que a primeira impressão. Fingiu-se um homem superior, admitindo, não só a continuação da ligação com Paulo, mas ainda com outros amiguinhos. O amor próprio de Julinda foi atingido. Ela preferia os ciúmes de Paulo, à indiferença de Artur. Continuou, por capricho a ver Artur, procurando, de quando em quando, falar com Paulo que, talvez por sadismo, começou a torna-la confidente de seus novos amôres.

JULINDA — Eu o escutava com aparente indiferença, certa de que êle amava sòmente a mim. Paulo descrevia-me com requintada maldade, os pormenores de suas conquistas...

MÉDICO — Continue.

JULINDA — Um rosario de conquistas, indo até mesmo às colegas que eu mesma lhe apresentava.

MÉDICO — Você tomava parte na comédia...

JULINDA — Um dia, porém, êle me apresentou a uma jovem, sua última conquista. Jantamos juntos. Esta, todavia, pareceu-me diferente: é jovem e bela, instruída e delicada. Representamos muito bem os nossos papéis. O pior é que eu também gostei da Ivone e ela de mim. Falamos francamente de meu passado com o Paulo e eu brindei, à mesa, o novo amor que se iniciava, com o meu auxílio, talvez. Eu era um jarro que ornamentava a mesa.

MÉDICO — Paulo a humilhou à presença da Ivone?

JULINDA — Ao contrário, considerou-me bastante. Êle é um homem fino. Escreveu, à nossa presença, versos que nos elogiavam a ambas.

MÉDICO — Um D. Juan moderno...

JULINDA — Não. Um cavalheiro.

MÉDICO — Mas afinal você quer fazer um estudo psicológico seu ou do Paulo?

JULINDA — Não sei bem. Dormi mal. Procurei atribuir à insônia que fêz muito longa aquela noite, outro fato que me sucedera e, para o qual eu pedira os conselhos amigos do Paulo. O doutor não se incomoda de ouvir uma quadra que Paulo escreveu, brincando, durante o ágape?

MÉDICO — Diga-a.

JULINDA — Estou um tanto acanhada mas, vá lá:

"Fazer versos de amor,
Assim, entre duas mulheres,
E' tentar, com desprimor,
Despetalar malmiqueres".

MÉDICO — Há espirito.

JULINDA — Mas não é isto o que desejo saber. Desejo traduzir os meus sentimentos reais para com Paulo.

MÉDICO — Os seus sentimentos estão baseados nas leis naturais.

JULINDA — Que leis naturais?

MÉDICO — As leis naturais são de duas espécies: as que nascem em nós, e que só em nós estão; isto é, o produto das faculdades da nossa alma; e as que nascem fora de nós, isto é, que regem o universo físico. As primeiras formam a luz do mundo: brilham no meio de nossa ignorância e das nossas paixões, como o farol, erguido à beira do oceano, brilham no meio das trevas e da tempestade. Estas leis formam um código sublime e cada um dos seus artigos corresponde a uma necessidade da humanidade propô-las a nós mesmos, como modêlo, é querer participar, tanto quanto possível, da sabedoria divina. Sem conseguirmos êste fim, tendemos sempre para êle, mais por instinto do que por estudo. Pois é certo que os nossos costumes e prejuizos nos ofuscam a vista. Você tem mais despeito que amor.

COUPON

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

A correspondência dirigida a esta seção deve ser endereçada ao Dr. Luiz Fraga, rua Senador Dantas, 76, 4º andar.

ESTRANGULOU OS FILHOS RECÉM-NASCIDOS



Liliana Biagi, a fera humana que diante do Tribunal nada dirá do seu misterioso impulso que a tornou a mãe inesplicàvelmente horrenda de todos os tempos... Mãe por quatro vêzes a perversa abandonou o primeiro filho e aos outros três infelizes trucidou bàrbaramente. A horrível mãe filicida, aberração monstruosa da natureza, era amante de Alessandro D'Alessandro de quem teve os filhos e a que inocentou no seu cruel mister de mãe suina. Estrangulava os filhinhos e os escondia num armário de sua estância... Confessou, friamente, a sua delinqüência...



Filicetta Venditti, a moça que descobriu os três cadaverezinhos no armário de Liliana Biagi. Aqui ela nos aparece sobraçando o pequeno Cláudio, de três anos e meio, o primeiro filho de Liliana, e único sobrevivente à fúria infanticida materna. A jovem, atendendo a insistente e curioso convite da criança, foi até ao armário e ali se deparou com aquêle quadro horrível: três corpinhos embrulhados em jornais a exalar o fétido odor da putrefação. Eram os filhinhos da mãe-monstro que apodreciam à espera da justiça de Deus e dos homens...

Tudo isto

Farinha dágua no SAPS



ESTA sucedeu em Belém do Pará. Um trabalhador chegado de lá de sua povoação, no interior do Estado, foi fazer refeições no SAPS de Belém. Serviram-no de pratos variados, tudo feito de acôrdo com a ciência da nutrição, calculadas as vitaminas e as calorias indispensáveis aos operários que se alimentam ali. Mas o jovem não achou graça nenhuma naquele cardápio científico. E perguntou ao chefe da casa: "Cadê a farinha d'água?" — O moço procurou explicar ao paroara que êsse negócio de farinha d'água era mais prejudicial ao organismo do que êle imaginava. Não era nutriente, faltavam-lhe qualidades que os nutriciologistas Fulano, Beltrano e Sicrano indicavam em seus tratados de alimentação tais e tais, página tal. Mas o trabalhador não deu o menor crédito à erudição do técnico do SAPS de Belém. "Quero minha farinha! Sem farinha eu não como isto!" Mais explicação, mais acomodação. Nada. O rapaz estava indignado e exigia farinha d'água. Como não fôra atendido, e contando com as simpatias dos presentes, todos habituados a ingerir farinha d'água, começou o conflito. Louça quebrada, comida entornada, bancos de pernas para o ar, uma tempestade em prato sem farinha. Os funcionários do SAPS chamaram a polícia. O exigente comedor de farinha fugira. O SAPS cedeu. Embora sem acreditar no poder de nutrição da farinha, incluiu-a no menu...

Cr.$ 25,00 por dia

HOTEL moderno, confortável, com garagem própria à disposição dos hóspedes, água em abundância, comida excelente, tratamento fino, oferece cômodos a Cr$ 25,000 diários, com comida, e sem refeição a Cr$ 12,00. O leitor pode ter julgado que falta um zero em cada uma destas importâncias, mas não há tal. O preço é assim mesmo: vinte e cinco cruzeiros com alimentação, e doze, sem ela, sòmente café pela manhã. Isto é: café, leite, pão, manteiga e frutas. E' barato ou não é? Pois era assim que, em maio de 1932 um hotel em S. Paulo anunciava seus bons préstimos ao respeitável público. Naquele tempo o público era respeitável. Hoje, só há uma coisa respeitável: o preço das coisas. Um hotelzinho aqui do Rio cobra Cr$ 120,00 diários para solteiro, com um cafèzinho magro pela manhã, apenas para iludir o estômago do desgraçado. Um quarto sem pensão de espécie alguma, sem banho, sem confôrto, em qualquer casa de habitação coletiva, custa mais de vinte cruzeiros por dia, a "vaga". Sabe o leitor do interior o que é uma "vaga"? E' um lugarzinho a um canto de quarto em que já vivem outros infelizes. Morar numa vaga é uma felicidade para milhares de sêres humanos que vivem e trabalham na Cidade Maravilhosa. E' que há milhares que nem "vagas" possuem. Vivem vagando por êsses jardins, morando em vagões enferrujados, em terrenos baldios, até que a polícia os leva para a distrito...



A

UMA pessoa
achar qu
virtude do nom
nada disso é v
tem que ver
da vida huma
por aí, que
de cães; como
neiros que nu
ofensiva de Lé
bém há muito
sinhos como
que nunca for
Rapôsas. Ora
falso do que
vora, ao viaja
livro enquanto
suburbanos,
S. João pel
tima do esto
êsse perigos
Êle sempre
nada lhe ac
e risca fósf
queiro sem
lhe acabe d
culpa de nos
pelo seu no
Se nesta cid
lhões de ho
bição absolu
de fogos de
nosso advog
de uma ex
juanesca e
nem teria p
tàvelmente
de sua xar
panha de
selvagens.
samos de

Foi b

Aconteceu

O Doutor Pólvora

UMA pessoa supersticiosa poderia achar que tudo ocorrera em virtude do nome do advogado. Mas nada disso é verdade. O nome nada tem que ver com os acontecimentos da vida humana. Há muitos Gatos por aí, que jamais foram vítimas de cães; como há milhares de Carneiros que nunca sofreram qualquer ofensiva de Lôbos. Assim como também há muitos Leões que são mansinhos como os Cordeiros, e Galos que nunca foram incomodados pelas Rapôsas. Ora, se assim é, nada mais falso do que dizer-se que o dr. Pólvora, ao viajar num dos nossos trens livro enquanto o trem corria, foi vísuburbanos, a ler, calmamente um S. João pelo simples fato de ter tima do estouro de uma bomba de êsse perigoso sobrenome: Pólvora. Êle sempre estêve perto do fogo e nada lhe acontecera; fuma bastante e risca fósforos, ou acende o isqueiro sem qualquer perigo. O que lhe acabc de acontecer é mais por culpa de nossas autoridades, do que pelo seu nome um tanto esquisito. Se nesta cidade, de dois e meio milhões de habitantes, houvesse proibição absoluta de fabricação e venda de fogos de estouro ou sem êle, o nosso cdvogado não teria sido vítima de uma explosão de bomba sanjuanesca em um trem suburbano, nem teria perdido sua roupa lamentàvelmente queimada pela explosão de sua xará. E' urgente uma campanha de repressão a tais hábitos selvagens. Será que ainda precisamos de Álvares Cabral?



Foi buscar água...

CONCEIÇÃO Francisca da Silva, mãe de algumas crianças, mora no morro do Cantagalo. Não pode viver sem água. Tem que cozinhar, dar banho nas crianças, fazer a limpeza do casebre. Foi buscar uma lata d'água e, com surprêsa, a bica estava de férias. Nem uma gôtinha para remédio. Que fazer? Desceu a ladeira e recorreu ao porteiro do edifício 108, da rua Barão da Tôrre, que lhe cedesse uma latinha d'água. Mas, por infelicidade, o empregado estava ausente, e a pobre mãe já voltava com a lata vazia para o seu barraco. Era mais um dia de crueldade para ela e os da família. Comeriam banana, ficariam sujos. Tudo isto se passava no "Dia das Mães", por ironia da sorte. Mas ainda não era tudo. Quando ela voltava desolada para seu morro, surgiu um senhor enfurecido, e, agarrando-a pelo braço, bradou: "Ladra! Cadê a carne que você furtou?" E, aos empurrões, levou-a para o 2º Distrito Policial. Entregando-a ao comissário, pediu que a autuasse. Havia furtado um quilo de carne. E foi embora, o furioso detentor. Os policiais presentes ficaram de tal maneira condoídos que até se prontificaram a cotizar-se e pagar o quilo de carne. Mas tudo não passava de um cochilo de Homero. O advogado Alaor Braga da Silva, que estava presente, procurou relaxar a prisão, no que foi roborado pelo Juiz da 4ª Vara, que despachou favoràvelmente, dando liberdade à acusada injustamente. Boa maneira de comemorar-se o "Dia das Mães"!



O OURO DO DESASTRE

Os desastres de avião enchem as páginas dos jornais, levando aos lares enlutados a tristeza da morte. Quantas existências de valor são tragadas por essa voragem dos espaços! Há dois meses caia o "Rainha Juliana", reduzindo-se o gigantesco quadrimotor da linha holandesa Johannesburg-Amsterdam a um montão de ferros retorcidos. Todos pereceram carbonizados. Nos seus destroços de corpos mutilados, puderam os oficiais apenas retirar uma caixa de ouro, único bem de valor para aquela fatalidade que, sem dó, abateu inúmeras vidas para sempre...



A gratidão é um dos mais belos sentimentos seja qual fôr a maneira pela qual se manifeste. Todos os anos, na data natalícia do sr. Epitácio Pessoa, vê-se, na secção competente do "Jornal do Comércio", uma publicação do sr. Moisés Felinto de Oliveira convidando, com justificativa entusiástica, os seus amigos para uma missa em homenagem ao saudoso estadista. O convite dêste ano estava redigido nos seguintes termos: "Passando hoje 23 a data natalícia do excelso estadista e expresidente da República, sr. Epitácio Pessoa que era de uma linha irrepreensível foi muito cioso da sua autoridade tinha uma alta noção de dignidade e de respeito que refletia no seu semblante e no seu pára-raios que era o seu topête sempre em pé e altivo onde ia cair as injustiças humanas daqueles que não fizeram justiça à sua obra de estadista e aos seus grandes méritos pessoais de homem de ação e de bravura cívica que sempre honrou as calças que vestia. Os seus atos de bravura cívica estão aí falando por êle. Era paraibano bom de Umbuseiro. Na tua pequenina heróica terra até as mulheres são macho, quanto mais os homens do teu valor e da tua estirpe. O sr. Moisés Felinto de Oliveira, funcionário da Câmara dos Deputados como vem fazendo todos os anos manda celebrar missa às 8 horas no Santuário Eucarístico de Jesus por alma daquele que foi o maior reserva moral da nacionalidade".

CORREIO DA REVISTA

GRAU 7 — São Paulo — Não pôde ser o seu «O Resultado do Dia». Português e estilo muito ruinzinhos.

H.F. — Rio — «A Indesejável» não pôde passar pelo crivo dos julgadores. O conteúdo não recomendou.

A.R. — Rio — O conto «O Minueto» muito fraquinho.

TOJOGNS — Rio — O linguajar matuto em excesso, ao lado de um tema bastante surrado, não ajudaram o seu conto «A gente não quer morrer de fome».

L.C. de M.M. — Rio — «Um perfeito criminoso» não passou. O português estava muito a desejar.

MARIA JOSÉ DA SILVA — Santo André — S. Paulo — Seu conto, «A Botija» foi aprovado. Continue.

CARMEM RUIZ — São Paulo — Seu conto, «A Fôrça do Despeito» está muito longe. Veja se manda outro com umas oito fôlhas, no máximo. Lamentamos, sinceramente, não nos ter sido possível publicá-lo, e fazemos votos pelas suas melhoras de saúde.

A.G. — Sorocaba — «Vamos passear de automóvel» deu outro passeio e não voltou.

CORA LINA — Rio — «Mesmo Fantasiada» não deu certo. Procure melhorar a técnica literária. O português também está ruim.

N.S.P. — Nova Iguaçu — E. do Rio — Muito bem escrito o seu conto «Luta Interior»; mas as expressões grosseiras o invalidaram. Pelo menos quanto a esta Revista.

M.A.A. (?) — Não pôde sair «E o sonho terminou». O português não estava bom.

O.M. — Vicente Pedroso, São Paulo — Mande outro conto na ortografia em vigor.

N.U. — Pôrto Alegre — Seu conto, «Coincidência», não foi aprovado. Dê-lhe outro estilo.

M.D.C. — Rio — «Quem com ferro fere...» não foi aprovado pelos julgadores. O português não ajudou.

K.B. — Rio — O estilo não ajudou o seu «Recordações». Procure melhorar o estilo, coisa indispensável para contos literários.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

UM RAJÁ NO BRASIL

(Cont. da pág. 32)

coroado em 1925. Conta 43 anos e é o segundo embaixador da Índia no Brasil. Percorreu vários países da Europa e da África. Aprecia o esporte do tiro ao alvo, tênis, gôlfe e "cricket". Partidário da política de integração nacional, desistiu de seus poderes soberanos sôbre o Principado de Mandi, situado ao nordeste da Índia. O Principado de Mandi, que tem uma área de mil e duzentas milhas quadradas, foi anexado por doação espontânea de Sua Alteza Joginger Sen Bahadur, ao Estado de Pradesh; é rico em minerais, pastagens e florestas imensas. Sua capital é Mandi, fundada em 1507, e tornou-se famosa pelos seus templos, suas montanhas constantemente cobertas de neve. O novo embaixador é um dos homens mais ricos da Índia. Em tôrno do desembarque do Rajá de Mandi, fêz-se uma ruidosa publicidade, por causa da volumosa bagagem e da criadagem particular que o antecedeu. Por isto, grande número de curiosos afluiu ao cais do pôrto para ver, pela primeira vez, um Rajá de verdade. Em lugar de príncipes indianos de trajes fabulosos recamados de pedrarias orientais, o embaixador e a embaixatriz a muita gente decepcionaram com a simplicidade que apresentaram, sem pompas, nem ostentação. Trajava o diplomata oriental uma túnica marron que lhe caía no joelho e gola fechada ao alto, costume da gente de sua terra. Na cabeça trazia um casquete tendo num dos lados, os sinais de seu brasão: um sol no centro de um campo branco. Por sua vez, a princesa envergava um "sari" vistoso e como único distintivo de sua posição social, um friso vermelho na testa. Nenhuma jóia, nenhum bracelete dos que adornam os personagens das discrições fantasistas dos romances! Os funcionários da embaixada, êsses sim, trajavam com mais distinção oriental. Shamasla, o de maior categoria, tinha um uniforme mais bonito. Os outros variavam devido à hierarquia funcional. Detalhe interessante foi a excessiva bagagem do ex-soberano de Mandi. Além das 206 malas chegadas dias antes, com os empregados, trazia o Rajá mais 42. E não concordaram os funcionários em fotografar o restante da bagagem do embaixador. A nota digna de registro foi a presença, ali, do embaixador do Paquistão, no Brasil, Sr. Mahomed Isa. Apesar daquela nova república muçulmana estar em litígio com a Índia, o Sr. Isa foi o único representante estrangeiro do corpo diplomático a apresentar as boas-vindas ao seu colega indiano. O Paquistão reclama a província do Kashimir, ocupada militarmente pelos indus, achando-se o incidente sob a apreciação da ONU. Mas o cavalheirismo do Sr. Kazi Mahomed Isa, foi um grande exemplo do espírito que anima as repúblicas novas do Oriente.

CHEGARAM OS PASTORES GREGOS

(Cont. da pág. 20)

Os gregos da ilha das Flores têm ojeriza à higiene pessoal. Custou muito sacrifício aos administradores da ilha incutir-lhes êsse salutar hábito de urbanidade. Agora, depois de quatro meses, pelo menos as crianças parecem mais limpas e asseadas.

Outro detalhe curioso é o pavor que revelaram quando precisamos fotografá-los para esta reportagem. Acreditam que com isso seria diminuir algum tempo de vida. Foi necessário muita paciência e principalmente colhêr êsses flagrantes, aproveitando a hora do almôço, o trabalho das senhoras e dos homens, ou a curiosidade das crianças. São assim os gregos da ilha das Flores.

O MUNDO É DOS ESCLARECIDOS

Preciosos conselhos para bem viver, diretriz segura de conduta e orientação, na dramática jornada terrena, encerra esta pequena mas expressiva comunicação do Mestre, Luiz de Mattos, dada em Sessão Pública, no Centro Redentor, desta capital, em outubro de 1949.

São palavras de esperança e encorajamento, mas também serena advertência aos que pretendem se transviar da rota traçada pelo Racionalismo Cristão para a evolução do espírito neste mundo.

Vamos lê-la:

Quando sentirdes fraquejar o voso ânimo, que se abate a vossa vontade e que o desânimo se apodera de vós, levantai bem alto o pensamento, desprendei-vos de tudo que na Terra vos possa perturbar e procurai dar ao espírito a paz de que êle carece para suportar as vicissitudes da vida.

Todos, neste mundo, têm os seus revezes, desilusões e sofrimentos; todos têm uma cruz a carregar. Para alguns, ela será leve, talvez; para outros, será mais pesada, por motivo de dívidas espirituais, adquiridas nas incarnações anteriores, mas, todos têm o dever de carregá-la sem revolta, sem desânimo e sem hesitação.

Um espírito esclarecido e de vontade forte encara a vida como a vida é: Não espera senão aquilo que ela lhe pode oferecer.

E' ilusão, puro engano, quererem as criaturas que a vida neste mundo seja de compensações e alegrias. Não é isso possível. Aqui estão para lutar, e tôda a luta origina sofrimentos, que devem ser vencidos ou atenuados com ânimo forte e uma vontade férrea para o bem.

A vontade é tudo, quando a criatura sabe querer para o bem.

O Racionalismo Cristão fortalece os espíritos, e um espírito fortalecido é um espírito vitorioso!

Caminhem, pois, com o passo firme e de fronte sempre levantada, não se deixem abater, porque o abatimento não deve ter guarida num sêr esclarecido: seja qual fôr o sofrimento, a dor moral que venha a atingí-lo, êle deve tudo enfrentar e procurar vencer com sobrancaria e valor.

O mundo é dos fortes, mas não queremos nos referir aos fortes de físico; o mundo é daqueles que têm a fortaleza de ânimo e o valor espiritual!

No Racionalismo Cristão não há, absolutamente, lugar para fraquezas; todos devem saber lutar, trabalhar e andar para a frente, convictos de que da luta hão de sair vitoriosos.

O Racionalismo Cristão procura fazer compreender àqueles que às suas Casas vêm, a necessidade que há de estudar, pensar e raciocinar, para saberem separar o joio do trigo, criarem a sua personalidade espiritual, para poderem enfrentar as intempéries da vida, compreender e solucionar os problemas que a própria vida oferece.

Observamos, porém, que há criaturas que se negam a meditar nas coisas sérias da vida, e que interpretam mal a Doutrina e até deturpam os ensinamentos aqui recebidos.

As nossas Casas abrem as suas portas para receberem a tôda a gente, sem exceção, de tôdas as classes sociais, e a todos é dado respeitoso trato, dentro das normas de educação e hospitalidade.

Pugnamos pelo bem geral de todos, irradiando sôbre as criaturas fôrça espiritual, ânimo e valor para poderem vencer na luta pela vida. Pugnamos sempre pela paz, porque só um espírito sereno pode estar lúcido para poder cumprir o seu dever. As revoltas, as palestras inflamadas, as discussões e as rebeliões do espírito, só podem trazer perturbação e angústias, decontrole e avassalamento.

Porque uma criatura revoltada, é, mais dia menos dia, uma avassalada. O Racionalismo Cristão quer criaturas honestas e espiritualizadas. Sempre aconselhamos àqueles que nos procuram que sejam cautelosos, que estudem, que pensem bem, porque só pode haver progresso quando se vive em paz, trabalhando e cooperando pelo bem de todos. Repugna a todos a maneira de se conduzir de muitas criaturas inteligentes, pensando que há segredos no mundo. Mais hoje, mais amanhã, tudo é visto, tudo se sabe no mundo físico, quanto mais no espiritual!

Todos têm o direito e o dever de progredir e de subir na vida, mas nunca por meio de revoltas, de distúrbios, de palestras inflamadas contra a ordem e a vontade da maioria. O progresso se faz pelo estudo, trabalho e compreensão da vida.

Todos são livres e podem pensar como entenderem; mas dentro do Racionalismo Cristão têm por obrigação raciocinar muitíssimo para não cometerem erros gravíssimos de que mais tarde podem se arrepender.

A dignidade de um povo está na sua civilização, mas não e nunca na dissolução, na revolta e na desordem. A desordem traz confusão e não pode nunca ser favorável ao progresso.

Todos devem progredir espiritual e materialmente. E todo aquêle que trabalha e possui a noção da honra e do dever, progride invariàvelmente, e é feliz.

LUIZ DE MATTOS

GRANDE PRÊMIO:

PRESIDÊNCIA DO JOCKEY

Texto de **LUIZ MORENO**

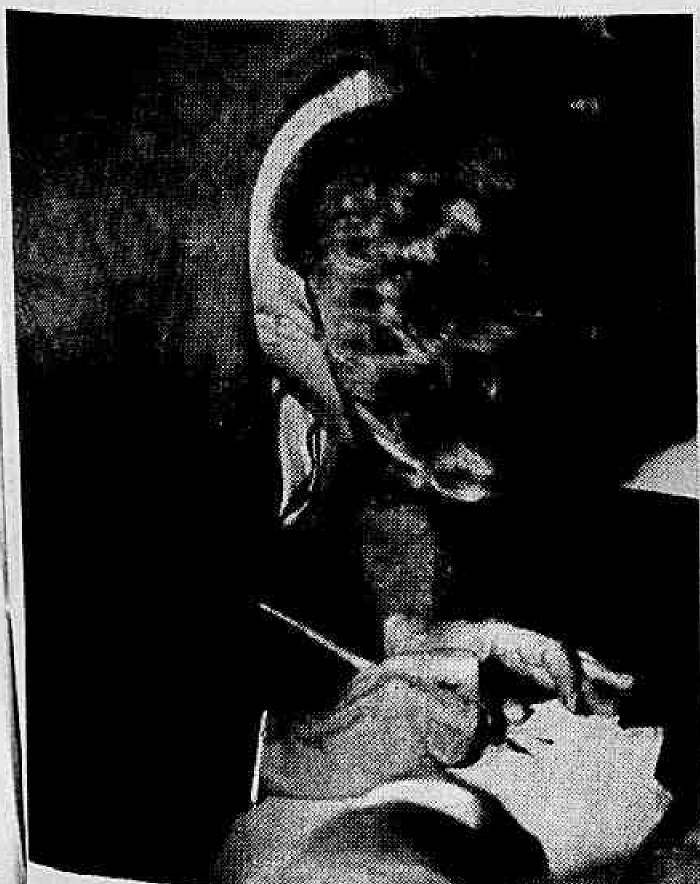
Fotos de **ALBERTO FERREIRA**





À esquerda, vê-se o Sr. João Borges num entendimento com o seu adversário Mário Gouvêa Ribeiro; à direita o candidato João Borges votando.

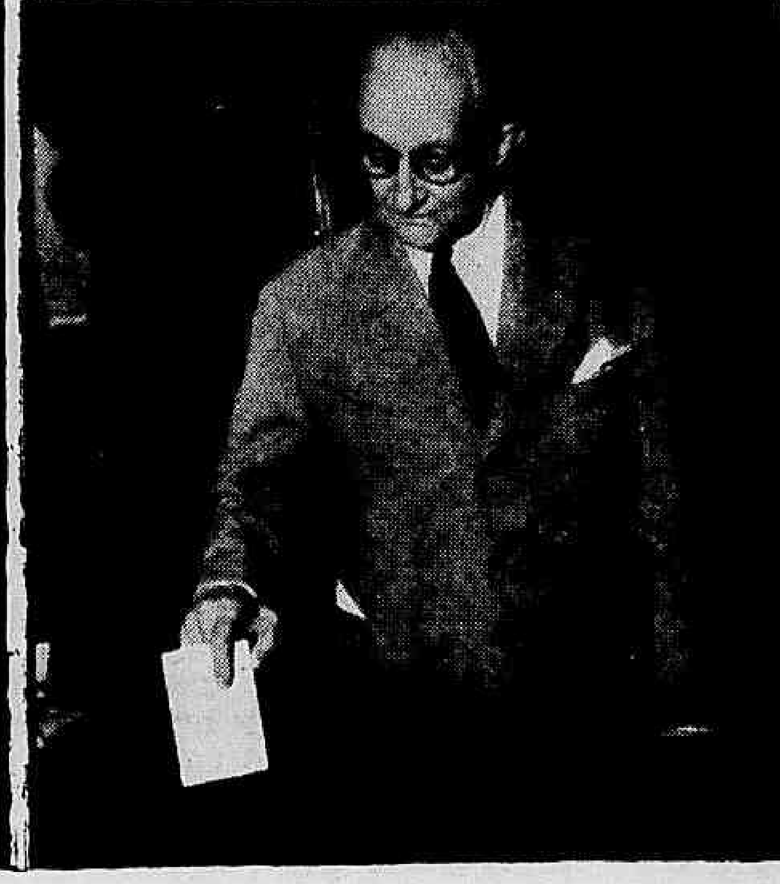
NUM ambiente de grande cordialidade e dentro da mais perfeita ordem, decorreu o recente pleito eleitoral do Jockey Club Brasileiro. Realizou a nossa importante e tradicional sociedade de turfe as eleições de sua diretoria para a administração no período de 1952 a 1956. Foi um acontecimento digno de registro nos anais da crônica hípica nacional pelas circunstâncias de que se revestiu. Principalmente estas: a serenidade e a isenção de ânimo dos seus componentes que disputavam, respectivamente, o triunfo das duas chapas, cerceando as arestas das pequenas animosidades que soem, às vêzes, desfigurar as campanhas de cunho eleitoral. Desta maneira aquela nossa associação hípica tornou-se merecedora do respeito e da admiração da fina flôr da sociedade carioca e de todos os torcedores do nobre esporte equestre. Foi dentro destas normas estritas de ordem e disciplina que o Jockey Club Brasileiro realizou o seu último certame eleitoral. Organizadas as mesas receptoras iniciou-se a votação às 12 horas do dia 29 de maio passado, prolongando-se o recebimento de votos até às 20 horas do mesmo dia, quando foi procedida a apuração. As filas de votantes traduzem a grande afluência dos integrantes das duas correntes em luta. A apuração daquele memorável pleito deu a vitória (Cont. na pág. 50)



O Sr. Getúlio Vargas não votou, mas o Sr. Lourival Fontes compareceu e deu seu voto.



O elemento feminino, ainda que pareça incrível, usou o voto secreto.



O candidato Mário Gouvêa Ribeiro vota. Teria preferido o Sr. João Borges Filho?



A vitória sorri para Mário Ribeiro e êste para a sua espôsa.



Enfrentam-se Carlos Guimarães e Trajano Miranda Valverde.



Senhoras em expectativa durante o longo páreo de vinte e quatro horas.



Danton Coelho e Oswaldo Aranha num intervalo nos trabalhos... políticos.



Aranha enfrenta o Comendador José Fonseca Siqueira de Menezes.



Dodsworth Martins pondera qualquer coisa a João Borges Filho.



Bastos Padilha, o da esquerda, cabalou demais. E ganhou...



O Almirante Armando Trompowski, entre sócios, aguarda o momento de votar.



À direita o Sr. João Borges, à esquerda, o General Mendes de Morais.



As conversas a três eram comuns: Como é? Quem vai ganhar? Apostas...



Às vêzes os grupos eram maiores. E sentavam-se. A expectativa cansa.



Nesta trinca risonha: Pedro Brando, ao centro, e, à esquerda, Ricardo Jaffet.

GRANDE PRÊMIO PRESIDÊNCIA DO JOCKEY



Êste aspecto documenta o interêsse que o pleito despertou: ficaram superlotados os salões do clube.



Além da propaganda por outros meios, discreta e sóbria, houve também cartazes que eram apelos de última hora.

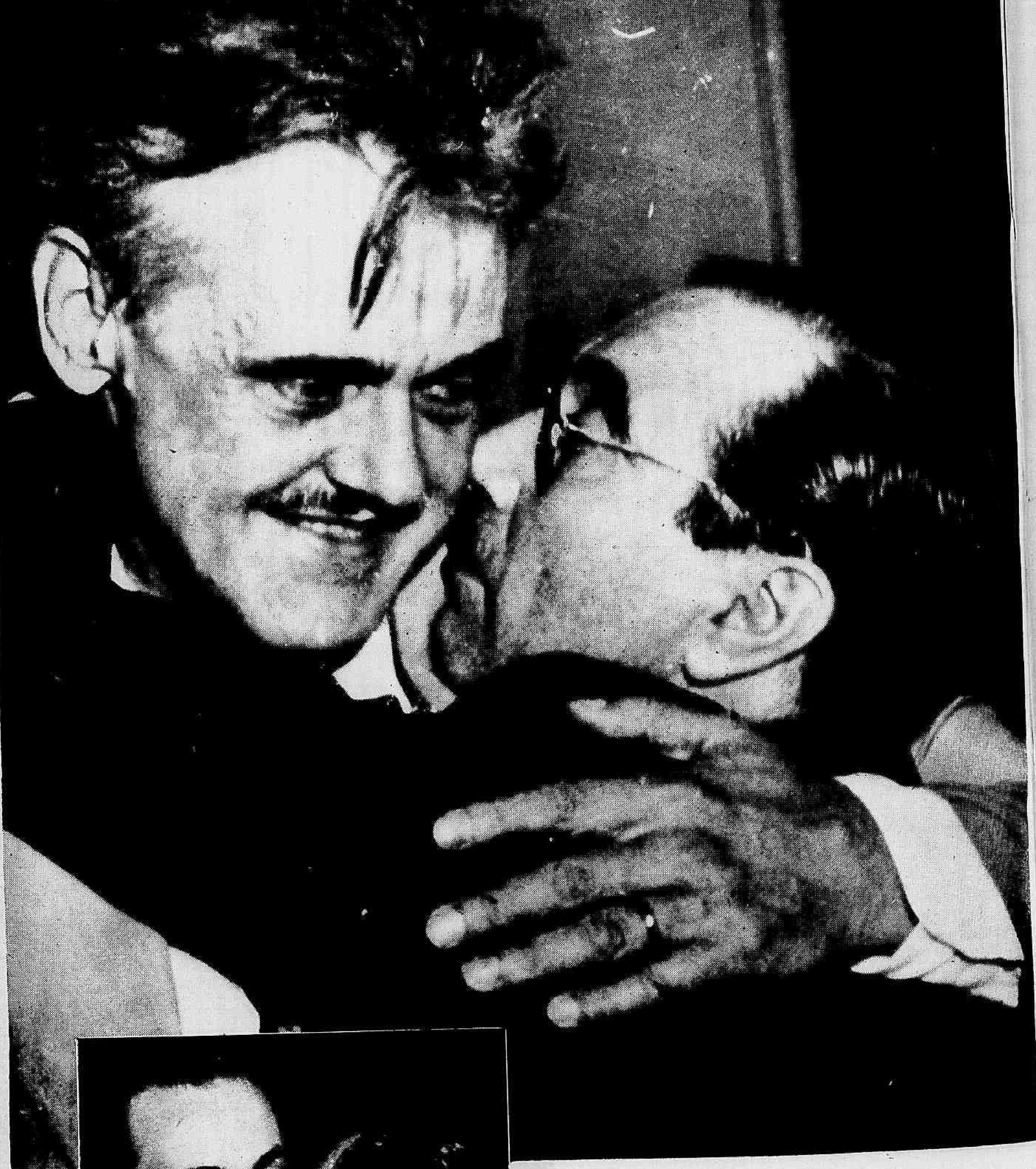


A apuração do pleito foi trabalhosa por causa de intercorrência de nomes nas duas chapas.



O Desembargador Oliveira Sobrinho, que presidiu os trabalhos da eleição, proclama os eleitos.

GRANDE PRÊMIO PRESIDÊNCIA DO JOCKEY





O espetacular abraço que Luiz Aranha recebeu no momento em que batemos esta fotografia ocorreu antes da apuração do pleito. "Vamos ganhar, velhinho. . ."

Mais tarde, aberta a primeira urna, Mário Ribeiro à puridade, diz para Francisco Eduardo: "Meu filho, vamos ganhar. . ." Como é bárbaro o voto secreto!

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto e execução
da CASA NUNES
para o Clube Curitibano
— Curitiba — Paraná

TAPÊTES FEITOS À MÃO

TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

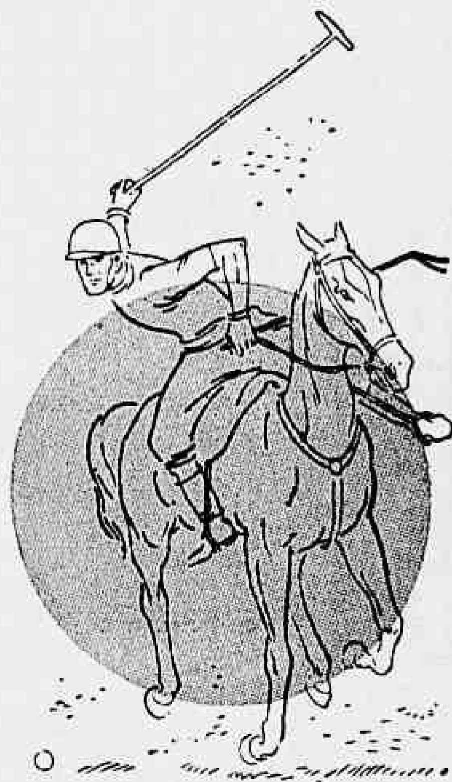
GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

eleito por você... preferido por milhares!



A consagração de que hoje goza Hollywood é resultado da preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência...



II-88.145

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ